



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES – CECA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

FÁBIO LÚCIO ZANELLA

QUEERMUSEU: DISCURSOS E SENTIDOS EM EXPOSIÇÃO

**CASCAVEL
2020**

FÁBIO LÚCIO ZANELLA

QUEERMUSEU: DISCURSOS E SENTIDOS EM EXPOSIÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para a obtenção do título de Mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível mestrado e doutorado - área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares.

CASCADEL
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Zanella, Fábio Lúcio

Queermuseu: Discursos e Sentidos em Exposição / Fábio Lúcio Zanella; orientador(a), Alexandre Sebastião Ferrari Soares, 2020.

144 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Análise do Discurso Francesa. 2. Queermuseu. 3. Comentários e discursos digitais. I. Soares, Alexandre Sebastião Ferrari.

FÁBIO LUCIO ZANELLA

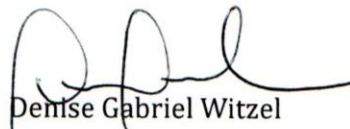
Queermuseu: Discursos e sentidos em exposição

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Denise Gabriel Witzel

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)



Raquel Ribeiro Moreira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 14 de fevereiro de 2020

*Dedico esse trabalho a meus filhos,
Gabriela e Pedro, que me fizeram
entender e sentir o amor incondicional.
Desejo que possam alçar voos mais altos...*

AGRADECIMENTOS

A Deus, motor imóvel do Universo, por sua presença constante em minha vida e por ser maior que as religiões.

Ao professor Alexandre Sebastião Ferrari Soares por me orientar com muito profissionalismo, disponibilidade, atenção e rigor teórico, fazendo-me perceber outras possibilidades de sentido nas análises, assim, hoje, a palavra orientador para mim possui outros significados: incentivador, observador, prestativo e amigo.

Às professoras Denise Gabriel Witzel e Raquel Ribeiro Moreira pela leitura atenciosa, contribuições no exame de qualificação e também por participarem da minha banca avaliadora.

À professora Dantielli Assumpção Garcia e ao professor João Carlos Cattelan pelas aulas e discussões aprofundadas sobre a Análise do Discurso.

À UNIOESTE por cumprir um importante papel social e por ofertar esse curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* público, gratuito e de qualidade.

Aos colegas Marcelo Nicomedes e Cezar Versa pelas conversas que ajudaram a refletir sobre inquietações.

A meus pais que me deram exemplo de dedicação, persistência, humanidade e abnegação. Discursos essenciais para a minha formação como sujeito.

À minha esposa Yara pelo carinho, paciência e companheirismo, por me apoiar e estar ao meu lado em todos os desafios que passamos juntos nesse período.

*“Eu gosto de olhos que sorriem,
de gestos que se desculpam,
de toques que sabem conversar
e de silêncios que se declaram.”*

(Machado de Assis)

*“O ódio vem do medo de
deixar os outros viverem de
forma diferente da sua.”*

(Judith Butler)

ZANELLA, Fábio Lúcio. **Queermuseu: Discursos e Sentidos em Exposição.** (146f.). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

RESUMO

O presente estudo desenvolve a Análise do Discurso sobre os discursos e sentidos que circularam nos comentários produzidos a partir da exposição de arte *Queermuseu* que foi realizada em Porto Alegre, RS, em 2017. As obras da exposição faziam referência aos discursos sobre a sexualidade e sobre a religião, assim gerou grande repercussão na mídia polemizando o assunto, então, o banco Santander, patrocinador do evento, resolveu encerrar a exposição no dia 10 de setembro de 2017 e fez uma nota explicativa na rede social *Facebook*. Com essa publicação, os internautas realizaram comentários sobre o evento e, em menos de dois dias, havia mais de 1.000 comentários, chegando a 30.000 comentários publicados. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo verificar o funcionamento discursivo dos comentários vinculados à nota publicada pelo Santander que comunicou o fechamento da exposição *Queermuseu*. Para delimitar a análise, foram observados os primeiros 1000 comentários, publicados entre os dias 10 e 11 de setembro de 2017, e foram selecionados os vinte que tiveram mais curtidas pelos usuários do *Facebook*. A base teórica e a metodologia são fundamentadas na Análise do Discurso de orientação francesa desenvolvida por Michel Pêcheux. Nesse campo teórico, estuda-se o modo como os discursos são postos em circulação e como funcionam gerando efeito de sentido para o sujeito, além disso, trata do funcionamento dos atravessamentos ideológicos e das regularidades discursivas inseridas nos discursos. Com a realização, percebeu-se a mobilização de diversas formações discursivas que imbricadas na discursivização dos comentários mostram a regularidade dos discursos e os posicionamentos em relação ao *Queermuseu* a partir de memórias constituídas (discursiva, institucionalizada e metálica). No ciberespaço, a circulação produz deslocamentos e atualizações constantes para os sujeitos internautas, funcionando como um espaço de pluralidade de opiniões e efeitos de sentido a partir de uma memória metálica com multiplicidade de vozes. Com o estudo, percebeu-se que acontecem interdições dos dizeres favoráveis ao *Queermuseu*, os comentários mostram a posição-sujeito por meio das redes sociais, principalmente por segmentos conservadores, observa-se que acontece um efeito de polarização potencializada pelo ciberespaço porque o sujeito pode ter a impressão que há uma coletividade tomando posição com base em sua formação discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso francesa; *Queermuseu*; Comentários e discursos digitais.

ZANELLA, Fábio Lúcio. ***Queermuseu: Discourses and Senses in Exposition.*** (146f.). Master thesis (Master in Letters) – State University of Western Paraná, Cascavel, 2020.

ABSTRACT

The present study develops Discourse Analysis on the discourses and senses that circulated in the comments produced from the *Queermuseu* art exhibition that was held in Porto Alegre, RS, in 2017. The works in the exhibition referred to the discourses about the sexuality and religion, thus, it generated great repercussion in the media polemizing the issue. Then Santander Bank, sponsor of the event, decided to close the exhibition on September 10, 2017 and made an explanatory note on the social network Facebook. With this publication, the Internet users made comments about the event and, in less than two days, there were more than 1,000 comments, reaching 30,000 comments published. Thus, this research aims to verify the discursive functioning of the comments linked to the note published by Santander that communicated the closing of the exhibition *Queermuseu*. To delimit the analysis, the first 1000 comments, published between September 10 and 11, 2017, were observed, and the twenty that had the most likes by Facebook users were selected. The theoretical basis and methodology are based on the French Orientation Discourse Analysis developed by Michel Pêcheux. In this theoretical field, it is studied how the discourses are put into circulation and how they work generating an effect of meaning for the subject, in addition, it deals with the functioning of ideological crossings and discursive regularities inserted in the discourses. With the realization, it was noticed the mobilization of several discursive formations that interwoven in the discursivization of comments show the regularity of the discourses and the positions in relation to the *Queermuseu* based on constituted memories (discursive, institutionalized and metallic). In cyberspace, circulation produces constant displacements and updates for Internet users, functioning as a space of plurality of opinions and effects of meaning from a metallic memory with a multiplicity of voices. With the study, it was noticed that there are interdictions about says in favor of the *Queermuseu*. The comments show the subject position through social networks, mainly by conservative segments, it is observed that there is a polarization effect potentiated by cyberspace because the subject can have the impression that there is a collective taking a position based on yourself discursive formation.

KEYWORDS: French Discourse Analysis, *Queermuseu*. Digital comments and discourses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Obras dos artistas: Pedro Américo (1889), Angelina Agostini (1910) e Cândido Portinari (1928).	23
Figura 2: Charges publicadas no Jornal Charlie Hebdo em 2015.	44
Figura 3: Nota do Santander sobre o fechamento do <i>Queermuseu</i> , publicada no <i>Facebook</i> em 10/09/2017.....	57
Figura 4: Ícones selecionados pelos usuários do <i>Facebook</i> na opção “curtir” da nota publicada pelo Santander.....	61
Figura 5: <i>Queermuseu</i> , obra: “Cena de interior II”, 1994, de Adriana Varejão.	91
Figura 6: Obra: Ancient Greek sodomising a goat, 1900, de Édouard Avril.	96
Figura 7: <i>Queermuseu</i> , Obras “Travesti da Lambada e Deusa das Águas” e “Adriano Bafônica e Luiz França She-Há”, 2013, de Bia Leite.	101
Figura 8: Bandeira que representa a diversidade sexual, o arco-íris.	102
Figura 9: <i>Queermuseu</i> , obra “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva”, 1996, de Fernando Baril.....	109
Figura 10: Obra “Cristo Crucificado”, estátua do deus Shiva e escultura da deusa Kuan Yin.....	111
Figura 11: <i>Queermuseu</i> , Obra “Et Verbum”, 2017, de Antônio Obá.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Formações Imaginárias – relação entre os protagonistas do discurso. ...	50
Tabela 2: Formações Imaginárias – pontos de vista sobre o objeto imaginário.	51
Tabela 3: Formações Imaginárias – relação entre banco e internauta.	53
Tabela 4: Intervencionismo estatal sobre as ações individuais.	86

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – O AFETO AFETA O FATO	11
1 UMA INTERPELAÇÃO À POLÊMICA	14
1.1 <i>CORPUS</i> E <i>CORPORA</i>	18
1.2 <i>QUEER</i> : SENTIDOS (IM)POSSÍVEIS NO DISCURSO ARTÍSTICO	20
2 PERSPECTIVA TEÓRICA DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA	27
2.1 TRÍPLICE ALIANÇA	28
2.2 MOVIMENTO: IDEOLOGIA => SUJEITO => DISCURSO.....	30
2.3 MEMÓRIA, INTERDISCURSO, ESQUECIMENTOS E ILUSÕES.....	41
2.4 O IMAGINÁRIO: COMO EU VEJO E COMO ELE VÊ	50
2.5 O FECHAMENTO: SENTIDOS E DISCURSOS INTERDITADOS	53
2.6 MUSEU: O ESPAÇO INSTITUCIONALIZADO DA MEMÓRIA	62
3 SOCIABILIDADE DIGITAL E ATIVIDADE DISCURSIVA	66
3.1 CIRCULAÇÃO E COMENTARIZAÇÃO: UM EFEITO DO DIGITAL	74
4 DISCURSOS E SENTIDOS EXPOSTOS	81
4.1 LIBERDADE ARTÍSTICA E A POLÍTICA: O QUE PODE SER DITO?	81
4.2 SEXUALIDADE (I)LÍCITA.....	90
4.3 CORPO SAGRADO E PROFANO	108
4.4 MATERIALIDADES ÁCIDAS: IRONIAS, OFENSAS E AMEAÇAS	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
ANEXOS	140

APRESENTAÇÃO – O AFETO AFETA O FATO

Polêmicas intermináveis. Reclamações públicas. Pedidos de interdição. Pessoas indignadas diante do que as confronta. O contraditório inaceitável. Redes sociais transformadas em arenas de confronto. Ataques pessoais gratuitos. Fanatismo e ódio... Cavaleiros templários do século XXI que incansáveis fazem suas cruzadas pelo ciberespaço tentando extirpar o mal e, “sem vaidade”, esses “detentores da verdade” procuram se estabelecer como sábios defensores da moral e dos bons costumes. Assim, para definir tais atitudes na internet, considero pertinente se apropriar da citação de Umberto Eco: “as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis”, pois há muitas declarações pessoais no meio digital que reverberam excessivamente o ódio e a intolerância.

Enfim, o ponto de partida para o envolvimento com a temática de pesquisa, sem dúvida, é o que nos afeta pessoalmente. Vivenciei e presenciei diversas situações de preconceitos seja por condições socioeconômicas, características físicas, racismo ou sexualidade. Essas situações fizeram que eu desenvolvesse uma atitude de empatia por qualquer pessoa que fosse ofendida sem justificativa (penso que não exista justificativa para ofender alguém por diferenças e nem mesmo para aqueles que cometem “erros” – atitudes não aceitas por determinado grupo).

Além disso, por muito tempo, fui imerso em atravessamentos ideológicos cristãos evangélicos, formando um imaginário voltado para o perdão e a tolerância que a própria figura de Jesus inspira, dedicando-me aos estudos e ensinamentos religiosos. Assim, com a minha ilusão de completude, buscando resolver as “contradições” do discurso religioso cristão, eis o direcionamento para a minha formação em Letras, essencialmente com leituras em Teologia e Filosofia.

Vale fazer a ressalva que nesse período já passei a ter indignação com muitos líderes (pseudo)cristãos por posicionamentos moralistas visivelmente impraticáveis. Primeiramente havia aqueles que gostavam de demonstrar de forma vaidosa que eram “espiritualmente superiores” e também havia os que ignoravam as dificuldades cotidianas e, por não aprovar algum comportamento, publicamente colocavam-nos em “disciplina” (uma forma excomunhão temporária).

Posteriormente, atuando como professor de Língua Portuguesa, procurava incentivar os alunos para o desenvolvimento de competências argumentativas, orientando sobre retórica, persuasão e ética (chegando a alguns devaneios entre metafísica e filosofia da linguagem) ... Fiz leituras clássicas – como o *Órganon* de Aristóteles e o *Discurso do Método* de Descartes – além de estudar o *Tratado da Argumentação* de Chaïm Perelman. Estudos que pressupõem um sujeito consciente que escolhe, decide, pensa criticamente, age e interage...

Filiado a esses discursos teóricos, admito que tive dificuldades para aceitar o conceito de “sujeito inconsciente”. Mesmo em meio às leituras sobre a Análise do Discurso de orientação francesa, essas vozes teóricas anteriores ainda ecoam em meus gestos de leitura buscando lampejos para questionar sobre a consciência do sujeito.

Apesar do conflito: “consciência: ser ou não ser”, apeguei-me à teoria de Pêcheux (um filósofo falando de linguagem). Eu poderia dizer que isso aconteceu porque considero muito difícil ultrapassar o senso comum e estabelecer pensamentos críticos, e a Análise do Discurso faz uma “crítica à afirmação do óbvio”.

Outra questão relevante da atuação docente aconteceu por passar a conhecer a história de alunos que sofrem os mais diversos tipos de preconceitos e ignorâncias gratuitas que, sem dúvida, causam indignação a qualquer sujeito com o mínimo de percepção humana, despertando-me para um maior envolvimento político e de resistência.

Desse modo, buscando aprofundamento nas discussões sociais, outros olhares atravessaram as falhas e as incompletudes, tirando-me do lugar que ocupava, promovendo um inevitável deslocamento. Fazendo-me olhar para trás e não aceitar mais pregações, piadas e opiniões outrora proferidas.

Conhecendo os pressupostos ideológicos que me constituem como sujeito, tem-se o entendimento que o pensamento filosófico questiona o saber constituído e que os movimentos artísticos agem como geradores desses questionamentos sociais. Desse modo, ao observar, nas redes sociais, a repercussão relacionada ao *Queermuseu* e os discursos publicados como comentários no *Facebook* que reverberam uma intolerância inaceitável diante da diversidade humana, definiu-se a temática da presente pesquisa a qual se torna um grande desafio, pois, na conjuntura atual, há um tabu para discussões que transitam entre o imaginário de sagrado e profano.

Para que a pesquisa possa ter o rigor científico e o distanciamento necessário como analista, será utilizado como base o aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, justamente para observar como ocorre o funcionamento dos discursos no contexto das redes sociais, analisando a condição de produção do ciberespaço e os atravessamentos ideológicos que orientam os enunciados produzidos pelos usuários do *Facebook* sobre o *Queermuseu*.

1 UMA INTERPELAÇÃO À POLÊMICA

De forma ampla, o tema aborda os aspectos teóricos da Análise do Discurso a respeito da Formação Ideológica e da Formação Discursiva procurando compreender as relações sociais e o modo como se estabelecem para identificar o funcionamento discursivo, percebendo como as ideologias vigentes se inscrevem nas situações de interação social determinando relações de poder e, conseqüentemente, conflitos e interdições.

Para desenvolver a presente proposta, têm-se, como elementos propulsores, enunciados postos em circulação que foram gerados a partir da exposição do *Queermuseu* de 2017, considerando os conflitos discursivos na sociedade contemporânea e o contexto de produção discursiva, com base na Análise do Discurso de perspectiva francesa (AD), especificamente a partir das teorias de Pêcheux, pode-se questionar: Como esses discursos são postos em circulação e como geram efeito de evidência para o sujeito? E quais regularidades podem ser percebidas a partir das Formações Discursivas em funcionamento?

Considerando esses questionamentos, será observado o modo de funcionamento dos atravessamentos ideológicos e a identificação das regularidades discursivas inseridas nos comentários selecionados e analisados como *corpus* do presente trabalho. Como encaminhamento metodológico, pretende-se discutir teoricamente os conhecimentos sobre Análise do Discurso para compreender o funcionamento da ideologia nos processos de produção de sentido, observando as situações discursivas que geram conflito.

Com essas circunstâncias, a presente pesquisa tem como objetivo verificar o funcionamento discursivo dos comentários postados pelos internautas como resposta à nota publicada pelo Santander que comunicou o fechamento da exposição *Queermuseu* em Porto Alegre - RS.

A fundamentação teórica sobre a Análise do Discurso francesa (AD) terá por base os autores Michel Pêcheux (2008, 2014a, 2014b, 2014c, 2015), Eni Orlandi (2007, 2008, 2015) e Michel Foucault (1996, 2008). Para abordar sobre o discurso situado no ciberespaço, será a abordagem da autora Cristiane Dias (2009, 2015, 2018).

Este trabalho apresentará uma abordagem relativa à sexualidade, para fundamentar a discussão, serão utilizados os textos dos autores Foucault (1988,

2006), Butler (2003, 2013) e Soares (2019). Com isso, busca-se compreender quais os efeitos possíveis a partir das materialidades produzidas e como esses discursos são constituídos a partir de memórias e interdiscursos.

Espera-se, ao desenvolver a análise, entender o funcionamento do discurso no digital, envolvendo aspectos sobre relações de poder, interdição, identificação e resistência.

Assim, pretende-se pesquisar não somente “o que” é dito, mas sim “como” esses discursos funcionam nas relações sociais. Para produzir uma análise, Orlandi afirma que: “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam” (ORLANDI, 2005, p.151).

Vale destacar que o trabalho apresenta uma abordagem da teoria sobre o Materialismo Histórico e serão feitas as ponderações para compreensão da Formação Ideológica, pois são conceitos que constituem a AD, para podermos avaliar as Materialidades Discursivas que terão interpretação conforme o contexto estabelecido historicamente, considerando também suas contradições e ressignificações (ZOPPI-FONTANA; AMARAL, 2015).

A pesquisa propõe um questionamento sobre a opacidade dos discursos nas práticas sociais de comunicação por meio das redes sociais, considerando que os discursos são as práticas sociais nas quais a ideologia se inscreve e que o discurso liga o homem a sua realidade e como funcionam os discursos em situações contraditórias.

Outro aspecto relevante é a observação sobre a naturalização dos discursos pelo funcionamento da ideologia e o modo como é produzido o efeito de evidência. Assim, será discutido sobre os Aparelhos Ideológicos, apresentados por Althusser (1980), considerando as relações de poder.

Na atualidade, o ciberespaço potencializa a circulação dos discursos, por isso, torna-se relevante abordar a noção de cibercultura de Pierre Lévy (1999) e também como Cristiane Dias (2018) observa o funcionamento discursivo nesse novo espaço e condição de produção de materialidades discursivas.

O presente trabalho possui como objetivo geral: verificar o funcionamento discursivo nos comentários que repercutiram na rede social *Facebook* a partir da publicação feita pelo *Santander*, especificamente da nota que anunciou o cancelamento da exposição *Queermuseu* em Porto Alegre.

Como Objetivos Específicos, pode-se enumerar:

(1) Verificar como a ideologia produz um efeito de evidência para os sujeitos por meio dos esquecimentos, para isso, será feito um aprofundamento sobre a perspectiva teórica da Análise de Discurso de orientação francesa, especificamente sobre os conceitos de memória, interdiscurso e silenciamento.

(2) Apresentar a exposição *Queermuseu* com base em notícias e outras publicações da mídia, considerando a polêmica a respeito da sexualidade e da religiosidade, observando como os efeitos de sentido podem ser percebidos entre os sujeitos que utilizam as redes sociais na condição do ciberespaço.

(3) Perceber como os discursos funcionam por meio dos comentários, formulados como resposta à nota do Santander que anunciou o cancelamento da exposição e como a memória e os esquecimentos produzem os efeitos de sentido.

Para delimitar o *corpus*, entre os primeiros 1000 comentários publicados nos dias 10 e 11 de setembro de 2017, foram selecionados os vinte que tiveram mais curtidas pelos usuários da rede social *Facebook*. A coleta e a seleção das materialidades discursivas foram realizadas no dia 11 de agosto de 2019. Os comentários foram organizados em ordem decrescente conforme o número de curtidas e estão apresentados integralmente nos anexos deste trabalho (ANEXO 1).

Para entender os efeitos de sentido, é indispensável a observação das condições de produção, podemos destacar que, ao analisar o discurso, deve-se observar a “relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”, procurando depreender as “regularidades da linguagem em sua produção” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Ademais, o discurso é um efeito de sentido entre interlocutores, entretanto, não existe uma determinação sobre o tipo de linguagem que deve ser utilizada. Assim, como materialidade discursiva, de forma ampla, pode-se considerar a linguagem verbal sonora ou escrita e a linguagem não verbal de um modo dinâmico ou estático. Com base nas materialidades selecionadas, observa-se os elementos relacionados ao materialismo histórico e à psicanálise para perceber os efeitos de sentido, recorrendo a percepção de elementos que são utilizados com certa regularidade e estabilidade (PÊCHEUX, 2014a).

“O discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico” (ORLANDI, 2008, p. 31), Assim, o funcionamento do discurso depende de uma materialidade, que pode ser constituída a partir de fala, um texto, um gesto, um ruído,

uma foto, um filme, um ícone, um desenho, uma obra de arte, enfim, pode-se enumerar diversas variações da expressão humana que podem ser, invariavelmente, definidas como materialidades discursivas.

Os textos, para nós, não são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas **monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras**. Nem tampouco nos atemos aos aspectos formais cuja repetição é garantida pelas regras da língua – pois nos interessa sua materialidade, que é linguística – histórica, logo **não se remete a regras, mas as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco**. O que **nos interessa** não são as marcas em si, mas **o seu funcionamento no discurso** (ORLANDI, 2015, p. 64-65, grifos nossos).

A AD considera que palavras são vazias de significado, não há uma transparência nos sentidos ou uma determinação evidente, pois os efeitos de sentido podem ser compreendidos a partir da materialidade discursiva e depende do funcionamento da ideologia no sujeito, clivado, devendo-se considerar também as condições de produção e o imbricamento ideológico que constituem os sentidos para o sujeito. Também relaciona aos discursos já ditos, questionando porque foram ditos e quais efeitos de sentido produzem. Quando o discurso é formado, torna-se algo simbólico e pode ser ressignificado. Nessa circunstância, o analista tem o desafio de entender a ideologia em funcionamento no discurso, o lugar do sujeito que enuncia e as condições de produção, entre outros conceitos relevantes como Interdiscurso, Memória, Formação Discursiva, Formação Imaginária e Silenciamento para uma abordagem satisfatória do tema.

Para analisar, deve-se buscar a objetividade, Henry afirma que “Pêcheux visava a uma transformação da prática nas ciências sociais, uma transformação que poderia fazer dessa prática uma prática verdadeiramente científica” (HENRY, 2014, p.17), pois considera que as ciências sociais são apenas ideologias e para estabelecer como ciência propriamente deve haver uma ruptura com a ideologia, rompendo com o senso comum e com o óbvio, chegando à criticidade. Como diz o próprio Pêcheux (2014a), deve-se “ousar a pensar por si mesmo”.

Desse modo, propõe-se um estudo que possa contribuir para a discussão da AD como aparato teórico-metodológico, visando perceber o modo como os discursos funcionam, por meio da memória e dos interdiscursos, e produzem possibilidades de

sentidos entre os interlocutores. Além disso, entender como acontece o efeito de evidência que trata da ilusão do sujeito que pensa ser origem do discurso.

Diversos discursos se estruturam demonstrando certa estabilidade, fazendo o sujeito ter a percepção que o sentido é óbvio. Entretanto, os sentidos não são evidentes com uma correspondência direta com o pensamento, há uma opacidade que constitui uma complexidade e também imbrica ideologias por meio da linguagem. Assim, nesse estudo, também será discutido sobre o modo como a sexualidade é discursivizada e como acontece a (des)estabilização dos discursos em torno do *Queermuseu*.

Orlandi (2015) explica que a análise desenvolvida deve continuamente movimentar-se entre a teoria e o objeto percebendo as relações entre o discurso, língua, sujeito e os efeitos de sentidos. Para um gesto de leitura, deve-se observar o modo de constituição, formulação e circulação. Assim, para a constituição dos sentidos, considera-se que os discursos são constituídos, principalmente, por interdiscursos e memórias mobilizadas pelas materialidades discursivas. Desse modo, desde a fundamentação teórica, o *corpus* já será mobilizado para relacionar com os conceitos da AD.

1.1 CORPUS E CORPORA

A produção das materialidades discursivas que serão analisadas na presente pesquisa aconteceu a partir da realização da exposição do *Queermuseu*, em Porto Alegre, em 2017. Foi produzida uma discussão social com ampla repercussão na mídia, fazendo com que muitos líderes religiosos cristãos, políticos e artistas viessem a público para defender ou atacar a exposição como um todo fazendo críticas específicas a algumas obras que faziam uma abordagem, considerada ofensiva, a respeito dos símbolos religiosos representativos do catolicismo e também sobre a sexualidade.

Outro fator que influencia é a chamada “viralização” possível no ciberespaço que acontece quando um conteúdo rapidamente atinge grande número de visualizações. Esse movimento ocorre por efeito da ideologia nos sujeitos, mesmo sem uma voz institucionalizada declarada. Desse modo, a nota publicada pelo *Santander* sobre o *Queermuseu* ganha relevância, pois em menos de dois dias a publicação já tinha mais de 1000 comentários, posteriormente, na data de coleta dos

dados para este estudo (agosto de 2019), chegou a 29.000 *likes* e atingiu 30.000 comentários, os quais refletem diretamente a identificação dos sujeitos e o respectivo posicionamento ideológico.

A escolha e a observação sobre a constituição do *corpus* e o movimento de análise estão intrinsecamente relacionados, pois “todo o discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para o outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem **recortar e analisar estados diferentes**” (ORLANDI, 2015, p.62, grifos nossos), logo há um atravessamento ideológico e uma memória que constituem o próprio analista enquanto sujeito. Orlandi (2015) afirma que:

(...) **decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas** (...) a melhor maneira de atender à constituição do *corpus* é **construir montagens discursivas** que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, **face aos objetivos da análise**, e que permitam chegar à sua compreensão (ORLANDI, 2015, p. 63, grifos nossos).

O objetivo é entender quais discursos estão em funcionamento por meio dos comentários publicados no *Facebook* sobre o *Queermuseu* para perceber como acontece a identificação dos sujeitos com os discursos sobre o fechamento, pois aí pode-se perceber as relações de poder pelos dizeres e silenciamentos.

Logo, para compreender o funcionamento dos sentidos nos comentários, é necessário buscar o que foi dito antes e que estabelece relação com os discursos em análise. Desse modo, há outras materialidades discursivas – como a nota publicada pelo Santander, obras expostas no *Queermuseu*, além de outras obras e textos históricos – que também serão analisadas. Ressalta-se que essas outras materialidades não são os objetos específicos de análise, entretanto, constituem-se como referências importantes para o estudo.

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Considerando que a “sequência de enunciados” possui sentidos possíveis como unidades constitutivas do discurso que são objetos da AD, para viabilizar a análise, as materialidades discursivas coletadas na rede social *Facebook* (a nota

publicada pelo banco e os respectivos comentários selecionados) foram divididas e serão denominadas como Sequências Discursivas (SD).

A organização inicial para a seleção do material foi por ordem de “curtidas”, entretanto, para a análise, as respectivas SDs foram organizadas conforme a apresentação da teoria e pelos possíveis efeitos de sentido percebidos.

1.2 QUEER: SENTIDOS (IM)POSSÍVEIS NO DISCURSO ARTÍSTICO

A exposição “*Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira*” foi um evento idealizado pelo curador de arte Gaudêncio Fidelis¹, com o intuito de promover discussão sobre a diversidade da sexualidade. A partir da abertura da exposição, criou-se uma polêmica em torno do conteúdo das obras que repercutiu na grande mídia, interpelando diversas lideranças a se posicionarem e emitirem pareceres avaliando a situação, deixando os “sentidos e os discursos em exposição”.

As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, **na análise**, devemos **observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito**, etc. (...) As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio. Isso tem que fazer parte da observação do analista. (ORLANDI, 2015, p. 83-85, grifos nossos).

Entende-se que as relações sociais podem se estabelecer pelos discursos aceitos socialmente e que há dizeres aparentemente não autorizados, assim se percebe a relação de poder entre os sujeitos. Quando se observa o que não se diz e o que não se pode dizer, percebe-se que pode haver uma imposição silenciando certos dizeres como uma forma de interdição, por isso, na análise, é essencial perceber as Formações Discursivas que determinam o que pode ser dito.

¹ Escultor, historiador, crítico e curador de arte. Bacharel em Desenho (IA/ UFRGS), mestre em Arte (NYU/EUA) e doutor em História da Arte (SUNY/EUA), Realizou estudos em desenho, com Carlos Fajardo, e escultura, com Iole de Freitas e Waltércio Caldas. Foi diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (IEAVI), fundador e primeiro diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS/1991–1993), e diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS/2011–2014). Atuou como curador-adjunto da 5ª Bienal do Mercosul (2005) e é o atual curador-chefe da 10ª edição da Bienal do Mercosul (2015). É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) – Fonte: Nota de Imprensa do Banco Santander na ocasião da abertura do *Queermuseu*, divulgada pelo SALIC – Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura – disponível em: <<http://salic.cultura.gov.br/verprojetos/abrir?id=1276858>>.

As obras da exposição faziam referência a todos os tipos de sexualidade, os quais, em estudos realizados a partir dos anos noventa, com a formulação teórica de Butler (2003, 2013), foram denominados como *queer*.

O termo “queer” tem sido usado, na literatura anglo-saxônica, para englobar os termos “gay” e “lésbica”. Historicamente, “queer” tem sido empregado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais. Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo a conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra “queer” joga também com um de seus outros significados, o de “estranho”. Os movimentos homossexuais falam, assim de um política *queer* ou de uma teoria *queer* (BUTLER, 2013, p. 171).

Observa-se que discursivamente a denominação *queer* foi apropriada invertendo o sentido negativo trazendo outra percepção para a expressão, deslizando e ressignificando.

Nessa situação, percebe-se o funcionamento do interdiscurso que é “o já-dito que está na base do dizível” e “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa” (ORLANDI, 2015, p. 31).

Estabelecemos com o interdiscurso, o saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres, a memória que tornou possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento e que representa o eixo de sua constituição (ORLANDI, 2015, p. 33)

Assim, segundo Butler (2013), sobre o termo *queer*, observa-se que a partir de outros dizeres foi produzido um novo sentido com empoderamento marcando um deslocamento que levou a uma nova identificação com o termo. Logo, há uma relação interdiscursiva porque trata da observação das formações discursivas anteriores, memória e historicidade – conforme Orlandi (2015, p. 32) com “dizeres já ditos e esquecidos” – que permite produzir efeitos de sentido nos discursos da atualidade.

Butler (2003) também menciona que outras categorizações funcionam como forma de desestabilizar os discursos sobre sexualidade, entretanto, mesmo na ressignificação ainda carregam a memória da heteronormatividade:

Os termos *queens, butches, femnies, girls*, e até a reapropriação parodística de *dyke, queer e fag*, **redesdobram e desestabilizam as categorias sexuais** e as categorias originalmente derogatórias da identidade homossexual. **Todos** eles podem ser entendidos como **sintomáticos da “mentalidade hetero”**, como formas de

identificação com a versão do opressor para a identidade do oprimido (BUTLER, 2003, p. 175, itálicos do autor, grifos nossos).

Louro (2016, p.7-8) acrescenta que *queer*: “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecível” e que é empregado “no âmbito teórico e político para indicar uma posição ou disposição de contestação e de não conformidade em relação às normas, processos de normalização ou cânones de qualquer ordem” (LOURO, 2017, p.17). Diante dessas definições, percebe-se que o termo vai além de uma definição pessoal, é uma forma de empoderar e constituir uma posição-sujeito, um local de fala com posicionamento ideológico ressignificado, levando ao apagamento da memória de um sujeito que está à margem.

A partir dessa leitura social, entende-se que as ideologias são determinadas nas relações sociais e, ao se falar sobre a homossexualidade, Butler explica que nesse processo de:

(...) **assumir um sexo com a questão de identificação** e com os meios discursivos pelos quais **o imperativo heterossexual** possibilita certas identificações sexuais e **impede** ou **nega** outras **identificações**. Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois a produção simultânea de um domínio de **seres abjetos**, aqueles que ainda **não são sujeitos** (BUTLER, 2013, p.155, grifos nossos).

Percebe-se que o sentido, para o sujeito homossexual, pode se constituir a partir de um “não-lugar”, de um lugar em que a interdição gera um efeito de silenciamento, considerando um “não-dito”, não se identificando com o “poder” e o “desejo” das classes dominantes que determinam um “imperativo heterossexual”. Desse modo, esse sujeito homossexual inserido em uma sociedade que possui um discurso hegemônico religioso cristão e conservador é tratado como um sujeito marginalizado porque é definido somente a partir de sua sexualidade.

A Análise do Discurso procura compreender os discursos já ditos, entendendo porque foram ditos e quais efeitos de sentido foram produzidos. Quando o discurso é formado, considera-se que o fato foi inscrito na linguagem por meio da ideologia, podendo produzir os mesmos sentidos ou ressignificar. Nessa circunstância, o analista tem o desafio de entender o modo de funcionamento da ideologia na produção dos discursos analisados.

Logo, retomando a abordagem sobre o *Queermuseu*, a partir do entendimento do termo, justifica-se o nome do evento e podemos ter mais clareza sobre a perspectiva de abordagem das obras na exposição do curador Gaudêncio Fidelis em Porto Alegre-RS.

A abertura do evento ocorreu no dia 15 de agosto de 2017 e a sua duração estava prevista até o dia 08 de outubro. Havia mais de 270 obras artísticas que tratavam da temática “questões de gênero e diferença”, com a participação de mais de 80 artistas, entre eles, vale ressaltar os nomes dos artistas Fernando Baril, Bia Leite, Adriana Varejão, Cândido Portinari, Lygia Clark, Leonilson Bezerra Dias e o italiano Alfredo Volpi que são artistas reconhecidos em diversas exposições nacionais e internacionais (FOSTER, 2017; FARAH, 2017; SALIC, 2017).

Figura 1: Obras dos artistas: Pedro Américo (1889), Angelina Agostini (1910) e Cândido Portinari (1928).



Fonte: SALIC² (2017).

Vale destacar que muitas obras não eram recentes, sendo produzidas em meados do século XIX e que já foram apresentadas em outras exposições pelo mundo, com representações de sexualidade masculina divergente do imaginário heteronormativo (Figura 1). Como é o caso de uma obra “Busto de Jovem” do italiano Pedro Américo com data de 1889, pode-se citar também a obra de Angelina Agostini com data de 1910 que traz a figura de um homem nu, a obra “Retrato de Rodolfo

² Imagens do projeto apresentado ao SALIC – Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura – Disponível em: <<http://salic.cultura.gov.br/verprojetos/abrir-documentos-anexados?id=165941&tipo=2&idPronac=207087>>.

Jozetti” produzida em 1928 por Cândido Portinari, além de outras com datas e conteúdos semelhantes.

Por ser uma exposição aberta ao público e ter representações diretas sobre a sexualidade, houve repercussão nas redes sociais e em sites de notícias (TAVARES e AMORIM, 2017; MENDONÇA, 2017; FOSTER, 2017; FARAH, 2017; DIAS, 2017) dizendo que a exposição foi acusada de desrespeitar símbolos religiosos católicos e que as obras incitavam a pornografia, a pedofilia e a zoofilia:

Postagens e comentários contrários à exposição se alastraram. Grupos liberais e ultraconservadores passaram a se manifestar. (...) quando a direção do Santander decidiu encerrar a mostra, as caixas de e-mails de funcionários do banco passaram a ser inundadas por mensagens de repúdio ao conteúdo da *Queermuseu*. Algumas dezenas com o mesmo endereço de remetente, de entidades religiosas, por exemplo, mas com assinaturas diferentes. A página do Santander Cultural no *Facebook* também recebeu um volume muito além do normal de comentários (TAVARES e AMORIM, 2017).

Nos últimos dias, a intolerância voltou a assombrar a arte. A exposição *Queermuseu* (...) foi cancelada neste domingo após uma onda de protestos nas redes sociais. A maioria se queixava de que algumas das obras promoviam blasfêmia contra símbolos religiosos e também apologia à zoofilia e pedofilia (MENDONÇA, 2017).

As críticas foram discutidas amplamente a partir de sites de notícias e pelas redes sociais, incentivadas principalmente por entidades religiosas e grupos liberais e ultraconservadores que acusavam de diversas imoralidades. Toda a exposição foi alvo de críticas, pois discutiam sexualidade e/ou religião, mas, conforme a pesquisa feita por Foster (2017) e Dias (2017), a ênfase das críticas e acusações foi mais incisiva sobre algumas obras que tiveram as imagens amplamente compartilhadas.

As denúncias de zoofilia atingem uma obra específica: *Cena de Interior II*, tela da artista visual carioca Adriana Varejão pintada a óleo em 1994. A denúncia de profanação repousa sobre mais de uma obra – a mais citada, no entanto, principalmente no vídeo que deu início à polêmica, é *Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva*, tela de 1996 do porto-alegrense Fernando Baril. Por fim, a acusação de pedofilia atinge a exposição como um todo. No entanto, as obras *Travesti da Lambada e Deusa das Águas* e *Adriano Bafônica e Luiz França de She-há*, ambas de autoria da cearense Bia Leite, são as mais contestadas (FOSTER, 2017, grifos do autor).

Assim, observa-se que a exposição produziu, para os religiosos e conservadores que se manifestaram, diversos efeitos de sentido considerados

ofensivos e as críticas publicadas na mídia foram apresentadas com base em algumas obras nas quais a divergência era mais aparente para se justificar as acusações feitas dizendo que havia zoofilia, profanação e pedofilia. Tais críticas podem ser percebidas também pelo *corpus* do trabalho em que os internautas se manifestaram:

SD1. Apologia a **zoofilia**, **pedofilia** e ultrage ao culto religioso! **Zombam da fé** sob a capa de “conteúdo artístico” (Recorte do comentário 3, grifos nossos).

SD2. Os responsáveis devem responder **criminalmente** por apologia à **pedofilia** e **escárnio da fé** alheia (Comentário 15, grifos nossos).

Observa-se na SD1 e SD2 que os sujeitos acusam a exposição de práticas ofensivas. Os sentidos são provocados por efeito ideológico. Assim, para os sujeitos filiados ao discurso religioso cristão e conservador, o efeito de sentido das obras é considerado como uma profanação ou uma imoralidade.

Através de um movimento discursivo, tal como o compreendo a partir do dispositivo teórico-metodológico da AD, **as materialidades artísticas vão marcando filiações a discursos outros**, sejam eles da língua, da política, da cultura, do patrimônio. No entanto, percebo **tais movimentos interpelados pela história**. Dito de outro modo, **não é algo do sujeito** (por sua vontade própria), **mas do discurso** (NECKEL, 2013, p. 292, grifos nossos).

Entretanto, conforme Neckel (2013), o funcionamento da ideologia não depende da vontade do sujeito, logo os sentidos não podem ser determinados como evidentes. Há possibilidades de sentido a partir da filiação às Formações Discursivas. Desse modo, se houver filiação ao Discurso Artístico, o efeito pode ser de crítica social. Mas, pode haver deslocamento dependendo da posição-sujeito e dos discursos que o constituem. Enfim, conforme o funcionamento da ideologia no sujeito, o sentido pode ser outro. E as obras de arte, como materialidades discursivas, também dependem da relação entre sujeito, ideologia e condições de produção para os respectivos gestos de leitura.

O que se coloca não é “o que é visto”, mas “como é visto”, distanciando-se da ideia positivista que tenta fixar um significado. (...) a imagem – enquanto linguagem – não é transparente. Desse modo, ela não busca sentidos secretos, mas indícios que estão na superfície. Produz um conhecimento partindo a imagem como detentora de uma espessura semântica, que lhe confere

materialidade própria e significativa, concebendo-a em sua potencialidade discursiva (CAMPOS, 2010, p. 13).

Há de se levar em conta que na condição de produção das obras, existe uma circunstância, efeitos de sentido que são produzidos ao se relacionar com os sujeitos e com o materialismo histórico. Entretanto, quando as mesmas imagens são reapresentadas de um modo público, com relativo distanciamento de sua produção, já ocorre um deslocamento com olhares direcionados a partir de outros atravessamentos ideológicos, considerando principalmente o debate público a respeito da identificação ou não identificação com a ideologia religiosa cristã e com o conservadorismo, formando deslocamentos e deslizamentos que podem produzir novos efeitos de sentido.

2 PERSPECTIVA TEÓRICA DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

A partir de problemas de interpretação, falta de clareza, significados que podem ficar confusos ou perdidos dependendo de quem, onde e quando fala, Pêcheux (2014a) afirma que a língua não é óbvia, é falha, não é transparente, pode haver diferenças na percepção do sentido. Eis a problematização sobre a linguagem fomentada por Michel Pêcheux que no subtítulo da obra “Semântica e Discurso”, indica a abordagem do estudo: “uma crítica à afirmação do óbvio”, indicando que os sentidos não são evidentes, há uma opacidade.

Pêcheux afirma que o “termo *semântica* se avizinha hoje (...) dos termos *semiótica* e *semiologia*” (2014a, p.9) demonstrando conhecimento das teorias interpretativas desenvolvidas por diversos autores, mencionando Pierce, Ducrot, Todorov e até John Locke, além de observar princípios baseados na lógica que orientariam uma “linguagem ideal” proposta por Morris. Pêcheux, com ampla leitura, não se filia a nenhuma dessas teorias.

Para iniciar sua proposição, Pêcheux cita Saussure:

A **língua** é um **sistema de signos** que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social* (SAUSSURE *apud* PÊCHEUX, 2014a, p.10 – itálicos de Pêcheux e negritos nossos).

Saussure considera a língua como um sistema e diz que seria necessária uma nova ciência sobre a “vida dos signos” na “vida social”. É interessante perceber o uso da palavra “vida” nesse contexto, pois sugere que há certa autonomia, variação e evolução (características dos seres vivos), assim, infere-se que os signos e a sociedade também são “vivos” no processo de atribuição de sentido, não é estável.

Ao observar que há variação na determinação dos sentidos e que as teorias eram insuficientes, Pêcheux se dedica à Semântica sabendo que é considerada como parte da linguística: “A semântica, (...), cuja definição mais geral é a de que ela se ocupa do sentido, parece derivar, antes de tudo, da Linguística e da Lógica” (PÊCHEUX, 2014a, p.10).

Na dicotomia saussuriana entre língua e fala, o linguista se dedicou ao estudo da língua como sistema e, com este pressuposto, Pêcheux já tinha a problematização

e o direcionamento sobre qual seria o seu objeto de estudo, e propõe resolver “por meio de uma reflexão sobre o polo menos desenvolvido por Saussure: a fala” (HENRY, 2014, p.42), evidenciando o interesse, não pelo sistema, mas pelo funcionamento da língua (o sentido). Então, para fundamentar como um método de análise teórica, utilizou-se de outras ciências que são determinantes para compreender o funcionamento dessas variações na atribuição de sentido.

2.1 TRÍPLICE ALIANÇA

Para definir, a Análise do Discurso possui filiação com três perspectivas teóricas: (1) a Linguística: com base nos estudos de Saussure, que serve como base para a produção dos enunciados e é questionada a respeito da opacidade, considerando que o sentido não é transparente; (2) o Materialismo histórico: que considera as condições de produção e a ideologia que produzem significados na construção histórica, este estudo é apresentado por Althusser tratando da teoria marxista; e (3) a Psicanálise: que trata da constituição de um sujeito inconsciente, segundo Lacan, com base nos estudos de Freud (ORLANDI, 2015).

Não há como fazer Análise do Discurso ignorando alguma dessas perspectivas, elas estão entrelaçadas e são indissociáveis. Pêcheux chegou a definir essa associação entre as teorias de Saussure, Lacan e Althusser como a tríplice aliança, que se constitui um aparato teórico-metodológico.

A Análise do Discurso é considerada uma ciência de entremeio porque ela não se ocupa especificamente da linguagem, da psicanálise e nem da ideologia, ela analisa o modo de funcionamento da ideologia manifestado na materialidade linguística por meio de um sujeito inconsciente, definindo o seu objeto como Discurso.

Pêcheux define discurso como o “efeito de sentido entre interlocutores”. Orlandi, no mesmo sentido, define discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” e complementa: “A teoria do discurso é a determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2015, p.15). Lembrando que discurso não pode ser entendido como fala, mas sim a regularidade que se mantém com sua natureza social.

Além das três áreas que constituem a teoria específica da Análise do Discurso, ela também “movimenta o tempo todo os discursos de diferentes campos

científicos – em torno da noção de sujeito, de ciências humanas, de ideologia, de sociedade, de política, etc. – e de diferentes teorias” (ORLANDI, 2015, p.17).

Como objeto de estudo, parte-se das chamadas “materialidades discursivas” que, segundo Orlandi (2015):

Nosso empreendimento supõe, parece-me levar a sério a noção de **materialidade discursiva**, enquanto nível de existência sócio histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as mentalidades de uma época, mas que **remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos)** em uma conjuntura histórica dada (ORLANDI, 2015, p.18, grifos nossos).

Para perceber as ideologias e o seu funcionamento no discurso, as materialidades estão apresentadas de forma prática:

São **materiais** de reflexão para todo analista de discurso: os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, os silêncios e muitos outros, cada qual com suas especificidades, **seus dispositivos analíticos e sua contribuição para a compreensão dos processos de significação** (ORLANDI, 2015, p.19, grifos nossos).

Para a compreensão da noção de efeito de sentido, deve-se observar como essa “palavra em movimento” produz possibilidades significativas em determinada condição. Também é perceber que o sentido não está claro, não é óbvio, ele pode se deslocar, deslizar e, por conseguinte, o sentido pode ser outro. Pêcheux (2008) afirma que o sentido não funciona de modo previsível e estabilizado:

Este caráter oscilante e paradoxal do registro do ordinário do sentido parece ter escapado completamente à intuição do movimento estruturalista. (...) não há metalinguagem – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro (PÊCHEUX, 2008, p. 52-53).

Não há domínio dos sentidos, acontece o deslocamento, o deslize, o equívoco e os sentidos podem variar. Assim, para analisar os discursos, é necessário considerar o movimento entre a linguagem, o sujeito e a ideologia, logo, não há um sentido estabelecido, os sentidos deslizam e as mesmas palavras, em outras formações discursivas, podem significar de um modo diferente.

2.2 MOVIMENTO: IDEOLOGIA => SUJEITO => DISCURSO

Inicialmente, conforme a definição de ideologia apresentada por Althusser (1980, p.69) “A ideologia [é] o sistema de ideias, das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social (...) Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos”. Posteriormente, o autor diz que a realidade da ideologia está fora de si mesma, é uma representação imaginária e é originária da alienação do sujeito (1980, p.73).

Na ideologia, “o que é representado não é o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais em que vivem” (ALTHUSSER, 1980, p.82). Com base nessa afirmação, pode-se definir, nos termos da Análise do Discurso, que a ideologia se inscreve no discurso determinando inconscientemente as práticas sociais baseadas no materialismo das condições de produção.

A ideologia é estabelecida como dominante, segundo Althusser (1980), por meio de seu funcionamento nos Aparelhos Ideológicos do Estado, dentre os quais cita que, antigamente, o principal aparelho era a igreja e, assumindo um caráter secundário, tem-se a família como meio de reprodução da ideologia. Esses aparelhos agem como uma forma de controle social para manter o sistema, para isso, há uma imposição orientando que o pensamento moral e virtuoso é ser passivo diante das violências sofridas “ao ponto de oferecer a face esquerda a quem já esbofeteou na direita” (ALTHUSSER, 1980, p. 63).

Sob a perspectiva da AD, há opacidade nos discursos postos em circulação nas práticas sociais em razão do funcionamento ideológico. Em qualquer materialidade produzida, um sujeito assume, inegavelmente, um posicionamento social. Tal prática discursiva – que procura ligar o homem à sua realidade – nos faz perceber o funcionamento de uma ideologia que pode representar ou confrontar os chamados Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). As instituições escolares, religiosas, de informação, políticas e culturais são AIEs (ALTHUSSER, 1980, p. 43).

A escola ensina “saberes práticos”, mas em moldes que asseguram a *sujeição à ideologia dominante*. (...) O aparelho de Estado Assegura pela repressão (da mais brutal força física às simples ordens e interditos administrativos, à censura aberta ou tácita, etc.) as condições políticas do exercício dos aparelhos ideológicos do estado. (ALTHUSSER, 1980, p. 10, 27)

Então, hoje, os Aparelhos Ideológicos também se utilizam dos meios tecnológicos (rádio, televisão, internet) para chegar aos sujeitos. Quando se fala em escola sem partido ou de evitar temáticas relacionadas às minorias, além de outras ações específicas para o controle dos discursos pela censura, na prática, trata-se de manter uma ideologia determinada.

Na sequência, ao falar sobre as ideologias, Althusser (1980, p.71) explica que há várias formas de ideologia, conforme a perspectiva política, religiosa, jurídica e moral, tratando-as como “posições de classe”. Também elucida que as ideologias são constituídas na história das formações sociais, desse modo, envolvem a constituição da sociedade com a respectiva luta de classes e todos os entraves e preconceitos que permeiam as relações sociais para a manutenção do sistema dominante (ALTHUSSER, 1980).

Há de se considerar que as ações do sujeito também são ideológicas, pois o sujeito deve se mobilizar conforme a ideologia que o constitui, determinando não só o que pode e deve ser dito, mas também aquilo que deve ser feito:

De facto, **se não faz o que deveria fazer** em função daquilo em que acredita, é porque **faz outra coisa**, o que, sempre em função do mesmo esquema idealista **dá a entender que tem ideias diferentes daquela que proclama**, e que age segundo essas outras ideias, como homem quer incosequente (ninguém é mau voluntariamente), quer cínico ou perverso (ALTHUSSER, 1980, p.87, grifos nossos).

Althusser diz que se “crê em Deus, vai a igreja para assistir à Missa, ajoelha-se, reza, confessa, faz penitência”, do mesmo modo, se “crê na Justiça, submeter-se-á sem discussão às regras do Direito, e poderá até protestar quando estas são violadas, assinar petições, tomar parte de manifestações (...)” (ALTHUSSER, 1980, p.86). Logo, quando ocorreram manifestações contrárias ao *Queermuseu* e o fechamento, houve uma interdição. Com as atitudes e discursos, percebe-se que há sujeitos com uma contraposição ideológica em relação aos discursos apresentados na exposição.

A respeito da defesa de um posicionamento, também se pode acrescentar que os posicionamentos são determinados, segundo Foucault, por uma vontade de poder ou de desejo.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que **qualquer um**, enfim, **não pode falar de qualquer coisa**. Tabu do objeto, ritual da

circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p.09, grifos nossos).

A interdição pode significar que há uma imposição ideológica em funcionamento e, quando não se está autorizado a falar, há uma interdição por uma relação de poder estabelecida socialmente que é uma das formas de silenciamento.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, **as interdições** que o atingem **revelam** logo, rapidamente, sua **ligação com o desejo e com o poder**. Nisto não há nada de espantos, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo: **é também** aquilo que é **o objeto do desejo**; e visto que (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas **aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar** (FOUCAULT, 1996, p.10, grifos nossos).

Percebe-se que as interdições a respeito de algo que se quer evitar em razão de uma moralidade imposta estão ligadas à identificação do sujeito com a ideologia em funcionamento, podendo-se ainda acrescentar que se trata de uma forma de controle social, por isso, para o sujeito filiado, é uma interdição necessária para manter o sistema, manter as relações de poder.

O autor também fala sobre a interdição por princípio de exclusão, que se trata de uma rejeição ou desmoralização, considerando-o como irracional, uma voz não autorizada, “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” para que não seja acolhida, “não tendo verdade nem importância” (FOUCAULT, 1996, p.10-11).

Creio que existe (...) o **controle dos discursos**. (...) trata-se de **determinar as condições de seu funcionamento**, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; **ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for de início, qualificado para fazê-lo**. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis (FOUCAULT, 1996, p. 36-37, grifos nossos).

No cotidiano, há discursos que são naturalizados em um dado contexto social em que os sentidos circulam entre os sujeitos, assim, para os sujeitos filiados à ideologia cristã (como mencionado na SD1 e SD2), é considerado como natural que os discursos tenham reverência e respeito em conformidade com o sentido sagrado,

logo, os discursos que atribuírem outros sentidos aos símbolos religiosos, serão considerados como ofensivos.

SD3. Desde quando pedofília e zoofília se enquadram nestes debates quando a eles se faz apologia? O que isto tem a ver com diversidade???. **Nossa sociedade não irá chegar ao cúmulo de adoecer a ponto de acreditar que isso é inclusão**, que isto é diversidade. Não é! É querer enfiar goela abaixo “**ideologias doentias**” (Recorte do comentário 18, grifos nossos).

Como dito por Foucault (1996), um discurso com sentido diferente da ideologia do sujeito é “não autorizado” e deve ser interdito, portanto, tratado como “loucura”. Na SD3 ocorre essa forma de contraposição, pois ao tratar a discursividade do *Queermuseu* como “ideologias doentias”, está recorrendo ao discurso da psiquiatria para tratar o *Queermuseu* como uma insanidade, uma doença, produzindo a noção de ser um discurso sem credibilidade e que não deve ser aceito. Isso acontece porque, para o sujeito, há apenas um sentido óbvio, transparente, produzido por um efeito ideológico.

Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, **construindo-se transparências** – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – **para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas.** Esse é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2015, p.46, grifos nossos).

Assim, o funcionamento da ideologia produz efeito de evidência para o sujeito demonstrando conseqüentemente, o discurso autorizado e o interdito. Os quais podem ser identificados por meio do modo do funcionamento de estruturas estabilizadas e naturalizadas. Em alguns casos, acontece até a imposição ideológica com a ação dos Aparelhos de Estado, que tentam regulamentar e criminalizar vozes dissonantes, criando leis e determinações sociais.

O *Queermuseu* foi denunciado no Ministério Público para uma investigação criminal, mas os promotores não encontraram inadequações legais³. Mesmo assim, observa-se uma prática social movida pela contraposição ideológica, reforçando a

³ Fonte: <<https://www.mprs.mp.br/noticias/45185/>>.

ideia de interdição. Esse movimento também é percebido nos dizeres dos internautas:

SD4. Vergonha! A exposição Queermuseu **viola os princípios constitucionais!** (Recorte do comentário 3, grifos nossos).

SD5. Não tenho palavras para descrever tamanha baixez da parte de vcs e dos artistas. **Isso é crime em todos os sentidos.** Devem ser responsabilizados. (Comentário 11, grifos nossos)

Quando se trata como “crime” ou “violação”, há um sentido de interdição, pois se reforça que é um discurso não autorizado pelo estado, para o qual não se atribui legitimidade, possibilitando a interdição. Desse modo, percebe-se que não se trata do sentido transparente ao dizer que é “crime”, mas há um funcionamento de discursivo como oposição por não se identificar com as obras do *Queermuseu*. Assim, entende-se que Pêcheux não toma como objeto a fala ou o texto no processo imediato, mas como os sentidos são produzidos. Orlandi (2015) explica que “**o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando**” (ORLANDI, 2015, p.15, grifos nossos).

(...) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre a língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos (ORLANDI, 2015, p.17)

O estudo do discurso visa compreender como acontece o atravessamento ideológico no sujeito. Observa-se a enunciação, o momento em que ocorre a constituição da materialidade discursiva de modo inconsciente com base nas ideologias que, imbricadas, constituem o sujeito.

O discurso do sujeito é orientado pelo que pode e o que deve ser dito, assim se define a Formação Discursiva, acrescentando que, além da condição de produção, o discurso pode ter sentidos alterados de acordo com posição ocupada pelo sujeito que faz o enunciado.

(...) um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção dadas* (...) situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: **o que diz**, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto **conforme o lugar que ele ocupa**; a mesma

declaração **pode ser uma arma** temível **ou uma comédia** ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: **um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio** (PÊCHEUX, 2014b, p. 76, itálicos do autor, negritos nossos).

Se a mesma declaração pode aparentar uma ameaça ou uma comédia, reforça-se a noção de que o sentido não é evidente e determinado, ele está assujeitado a variações relativas às práticas sociais que podem resultar em sentidos diferentes.

O sentido é um efeito de sentido, de maneira que a existência de determinada forma não garante a ocorrência de um funcionamento do discurso específico, mas possibilidades de várias leituras, explícitas ou não. O efeito de sentido dependerá da ocorrência de material verbal em condições de produções definidas (SOARES, 2019, p.38).

As várias possibilidades de leitura acontecem em razão de uma interferência ideológica que está intrínseca às interpretações e à (re)produção dos discursos. Além disso, Althusser afirma que a “ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (1980, p.93), portanto, não há sujeitos fora da linguagem ou fora da ideologia.

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, **formação discursiva** aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, **determina o que pode e deve ser dito** (PÊCHEUX, 2014a, p.146-147, grifos nossos).

Pêcheux define que as interpelações posicionam o sujeito no discurso por meio da linguagem, isso indica o funcionamento de uma Formação Discursiva (FD) que define quais dizeres e posicionamentos são aceitáveis conforme as condições históricas e sociais.

(...) interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela **identificação** (do sujeito) **com a formação discursiva que o domina** (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que **os elementos do interdiscurso** (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que **constituem**, no discurso do sujeito, **os traços**

daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÉCHEUX, 2014a, p. 150, grifos nossos).

Desse modo, entendemos que a ideologia perpassando de modo inconsciente nessa relação entre os interlocutores, determina as Formações Discursivas (FD) presentes nos enunciados. Mas, se as mesmas palavras produzirem efeitos de sentido diferentes, pode-se afirmar que há outra FD em funcionamento.

As regularidades depreendidas nesses enunciados caracterizam então uma **Formação Discursiva (FD)**, que **é o que determina o sentido** que as palavras adquirem a partir de uma posição dada em uma conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. **Um outro sentido vai caracterizar, portanto, uma outra Formação Discursiva** (SOARES, 2019, p.34, grifos nossos).

A mesma palavra pode significar de um modo diferente dependendo da FD em que se inscreve e também dependendo da posição dos que empregam a palavra em circunstâncias diferentes.

Foucault (2008) afirma que a Formação Discursiva é percebida quando há semelhante dispersão ou semelhantes conteúdos que estabeleçam uma regularidade.

No caso em que se puder descrever, **entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão**, e no caso em que **entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas**, se puder **definir uma regularidade** (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que **se trata de uma formação discursiva** - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade" (FOUCAULT, 2008, p.43, grifos nossos).

O autor ainda explica que “uma formação discursiva não ocupa, assim, todo o volume possível” tendo em vista que é lacunar. Entendemos aqui a possibilidade de ressignificação, considerando que “uma vez retomada, situada e interpretada em uma nova constelação, uma dada formação discursiva pode fazer aparecerem possibilidades novas” (FOUCAULT, 2008, p.75). Ainda explica que pode haver modificações com o transcorrer do tempo:

Uma **formação discursiva não** desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o **congela** por décadas ou séculos: **ela determina uma regularidade própria de processos temporais**; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de **um esquema de correspondência entre diversas séries temporais** (FOUCAULT, 2008, p. 83, grifos nossos).

A Formação Discursiva também ocorre, como mencionado anteriormente, por um processo de identificação do próprio sujeito com a FD que o domina (PÊCHEUX, 2014a), a partir disso, podemos pensar na noção de identificação:

Na identificação, o sujeito reproduz os saberes de uma formação discursiva. Ao rever seus escritos, o próprio Pêcheux irá nos dizer da inexistência de uma identificação plena, uma vez que ao sujeito é dada a condição de ser sujeito do discurso, de lidar com os saberes e dados em uma formação discursiva. Desse modo, **o bom sujeito é aquele que se identifica a certos dizeres, a certos sentidos e, assim, reproduz a forma-sujeito de uma formação discursiva.** (DELA-SILVA, 2015, p. 218, grifos nossos).

Desse modo, percebe-se que a identificação consiste na afinidade ideológica do sujeito com a respectiva FD e o que a reproduz é considerado como “bom sujeito”. A questão de identificação acontece por um processo inconsciente em que o atravessamento vai constituindo um sujeito clivado que pode se desidentificar com uma FD. Indursky (2005) afirma que:

O que ocorre é uma ruptura com os saberes de uma FD e a consequente desidentificação com sua forma-sujeito e a subsequente identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito. Diria mesmo que, quando isto ocorre, de fato, antes mesmo de migrar para outra FD, o sujeito, sem saber, já não mais se identificava com o domínio em que pensava estar inscrito. Dito ainda diferentemente: quando um sujeito formula isto no nível do pré-consciente/consciente, a desidentificação já se deu, apenas o sujeito não tinha disso consciência (INDURSKY, 2005, p. 85).

Além da condição de produção e da identificação, o discurso pode ser ressignificado em seus efeitos de sentido de acordo com posição ocupada pelo sujeito que faz o enunciado.

Conforme Pêcheux (2014a), a Posição-Sujeito trata da identificação do sujeito com uma Formação Discursiva. Para ter essa aceitação, é necessário o atravessamento ideológico, entretanto, o sujeito é constituído de forma múltipla, o

mesmo sujeito pode ter diversas posições-sujeito que se relacionam com determinadas formações discursivas e ideológicas que interferem nos respectivos efeitos de sentido.

SD6. Tudo isso **com dinheiro dos NOSSOS impostos!** Quarta-feira, na Comissão de Direitos Humanos, **estarei aguardando um representante do banco para responder** pessoalmente na Assembleia Legislativa por mais essa barbaridade cancelada com o dinheiro público (Recorte do comentário 2, grifos nossos)

Observa-se na SD6 que não há identificação com o *Queermuseu*, há identificação com uma FD capitalista em que é assumida uma posição-sujeito de dono do capital quando menciona “NOSSOS impostos” e, nessa relação de poder, considerando “o que pode e deve ser dito”, é naturalizado que o capitalista determine como o dinheiro deve ser aplicado, conforme a própria vontade, logo, com o funcionamento desta FD, é produzido um sentido de não concordar com a realização da exposição.

Também se percebe na SD6 a posição de autoridade, pois produz dizeres estabelecendo uma relação de poder como uma autoridade que está em condições de exigir explicações aos organizadores da exposição sobre o modo que o dinheiro público foi gasto. Assim, entende-se que, conforme Pêcheux (2014a), o sujeito se posiciona com determinados valores ocupando um lugar social, condicionado à história e à ideologia, que lhe permite a possibilidade de produção de certos dizeres e não outros.

O sujeito da AD é um ‘lugar de sujeito’ em uma abordagem **dessubjetivada**. De fato, ele não pode ser **apreendido**, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, **em função de seu desígnio interpretativo de sua posição** quanto à língua.” (MAZIÈRE, 2007, p.22, grifos nossos).

Entende-se que a FD pode ser determinada conforme o lugar que o sujeito ocupa, interpelado pela ideologia. Esse lugar é percebido pelo gesto do analista ao identificar as regularidades das materialidades e assim sua respectiva filiação ideológica. Desse modo, a posição é evidenciada pelo modo que o sujeito se inscreve no discursos.

Uma FD é constituída pelas regularidades “que determinam sua homogeneidade”, entretanto, pode haver uma tensão porque as regularidades podem

se desestabilizar em um “jogo de relações” e dentro da mesma FD pode haver “fragmentação em posições-sujeito” (INDURSKY, 2005, p.01).

A partir da história, da linguagem, da identificação e do imbricamento ideológico, pode-se promover efeitos diversos e “isto provoca divergência, tensão, estranhamento, agitação nas fileiras dos sentidos, introduzindo no interior da FD ambiguidade ideológica e efeitos de divisão” (INDURSKY, 2005, p. 09). Com base nesses conceitos, podemos observar a SD7 a seguir:

SD7. E eu pensei que fosse **sensacionalismo de religiões!!! Mas foi uma baita falta de respeito** com quem é católico escrever palavrões nas hóstias né. Que feio (Comentário 7, grifos nossos).

Nessa materialidade, é possível perceber o “efeito de divisão” apresentado por Indursky (2005), pois dentro da FD religiosa cristã, há sentidos em tensão entre o exagero das religiões e a falta de respeito, assim, na condição de produção, não acontece uma ambiguidade, entretanto, ocorre uma tensão entre os sentidos da posição-sujeito que considera o exagero e que se desloca para a posição-sujeito que trata a situação como desrespeito ao catolicismo⁴. Assim é possível afirmar que em uma mesma FD existem fatores que podem alterar os efeitos de sentido.

Outra questão é quando o sujeito declara “foi uma baita falta de respeito” (SD7), percebe-se um efeito ideológico contrário à exposição e, com o funcionamento de uma FD católica, produz o sentido que as obras foram ofensivas. Desse modo, para o sujeito, trata-se de um “efeito de evidência”, pois tem a impressão que o sentido é unívoco considerando as obras ofensivas e o sentido não poderia ser outro. Orlandi (2015, p. 32) diz que “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (2015, p. 32).

Grigoletto (2005) explica que do lugar que se fala não se percebe a ideologia. Só se percebe a ideologia quando se analisa de um lugar diferente. Aquele que percebe a ideologia não está no mesmo lugar daquele que enuncia. Desse modo, também se pode entender que o próprio sujeito do discurso não percebe a ideologia produzindo sentido em si próprio. Nesse caso, o que é afirmado pelo sujeito como

⁴ Os sentidos possíveis sobre a hóstia na FD cristã católica serão desenvolvidos no tópico “4.3 Corpo Sagrado e Profano”.

verdade, deve ser considerado como um “efeito de verdade”, pois se houver variações, o sentido escapa e pode ser outro.

Também se deve considerar que a psicanálise questiona a “verdade do sujeito”, visto que admite-se a ambiguidade, podendo haver na produção dos sentidos uma “fenda entre o dizer e o ser”, assim, há um efeito de completude em que o sentido é único, é evidente, retornando à opacidade dos sentidos (GARCIA-ROZA, 2009, p. 23). Não há como controlar os sentidos e nisso fica evidenciada a Formação Ideológica na qual o discurso se inscreve. Como não há domínio dos sentidos, eles são incompletos e não totalizam, algo sempre escapa. Entretanto, é a partir da Formação Ideológica que o sujeito tem a ilusão de percepção da completude que para ele é evidência.

Concluimos esse ponto dizendo que o funcionamento da **ideologia** é geral como **interpelação dos indivíduos em sujeitos** (e, especialmente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo de formações ideológicas (e, especialmente, **Através do interdiscurso** intrincado nesse complexo) e **fornece a cada sujeito sua realidade**, enquanto sistemas de evidências e de significações percebidas aceitas-experimentadas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 162, grifos nossos).

Orlandi diz que “discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico” (2008, p.31), logo, as materialidades linguísticas, carregadas ideologicamente, colocam discursos em circulação e não há como controlar os efeitos de sentidos, desse modo, para a Análise do Discurso:

A **língua** tem sua ordem própria, mas **só é relativamente autônoma** (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); (...) **o sujeito de linguagem** é descentrado pois **é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam**. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 19-20, grifos nossos).

Além disso, Garcia-Roza acrescenta que o simbólico determina as relações entre os sujeitos e essa relação simbólica só pode ser estabelecida por meio da linguagem.

(...) a vida social só pode emergir a partir do pensamento simbólico. O simbólico não é o ponto de chegada do social, mas seu ponto de partida. **A própria comunicação não é possível senão em função**

de um sistema simbólico que funda a linguagem e torna possível o social. Essa *função simbólica*, especificamente humana e sujeita a leis, é o que Lévi-Strauss chama de **inconsciente** (GARCIA-ROZA, 2009, p. 73, grifos nossos).

Entende-se que o simbólico é possível por meio da linguagem e é produzido por meio do inconsciente. Logo, o simbólico trata do processo de significação, dos sentidos produzidos para os sujeitos.

2.3 MEMÓRIA, INTERDISCURSO, ESQUECIMENTOS E ILUSÕES

A memória é indissociável da produção discursiva. Orlandi (2015) explica que um saber discursivo se constitui e produz efeitos de sentidos pela história devido à memória que torna “possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento” e representa “o eixo de sua constituição (interdiscurso)” (ORLANDI, 2015, p. 33).

Orlandi primeiramente considera a historicidade inscrita na linguagem que “só faz sentido porque se inscreve na história” (2015, p. 25) e que a memória faz parte da constituição do interdiscurso em muitas outras vozes que “significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras” (2015, p. 32).

Ao explicar a memória discursiva, Brandão afirma que “é a memória discursiva que **torna possível toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas**” e também esclarece que “não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de **uma memória que supõe o enunciado inscrito na história**” (BRANDÃO, 2012, p. 96, grifos nossos).

A memória não poderia ser concebida como **uma esfera plena**, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: **é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização....** Um espaço de desdobramento, réplicas polêmicas e contra-discursos (PÉCHEUX, 1999, p. 56, grifos nossos).

Orlandi (2006) faz uma distinção entre três tipos de memória: a memória discursiva, memória institucional e a memória metálica:

[1] A **memória discursiva** ou interdiscurso é a que se constitui pelo esquecimento, na qual “fala uma voz sem nome”. Aquela em que “**algo fala antes, em outro lugar**, independentemente”, produzindo **o efeito do já-dito** (...). Por outro lado, [2] a **memória institucional** ou (...) simplesmente o **arquivo**, é aquela que **não esquece**, ou seja, a que as **Instituições** (...) praticam, alimentam, normatizando o processo de significação (...). E temos, enfim, a [3] **memória metálica**, ou seja, a **produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem**. A **memória da máquina**, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.) (ORLANDI, 2006, p. 5, grifos nossos).

Segundo Pêcheux (1999), a memória não favorece a estabilização, logo, a memória pode significar a partir de posições diferentes, pela identificação ou não, pela aproximação ou pela oposição.

SD8. Provocar cristão é fácil, ainda tem o **costume de baixar a cabeça e orar**. Agora aproveita que vcs são um banco espanhol, **faz um parecido contra Maomé na Espanha!** (Comentário 10, grifos nossos).

Na SD8, pode-se notar como a memória funciona para produzir os sentidos, pois há enunciados que são significados somente a partir de sua relação histórica, retomando alguns discursos anteriores. Primeiramente temos uma FD cristã porque há certos dizeres estabilizados que possuem regularidades e orientam a produção dos sentidos a partir da memória do texto bíblico:

Eu, porém, vos digo que **não resistais ao mal**; mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; (...) Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e **orai pelos que vos maltratam e vos perseguem** (BÍBLIA, 2004, p. 1226, Mt 5:39,44, grifos nossos).

Para o sujeito identificado com a FD cristã, a memória do discurso bíblico produzirá um sentido de passividade e de não revidar com violência, além disso, a ideologia produz um efeito de evidência que considera o sentido transparente e não pode ser outro. Entretanto, se o sujeito tiver memória do discurso de Althusser, o sentido desse discurso bíblico será deslocado, podendo ser considerado como uma forma de controle social (ALTHUSSER, 1980, p.63).

Ou ainda, em uma FD islâmica⁵, não haveria uma memória correspondente para atribuir sentido ao “costume de baixar a cabeça e orar” aceitando passivamente, pois conforme o Alcorão (2019):

Combatei, pela causa de Deus (...) Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram (...) **Tal será o castigo dos incrédulos (...)** E **combatei-os até** terminar a perseguição e **prevalecer a religião de Deus** (ALCORÃO, 2019, p. 45, Surata 2:190-191, grifos nossos).

O castigo, para aqueles que lutam contra Deus e contra o Seu Mensageiro e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé opostos, ou banidos. Tal será, para eles, um aviltamento nesse mundo e, no outro, sofrerão um severo castigo. (ALCORÃO, 2019, p. 106, Surata 5:33, grifos nossos).

A partir da memória dos textos do Alcorão, há regularidades discursivas na FD Islâmica produzindo como sentido ser correto matar os incrédulos e blasfemadores, inclusive com expectativa de recompensa (ALCORÃO, 2019, Surata 41). Assim, há sentidos estabilizados que não se identificam com o discurso perdoador na FD cristã, logo os efeitos de sentido serão diferentes, como uma forma de vingança realizada por outro agente.

Na sequência da SD8, quando é dito para fazer algo “parecido contra Maomé na Espanha”, percebe-se que há outra memória nesses dizeres, pois refere-se ao ataque que ocorreu na sede do jornal francês Charlie Hebdo em 2015 porque produziu material humorístico com a figura do profeta Mohammad – Maomé (G1, 2015).

⁵ Aqui será apresentado somente o efeito de sentido em uma vertente extremista para compreender os sentidos da SD8. Não se pode generalizar o Islamismo (assim como há vertentes diferentes do cristianismo, por exemplo), pois há outras interpretações em que se defende a tolerância e que a violência só se justificaria como legítima defesa, conforme explica o xeque Rodrigues e o xeque Hammadeh da mesquita Pari em São Paulo. Informação disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicaais-islamicos.htm>>.

Figura 2: Charges publicadas no Jornal Charlie Hebdo em 2015.



Fonte: G1 (2015)⁶

Podemos destacar que para outras formações discursivas (como divulgado na imprensa – G1, 2015), o material pode ter sentido humorístico e o ataque foi terrorista, entretanto, para a FD Islâmica, o material foi ofensivo e o ataque foi um “castigo” para os incrédulos “nesse mundo” para “prevaler a religião de Deus”.

Indursky (2011, p. 73) explica que a noção de “lugares de memória” se trata de apresentar “sob a forma de objetos, instrumentos, instituições, documentos, vale dizer, traços vivos constituídos no entrelaçamento do histórico, cultural e simbólico”. Desse modo, observa-se que, para produzir o sentido na SD8, há vários lugares de memórias que são apresentados, refere-se às obras do *Queermuseu*, como condição de produção, ao ataque na França (que se refere também às charges) e ao discurso cristão. Logo, é produzido como efeito de sentido que os artistas do *Queermuseu* só fizeram essa ofensa porque é um símbolo religioso cristão no Brasil onde os fiéis são pacíficos e os artistas não sofreriam represálias ou ataques, pois se fizessem uma exposição semelhante na Europa com símbolos islâmicos, não haveria tolerância e seriam mortos pelos ofendidos. Além disso, como a situação do ataque ao jornal é mencionada, pelo não dito, produz um discurso de indignação, de intolerância e que uma resposta dessas seria justa retribuição à ofensa.

Com base na materialidade analisada, entende-se que a memória interfere nas possibilidades de sentidos dos enunciados e formulações. De modo semelhante também se percebe o funcionamento do interdiscurso:

⁶ Charges com o texto original em francês, tradução indicada por G1 (2015): (1) “Amor mais forte que o ódio”, (2) “Intocáveis”, “não zombe”, (3) “Se Maomé voltasse...”, “Eu sou o profeta, idiota”, “Cale-se infiel”.

O **interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos**. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: **é preciso que o que foi dito** por um sujeito específico, em um momento particular **se apague na memória para** que, passando para o “anonimato”, possa **fazer sentido** em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine, fala **uma voz sem nome** (ORLANDI, 2015, p. 34, grifos nossos).

Para distinguir melhor a *Formação Discursiva (FD)* e o *Interdiscurso*, é importante observar que a FD não é uma estrutura fechada que determina os dizeres, produzindo nos sujeitos o “efeito de evidência” pois normatiza o que pode e deve ser dito, enquanto o *Interdiscurso* trata do modo como uma FD funciona produzindo sentido em outro lugar:

(...) uma **FD não é um espaço estrutural fechado**, pois é constitutivamente **“invadida” por elementos que vêm de outro lugar** (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob forma de “pré-construídos” e de “discursos transversos”). **A noção de interdiscurso é introduzida para designar “o exterior específico” de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para construí-la em lugar de evidência discursiva**, submetida à lei da repetição estrutural fechada (PÊCHEUX, 2014c, p.314, grifos nossos).

Tendo em vista que o interdiscurso estabelece sentido a partir de sua relação com a memória e é da “ordem do saber discursivo” que funciona inconscientemente, assim, Orlandi (2015) diz que a sua produção é afetada pela memória, dessa forma, é necessário compreender a diferença entre interdiscurso e memória.

Por tudo quanto precede, entendemos que **tanto memória discursiva como interdiscurso dizem respeito à memória social**, mas não se confundem. **Há diferenças importantes entre as duas noções. A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD** e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já **o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD**. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte saturada (INDURSKY, 2011, p. 87-88, grifos nossos).

A memória discursiva trata de um funcionamento dos sentidos no interior de uma FD específica enquanto o interdiscurso trata da memória que funciona entre FDs diferentes, assim, o sujeito tem a noção de completude, pois tem a impressão de transparência da linguagem por se tratar de algo já-dito.

No processo discursivo, o esquecimento também influencia na produção dos sentidos. Pêcheux (2014a), utilizando-se da oposição entre o “inconsciente” e o “pré-consciente”, define que há dois tipos de esquecimentos inerentes ao discurso. Primeiramente vamos observar o esquecimento nº 2 que é da ordem da enunciação:

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo **sujeito-falante “seleciona”** no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no **sistema de enunciados, formas e seqüência** que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, 2014a, p. 161, itálicos do autor, negritos nossos).

Isso acontece no momento em que se “escolhe” as palavras para serem utilizadas de um modo semiconsciente a partir de “famílias parafrásticas” e, como explica Orlandi (2015, p.35), “nem sempre temos consciência disso. Este ‘esquecimento’ produz em nós a impressão da realidade do pensamento (...) denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que (...) o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras”.

Quanto ao Esquecimento nº 1, é um esquecimento ideológico, que ocorre de modo inconsciente:

Por outro lado, apelamos para a noção de “**sistema inconsciente**” para caracterizar um outro “esquecimento”, *o esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que **o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva** que o domina. Nesse sentido, *o esquecimento nº 1* remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, 2014a, p. 162, itálicos do autor, negritos nossos).

O sujeito não pode estar fora da ideologia. Com base nisso, o esquecimento nº 1 é ideológico, causa no sujeito uma percepção de origem do dizer, mas isso acontece como um efeito porque não lembra a origem ou autoria.

Orlandi (2015, p.35) trata esse esquecimento como o “sonho adâmico” em que o sujeito tem a ilusão de ser o início da linguagem “dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos”. Na seqüência, explica o funcionamento dos sentidos:

Na realidade, **embora se realizem em nós**, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles **são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história** e é por isto que significam e não pela nossa vontade (ORLANDI, 2015, p.35, grifos nossos).

O esquecimento nº 1 acontece inconscientemente por atravessamento ideológico e forma no sujeito uma ilusão de origem do dizer, enquanto que o esquecimento nº 2, semiconsciente, é da “ordem da enunciação” fazendo com que o sujeito tenha a ilusão de controle dos sentidos. Apesar de tratar esses efeitos como ilusões, Orlandi (2015, p. 36) diz que o “esquecimento é estruturante”, pois faz parte da “constituição do sujeito e dos sentidos”.

Com base nessa ilusão do sujeito de ser origem do dizer, Pêcheux faz crítica a outras formulações teóricas da enunciação porque não consideram a partir da constituição do sujeito por atravessamento ideológico e se restringem:

A dificuldade atual das **teorias da enunciação** reside no fato de que **estas teorias** refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, que elas **se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito**, através da ideia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões etc. (PÊCHEUX e FUCHS, 2014, p.175, grifos nossos).

Soares (2019) diz que o assujeitamento é percebido por meio dos enunciados e que o sujeito é apenas “porta-voz” das formações ideológicas nas quais se inscreve e que mesmo tendo a ilusão que a fonte do discurso é o próprio sujeito, o “sujeito do discurso não é aquele incapaz de operar mudanças no sistema de signos, mas sim **aquele que, ao produzir um enunciado, está produzindo linguagem e ao mesmo tempo é reproduzido nela**” (SOARES, 2019, p.37, grifos nossos).

Essa noção de ilusão do sujeito também ocorre em razão do “pré-construído” que se trata de um efeito sobre o sujeito em razão de dada formação discursiva com uma inscrição ideológica que produz no sujeito a impressão que o sentido está dado e evidente, que a língua é transparente, gera o chamado *efeito de evidência*.

É a **ideologia que favorece as evidências** pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., **evidências** que **fazem** com que **uma palavra** ou um enunciado ‘queriam **dizer o que realmente dizem**’ e que mascaram, assim, **sob a transparência da linguagem**, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2014a, p. 146, grifos nossos).

Os sentidos não existem *a priori*, são constituídos na opacidade do discurso, conforme a expressão de Pêcheux, os sentidos não são “*toujours déjà-donné*”⁷ (BRANDÃO, 2012, p. 76).

Diremos, então que o “**pré-construído**” corresponde ao “**sempre-já-aí**” da **interpelação ideológica** que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela **representa, no interdiscurso**, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito* (PÊCHEUX, 2014a, p.151, *itálicos do autor, negritos nossos*).

Para compreender como funciona discursivamente o esquecimento, podemos retomar algumas Sequências Discursivas que já foram apresentadas, pois os esquecimentos acontecem em todos os discursos produzindo efeitos de sentido.

O esquecimento nº 1 é de perspectiva ideológica e inconsciente, portanto, aquele que produz um enunciado, tem a ideologia denunciada. Quando se diz: “zombam da fé” (SD1), “Os responsáveis devem responder criminalmente” (SD2), “Nossa sociedade não irá chegar ao cúmulo de adoecer” (SD3); “foi uma baita falta de respeito” (SD7) entre tantos dizeres, o sujeito esquece a origem do dizer, não sabe de onde vem e tem a impressão que simplesmente é assim, é um efeito de evidência, um saber “sempre-já-aí”. Para esses sujeitos, percebe-se que o *Queermuseu* só pode ser a imoralidade, somente esses sentidos podem circular e não outros, “o sujeito-falante não pode (...) se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2014a, p. 162).

Observando as mesmas SDs, podemos observar como funciona discursivamente o esquecimento nº 2, da ordem da enunciação. Por ser um processo semiconsciente, o sujeito tem a ilusão de controle sobre os dizeres, pois quando diz “zombar” (SD1) quando poderia ter dito “criticar” ou quando diz “adoecer” (SD3) ao invés de “influenciar”, ou ainda quando considera “baixeza” (SD2) poderia ser “divergência”. Enfim, a escolha das palavras é uma atitude do sujeito que pensa ter controle das palavras, entretanto, também é efeito da ideologia. Pelos dizeres, pode-se identificar a filiação discursiva pelas regularidades, pois o “sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2014a, p. 161).

⁷ Tradução nossa: “sempre-já-aí”.

Logo, funciona nesses dizeres uma FD contrária ao *Queermuseu* e, pelos esquecimentos, também se percebe o interdiscurso que são os “já-ditos e esquecidos” que produzem sentido na atualidade, pois ao utilizar “zombar”, “adoecer” e “baixeza”, percebe-se que há os discursos sobre a Bíblia, a psiquiatria e sobre a imoralidade respectivamente produzindo um efeito de evidência, uma ilusão de controle dos sentidos.

A evidência destes processos reais que determinam o sentido e o discurso é, com efeito, indissociável de uma teoria da **ilusão subjetiva da fala** (...) contentando-se em **reproduzir**, no nível teórico, **esta ilusão do sujeito enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões** (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.28, grifos nossos).

A ilusão, conforme Orlandi (2015), não se trata de um defeito, mas é necessária para o funcionamento da linguagem e produzir os possíveis sentidos, tendo em vista que o esquecimento não é voluntário, os sujeitos são constituídos pela identificação com o que dizem. Assim, nos enunciados, pode haver “pontos de deriva” e “é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso” (ORLANDI, 2015, p. 59).

(...) **o sentido de uma palavra**, de uma expressão de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em uma relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, **é determinado pelas posições ideológicas** que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (...) retomando os termos (...) aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que **os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes** (em sujeitos de seu discurso) **pelos formações ideológicas que lhes são correspondentes** (PÊCHEUX, 2014a, p.146-147, grifos nossos).

A formação dos sentidos “(...) corresponde a processos de identificação regidos pelo imaginário” e isso é um efeito de evidência em que há “saturação dos sentidos e dos sujeitos produzida pelo apagamento da materialidade” (ORLANDI, 2015, p. 55). Por deslize ou deriva de sentidos, a interpretação pode ser diferente. Logo, a produção dos sentidos depende de uma série de movimentos que são constituídos pela ideologia, memória, imaginário, interdiscurso e outros conceitos que permitem que o sentido seja outro.

2.4 O IMAGINÁRIO: COMO EU VEJO E COMO ELE VÊ

A linguagem é uma ferramenta para as práticas sociais carregada com Formações Imaginárias, as quais, segundo Pêcheux (2014a), ocorrem com base na interpelação ideológica e na identidade correspondente que é gerada no sujeito a partir do lugar que ocupa, assim, o efeito de evidência de realidade produz representações simbólicas sobre as relações discursivas, assim, determinados significantes possuem projeções do próprio sujeito sobre o lugar de si mesmo e o lugar do outro.

(...) o que funciona nos processos discursivos é uma série de **formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem**, cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que **estabelecem as relações entre as situações** (objetivamente definíveis) **e as posições** (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 2014a, p.81- 82, grifos nossos).

Tabela 1: Formações Imaginárias – relação entre os protagonistas do discurso.

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A {	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B {	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para eu me fale assim?”

Fonte: Pêcheux (2014a, p. 82).

Para estabelecer sentidos, é relevante perceber as projeções constituídas pelas formações imaginárias, principalmente na posição que A (primeiro sujeito) ocupa e a imagem que faz sobre si mesmo, então a posição que B (outro sujeito)

ocupa e a respectiva imagem de A sobre B e, conforme a relação de poder ideologicamente construída, o discurso estabelece o seu funcionamento nas situações.

Segundo Pêcheux, a Tabela 1 indica o modo de perceber como “a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção do discurso”. Na sequência, explica que a Tabela 2 apresenta o esquema para perceber o “ponto de vista do sujeito” sobre o “objeto imaginário” (PÊCHEUX, 2014a, p. 83).

Tabela 2: Formações Imaginárias – pontos de vista sobre o objeto imaginário.

	Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B(R)$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Pêcheux (2014a, p. 83).

A Formação Imaginária pode ser percebida na SD9 e SD10 para constituição dos sentidos e compreensão do “ponto de vista” (Tabela 2). Primeiramente, na nota publicada pelo Santander (SD9), percebe-se uma FD sobre o perdão, pois em uma relação social, quando se considera que um sujeito admite ter cometido um erro ou uma ofensa, o que se tem como regularidade, ou seja o que pode e deve ser dito, é uma declaração de reconhecimento de culpa.

SD9. Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte Brasileira, inaugurada em agosto no Santander Cultural. **Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra** (Recorte da nota publicada pelo Santander em 10/09/2017, grifos nossos).

Myers (2014) explica que “atos conciliatórios ou generosos repetidos geram confiança. Manter uma igualdade de poder protege contra a exploração”, entretanto, pode haver diferenças nas “experiências pessoais” (MYERS, 2014, p. 399). O autor

diz que quando se estabelece “laços emocionais com as pessoas identificadas (...) as hostilidades costumam diminuir” (MYERS, 2014, p. 400).

Desse modo, para o sujeito que se identifica com a FD religiosa cristã, com o pressuposto que se deve “perdoar setenta vezes sete” (BÍBLIA, 2004, p. 1256, Mt 18:21-22), haverá identificação e o efeito de sentido de amenizar e diminuir a hostilidade.

Entretanto, o sentido pode se deslocar e ser outro, pois para o sujeito que se identifica com a FD jurídica, que pressupõe uma punição ou reparação, o pedido de desculpas pode não surtir o mesmo efeito, pois o fato de pedir desculpas também significa se declarar responsável e assumir a culpa. Além disso, o sentido ainda dependerá da relação de poder construída pelas Formações Imaginárias.

A SD9 trata do pedido de desculpas do Santander, entretanto a SD10 é um comentário publicado como resposta à nota, observa-se um posicionamento de hostilidade ao pedido de desculpas:

SD10. Isso não é pedido de desculpas. É apenas um "foi mal, dessa vez **nos desmascararam**. Tentaremos melhor da próxima vez" (Recorte do comentário 2, grifos nossos).

Na SD10, o sujeito se posiciona contra o pedido e mostra estar filiado a uma FD que considera a instituição como enganadora. Esse efeito de sentido é possível e acontece em razão da Formação Imaginária do internauta em relação ao banco, considerando a FD capitalista na qual o objetivo é o lucro e as atitudes são livres para obtê-lo.

Estava na ordem do dia a autonomia da produção e do comércio perante as leis da ética. **Comércio era comércio. Era fazer lucro sem atender a nenhuma exigência de caráter ético ou humanitário.** Tal maneira maquiavélica de encarar a vida punha em ação a violência contra o fraco (FERACINE, 2011, p. 78, grifos nossos).

Com isso, forma-se o imaginário que uma instituição financeira tem como interesse na manutenção de uma imagem positiva diante dos clientes para fidelizá-los e continuar obtendo vantagens, independente de valores individuais ou crenças.

Conforme os dizeres da SD9 e SD10, podemos aplicar os questionamentos propostos na Tabela 1 para observar a relação de poder entre os protagonistas do discurso e como isso pode influenciar nos efeitos de sentido (ver Tabela 3).

Tabela 3: Formações Imaginárias – relação entre banco e internauta.

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A {	$I_A(A)$	Imagem do Banco para o próprio Banco	Eu sou uma instituição financeira, estão me acusando de imoralidades
	$I_A(B)$	Imagem do Internauta para o Banco	Ele é meu cliente, é cristão, está irritado, ele pode reduzir os lucros
B {	$I_B(B)$	Imagem do Internauta para o próprio Internauta	Eu fui ofendido, sou o cliente, posso reclamar e exigir
	$I_B(A)$	Imagem do Banco para o Internauta	Instituição financeira, quer me enganar para lucrar

Fonte: Adaptado pelo autor com base na elaboração de Pêcheux (2014a, p. 82).

Desse modo, é possível considerar o sentido de crítica da SD10 considerando que o banco não estaria preocupado com a “diversidade” ou qualquer incentivo a valores humanos, apenas mostrou um envolvimento social para reduzir os prejuízos econômicos, assim, o “ponto de vista” do internauta sobre o pedido de desculpas é que se trata de uma farsa.

2.5 O FECHAMENTO: SENTIDOS E DISCURSOS INTERDITADOS

“As palavras que digo escondem outras”.
(Clarice Lispector)

Há algumas reflexões importantes quando pensamos naquilo que as palavras significam e também naquilo que as palavras silenciam. Em Análise do Discurso, são tratadas as noções de silenciamento e apagamento para significar os discursos. Entretanto, nesses casos não há uma materialidade específica que seja constituída.

Segundo Orlandi (2007), o silenciamento não está fora do ideológico e produz sentidos, por isso, também é discurso: “Assim, quando dizemos que há silêncio nas **palavras**, estamos dizendo que elas **são atravessadas de silêncio**; elas produzem

silêncio; **o silêncio ‘fala’** por elas; elas silenciam” (ORLANDI, 2007, p.14, grifos nossos).

Para se poder trabalhar com o silêncio, já que ele não é diretamente observável, é imprescindível **mobilizar a noção de historicidade do texto**. É somente a partir da consideração de que os processos de **construção dos efeitos de sentido** de um texto o colocam na **sua relação histórica com outros textos e com discursos que o constituem** que esses sentidos podem ser compreendidos. A construção dos sentidos de um texto é sempre histórica (GRIGOLETTO, 2003, p. 232, grifos nossos).

O silêncio como discurso não se observa diretamente, também está na opacidade, pois, segundo Grigoletto (2003), produz efeitos de sentido pela relação interdiscursiva e histórica. Orlandi (2007) afirma que o silêncio não é o vazio, também não é oposição ao dito, mesmo não sendo “matéria significativa”, o silêncio remete a uma possibilidade de sentido. Pode-se compreender como:

Ele é, sim, a **possibilidade**, para o sujeito, de **trabalhar sua contradição constitutiva**, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos **deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso** que lhe dá realidade significativa (ORLANDI, 2007, p. 24, grifos nossos).

Há diversas formas que o silêncio pode funcionar por meio dos discursos. A primeira forma a ser mencionada é o silêncio fundador, pois não há como não produzir silêncio, é o princípio da significação, “significa em si que o ‘não dizer’ faz sentido e faz um sentido determinado (ORLANDI, 2008, p. 59). A autora afirma que há um poder que acompanha o silêncio de um modo simbólico, e apresenta a “política do silêncio” subdividida em dois modos:

- a) **O silêncio constitutivo**: ou seja, a parte do sentido que necessariamente **se sacrifica, se apaga, ao se dizer. Toda fala silencia necessariamente**. A atividade de nomear é bem ilustrativa: toda denominação circunscreve o sentido do nomeado, rejeitando para o não-sentido tudo o que nele não está dito;
- b) **O silêncio local: do tipo da censura** e similares; esse é o que é **produzido ao se proibir alguns sentidos de circularem**, por exemplo, numa forma de regime político, num grupo social determinado de uma forma de sociedade específica etc. (ORLANDI, 2008, p. 57, grifos nossos).

A política do silêncio não trata da ausência de palavras, em um silêncio físico, mas “impedi-lo de sustentar outro discurso” (ORLANDI, 2007, p. 102). O silêncio constitutivo trata dos efeitos de sentido no enunciado. Assim, na SD6, os dizeres “Tudo isso com dinheiro dos NOSSOS impostos”, como dissemos anteriormente, o sujeito se inscreve em uma FD capitalista e assume a posição de dono do dinheiro, entretanto, aqui acrescentamos que esse posicionamento faz um silenciamento da FD democrática, pois silencia que a destinação de recursos acontece conforme trâmites de leis com votações entre os parlamentares e outras regulamentações que destinam recursos para projetos que envolvam a cultura e diversidade.

Quanto ao silêncio local que, segundo Orlandi (2007) é um tipo de censura, pode-se comparar com a própria situação do *Queermuseu* em 2017, quando grupos sociais específicos, por não se identificar com o conteúdo das obras, fizeram discursos (denúncias e manifestações) que resultaram no fechamento antecipado da exposição. Para os discursos sobre sexualidade, nas condições de circulação do *Queermuseu*, “fala-se para não se dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 102).

Logo que a exposição foi aberta, aconteceram muitas manifestações contrárias realizadas pessoalmente no local da exposição por grupos além das inúmeras manifestações das pessoas por redes sociais compartilhando as imagens de diversas obras expostas com declarações e queixas relacionadas ao sentido de ofensa conforme os atravessamentos ideológicos dos respectivos sujeitos.

Essas manifestações e, por consequência, a exposição ganharam visibilidade nacional e internacional na grande maioria dos sites de notícias que também observavam cada pronunciamento de lideranças políticas (como o deputado Kim Kataguri⁸ e o senador Magno Malta⁹) e lideranças religiosas evangélicas (como o pastor Silas Malafaia¹⁰ e o deputado pastor Marcos Feliciano¹¹). Alguns líderes evangélicos incitavam manifestações contrárias com pedidos de fechamento da exposição e até mesmo o boicote à instituição patrocinadora, orientando o cancelamento de contas no Banco Santander.

⁸ Vídeo publicado: <<https://www.youtube.com/watch?v=I8RkIFuEsWs>>.

⁹ Vídeo publicado: <<https://www.facebook.com/watch/?v=682791065178373>>.

¹⁰ Vídeo publicado: <<https://www.youtube.com/watch?v=4MciOxohse0>>.

¹¹ Vídeo publicado: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1117215948418423>>.

Vale ressaltar que a CNBB (Convenção Nacional dos Bispos do Brasil), uma entidade de lideranças católicas, tendo em vista que as obras produziam efeitos de sentido contrários à interpelação ideológica, manifestou-se oficialmente por meio de uma nota de repúdio¹² que foi amplamente compartilhada pelos fiéis. Em contraponto, também foi realizado, por artistas, um manifesto de apoio¹³ à exposição.

O *Queermuseu* gerou uma discursividade que mexeu com as relações de poder, pois sujeitos, por efeito ideológico, posicionaram-se produzindo discursos com o sentido de interdição à exposição, considerando que as obras expostas não seriam aceitáveis. Se a proposta era discutir amplamente sobre sexualidade, é inegável que teve êxito. Pois, a partir da repercussão nas redes sociais e, conseqüentemente, nos meios jornalísticos, pode-se afirmar que, mesmo no contraditório, o alcance extrapolou o que seria a expectativa apenas do público presencial e, por meio do ciberespaço, a exposição teve protagonismo significativo na mídia nacional.

Outra questão que foi alvo de críticas foi o uso de recursos públicos, em torno de 800 mil que foram direcionados à realização da exposição pela Lei de Incentivo à Cultura, a lei Rouanet, promovida por um banco privado, o banco Santander¹⁴. Assim, as críticas na mídia tiveram base na afirmação de sujeitos, imbricados por uma ideologia cristã e capitalista, que não concordariam que recursos públicos fossem aplicados com essa finalidade, considerando que os valores são arrecadados pelo pagamento de impostos e, portanto, para o entendimento dessas pessoas, são contribuintes que estariam pagando pela exposição sem concordar e sem serem consultados a respeito.

Em razão da repercussão na mídia, em que havia críticas contundentes e incisivas sobre o conteúdo das obras, sobre a falta de classificação indicativa e sobre a utilização de recursos direcionados pela Lei *Rouanet*, no dia 10 de setembro de 2017, o *Santander* decidiu fazer o cancelamento da exposição e publicou na rede social *Facebook* a seguinte nota:

¹² Disponível em: <<https://www.jmnoticia.com.br/2017/10/20/cnbb-do-ceara-emite-nota-de-repudio-contra-exposicoes-que-vilipendiaram-simbolos-cristaos/>>.

¹³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/famosos-fazem-campanha-contra-censura-apos-polemica-com-a-mostra-queermuseu-e-a-performance-com-nu-no-mam.ghtml>>.

¹⁴ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/queermuseu-santander-devolvera-dinheiro-publico-de-exposicao-9895743.html>>.

Figura 3: Nota do Santander sobre o fechamento do *Queermuseu*, publicada no Facebook em 10/09/2017.



Fonte: Captura de imagem realizada dia 11 de agosto de 2019, do perfil público do banco Santander Brasil, disponível em: <<https://www.facebook.com/santanderbrasil/posts/10154720373470588/>>.

A nota é discursivizada como resposta às manifestações e notícias publicadas em uma condição bem específica do ciberespaço em que, nas redes sociais, “a circulação dos discursos passa por uma memória metálica” (DIAS, 2018, p.49) reforçando o funcionamento dos interdiscursos que constituíram a situação de conflito.

Orlandi diz que as interdições, como a censura, restringindo a circulação dos sentidos, procurando adequar ao que pode e deve ser dito em determinada FD, pode levar ao apagamento de uma “identidade cultural”, que pode ser produzida por

diversos mecanismos, entre os quais “a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes” (ORLANDI, 2008, p. 56). Logo, o fechamento da exposição foi uma forma de violência simbólica contra os sujeitos identificados com o *Queermuseu*.

Nessa discussão, se considerarmos tanto o dito quanto o silêncio, os efeitos de sentido não podem ser determinados pelos sujeitos porque “a ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber” (ORLANDI, 2015, p. 59). Assim, os sentidos são produzidos a partir das materialidades no jogo entre o inconsciente, a ideologia e a linguística.

Diante da polêmica, considerando que não havia como controlar os sentidos, o funcionamento discursivo nos sujeitos produzia posicionamentos. Assim, a repercussão, mesmo após o fechamento da exposição, não cessou e foi intensa. Tanto que, formalmente, a exposição foi acusada de apologia à Pedofilia junto ao Ministério Público (MP), mas, depois de fazer uma análise em conjunto com a Promotoria de Infância e Adolescência do Rio Grande do Sul, o MP não ofereceu denúncia criminal por entender que não havia apologia ao crime, fazendo inclusive uma recomendação para que o Santander reabrisse a exposição. Os debates continuaram nas redes sociais e o Congresso Nacional chegou a realizar uma Comissão Parlamentar de Inquérito¹⁵ (CPI) para apurar os maus tratos a crianças e adolescentes. Levando o curador para depor sob condução coercitiva.

Durante a CPI, Gaudêncio Fidélis declarou que “as exposições não são um lugar de consenso, são lugares de debate, dissenso e diálogo, tanto sobre artes como sobre questões da sociedade que estamos vivendo” complementando que é “necessário que se visite mais museus e que a democratização da arte cresça. Mas não foi o caso dessa exposição” e atribui o fechamento da exposição a uma “campanha difamatória”. Por fim, a CPI foi encerrada sem nenhuma consequência jurídica, apenas foi recomendado inserir classificação indicativa (SPERB, 2017).

Após o fechamento da exposição de 2017, o curador da exposição, Gaudêncio Fidelis, organizou com o apoio de muitos artistas para realizar a reabertura com as mesmas obras. Isso aconteceu no Rio de Janeiro em 2018, mas não teve a mesma repercussão na mídia, principalmente porque já tinha ocorrido um

¹⁵ A partir de petições do senador Magno Malta e do Movimento Brasil Livre.

debate amplo sobre a temática e, no segundo momento, não causou um impacto direto na mídia como foi na primeira situação.

Além disso, foi colocada uma classificação indicativa, então menores de 14 não poderiam entrar (isso foi um dos alvos das críticas levadas ao Ministério Público na primeira exposição), também se reclamava dizendo que seria um incentivo à sexualidade precoce, à pedofilia, ou a “desviar” as crianças de sua sexualidade ensinando outras práticas.

Apesar da visibilidade na mídia ter sido menor para a segunda exposição, ela também teve seus percalços, pois o próprio Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro e líder religioso, tentou impedir a reabertura¹⁶, mas não conseguiu porque não conseguiu uma justificativa legal para o Ministério Público, principalmente por conter classificação indicativa nesta edição.

Percebe-se que o silenciamento a respeito da diversidade sexual por meio de interdições é um funcionamento discursivo se repete historicamente, pois há memórias que evidenciam um medo de induzir as crianças ao “erro”. Soares (2019), ao analisar uma matéria da Revista *Veja* de 1987, época que Jânio Quadros era prefeito de São Paulo, explica que Jânio:

(...) envia um memorando (...) proibindo o acesso de homossexuais à escola de dança por conta de considerar imoralidade certas atitudes de homossexuais no tal recinto.

(...)

O beijo, se fosse dado por casais heterossexuais, em nada ofenderia o ex-presidente, no entanto, porque quem se beija são homossexuais, o ato passa a ser considerado imoral. Todos os homossexuais, segundo o documento, beijam-se na boca em público.

(...)

A proibição de homossexuais na escola é, segundo o memorando, a medida para impedir tais atitudes que poderiam servir de modelo para as crianças presentes ou passar como normalidade também para o tal público” (SOARES, 2019, p. 135-136)

Também se pode perceber essa forma de interdição na ocasião em que o Marcelo Crivela mandou retirar da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, uma série de revistas em quadrinhos que tinham ilustração de um beijo gay¹⁷.

¹⁶ Fonte: <<https://noticias.gospelmais.com.br/marcelo-crivella-exposicao-apologia-pedofilia-zoofilia-rio-93007.html>>.

¹⁷ Fonte: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/crivella-manda-retirar-hq-com-beijo-gay-da-bienal-do-livro-no-rio/>>.

Outra questão discutida é que, na exposição anterior, houve utilização da Lei Rouanet por parte do Santander, assim, muitos contribuintes, “cidadãos de bem”, acharam-se no direito de criticar em razão da “má utilização” do dinheiro público. Na segunda exposição, essas críticas não se sustentaram porque os recursos foram obtidos por arrecadação particular dos próprios artistas, podendo citar a significativa participação do cantor Caetano Veloso que cedeu a renda de um de seus shows¹⁸, contribuindo assim com a maior parte dos valores para a reabertura.

Reforçando que, para a análise deste estudo, foram escolhidos os comentários que repercutiram a partir da publicação de 10 de setembro de 2017, do *Santander*, porque nenhuma publicação concentrou tantos comentários e *likes*. Percebe-se que isso ocorreu porque, em outras publicações relativas ao evento de 2018, não havia uma instituição específica para concentrar as manifestações (como na página do *Santander* na primeira exposição).

Na amostra de 2018, as notícias foram publicadas em várias páginas de jornais e, como o assunto já tinha sido debatido há menos de um ano, não polemizou tanto novamente. Além disso, não foi divulgada uma página específica “oficial” sobre o *Queermuseu* e também não foi encontrada nenhuma página pessoal do curador da exposição Gaudêncio Fidelis. Assim, no segundo evento, a exposição midiática foi menor e não houve a mesma intensidade nas discussões.

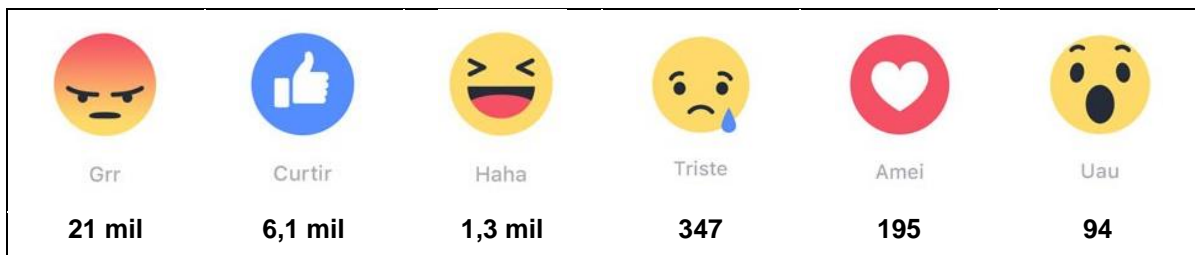
Na segunda exposição realizada entre 16 de agosto a 16 de setembro de 2018, não aconteceu a mesma problematização porque o assunto fora abordado há menos tempo, inclusive com a solução de alguns pontos de conflito para o segundo evento (acusação de pedofilia, classificação indicativa e financiamento público).

Os comentários analisados nesta pesquisa foram produzidos como resposta à nota publicada pelo *Santander Brasil* na rede social *Facebook* no dia 10 de setembro de 2017, entre os primeiros 1000 comentários foram selecionados apenas os vinte que tiveram mais curtidas, portanto, considerados com maior relevância e circulação entre os usuários que visualizaram a respectiva publicação. Até a data desta pesquisa a publicação já contava com mais de 29.000 “curtidas” e mais de 30.000 comentários, a grande maioria desses comentários com posicionamento contrário à exposição.

¹⁸ Fonte: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/caetano-faz-show-para-financiar-a-exposicao-queermuseu-no-rio/>>.

Observamos a quantidade de *likes* como critério de seleção dos comentários porque, como Dias (2009, p. 06) explica, o clique reconfigura as “relações de poder”, com a noção “*clico, logo sei/sou*”, dada sua instantaneidade possibilitada como condição ao sujeito contemporâneo e, considerando a circulação contínua, o “curtir” representa “a colocação do texto em discurso”, percebemos que isso gera notoriedade e impulsiona a circulação do discurso na rede social.

Figura 4: Ícones selecionados pelos usuários do *Facebook* na opção “curtir” da nota publicada pelo Santander.



Fonte: Informação obtida no dia 11 de agosto de 2019, do perfil público do banco Santander Brasil, disponível em: <<https://www.facebook.com/santanderbrasil/posts/10154720373470588/>>.

Com a mudança de condições, a partir de uma base material específica que altera as relações, há mudanças na cultura e no modo de empregar a linguagem, “sendo assim, no momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica determinada, há, necessariamente, repercussões na língua” (DIAS, 2009, p. 09).

Nas práticas diárias, os internautas utilizam os “cliques” para sinalizar a identificação ou não com as publicações e esse gesto passa a ser observado porque produz efeitos de sentido, não só na produção mas também na circulação dos discursos.

Considerar o clique como discurso implica supor que (...), atualmente, história e língua se inscrevem na constituição de sujeito e sentido, levando em consideração o lugar privilegiado que o discurso digital e o gesto do clique ocupam nas práticas cotidianas (CHIARETTI, 2016, p. 129).

Também se pode questionar sobre o modo como acontece a discursividade no digital, pois há uma reformulação nas práticas de sociabilidade e novos comportamentos são impostos como forma de inserção social.

Ao mesmo tempo em que a discursividade do clique faz um apelo à liberdade, observa-se uma massiva e silenciosa prescrição e codificação das práticas sociais. Codificação esta que se torna (quase) onipresente em uma sociedade na qual as relações entre seus indivíduos são frequentemente (e cada vez mais) mediadas por programações – “enviar uma mensagem”, “gravar uma mensagem”, “curtir” (...) etc. (CHIARETTI, 2016, p. 145).

Há uma mudança significativa nas práticas entre os sujeitos facilitada pela acessibilidade ao ciberespaço que produz um efeito de circulação e visibilidade contínua aos discursos. O número de curtidas da publicação da nota do Santander (Figura 11) foi muito expressivo. São relevantes os 21 mil cliques no ícone que representa raiva porque nos leva a perceber o funcionamento de uma não identificação dos internautas com a publicação. Entretanto, pode gerar um efeito de ambiguidade, pois pode-se interpretar como contrariedade à exposição ou ao fechamento da exposição. Todavia, comparando com os sentidos apresentados pela comentarização, é mais aceitável como discurso de oposição ao *Queermuseu*.

Em referência aos números, Dias comenta que há uma “ideia de transbordamento”, um efeito ideológico de reforçar o posicionamento e de notoriedade em razão da “instantaneidade em que o número de cliques e de *likes* é construída” (DIAS, 2009, p. 06).

2.6 MUSEU: O ESPAÇO INSTITUCIONALIZADO DA MEMÓRIA

Diversas obras, sejam pinturas, esculturas ou qualquer outro artefato ou objeto que represente uma memória, esses serão os objetos simbólicos que irão constituir um museu. Logo, a escolha é direcionada por uma instituição ou um curador, poderá ser feita também pelo critério ideológico. Ao falar sobre a constituição do museu, Buskirk (2003, p. 165) questiona “what can you bring into a museum now that wouldn’t belong in a museum?”¹⁹ e, na mesma perspectiva, Teixeira (2017, p. 02) afirma que:

Tratar-se-ia de um lugar que acondiciona coisas antigas. Não podemos dizer todas, pois o tudo não pode ser abarcado. Essa

¹⁹ Tradução nossa: “O que você pode trazer para um museu agora que já não pertença a um museu?”

memória é gerenciada, organizada por instituições ou por sujeitos que se filiam a elas (TEIXEIRA, 2017, p. 02).

Assim, as obras são constituídas como discursos e a constituição do museu terá um efeito interdiscursivo em relação às obras, mas na condição de apresentação das obras no museu, será, por deslocamento, um outro discurso produzindo outros efeitos de sentido.

Como efeito ideológico, tem-se a ilusão de que os sentidos estão claros, o efeito de que a linguagem é transparente. Esse efeito também ocorre no imaginário sobre a organização de um museu em que se tem a noção de completude a respeito da memória de determinada cultura.

O museu é um espaço ilusoriamente tomado como completo, pleno, absoluto, total, inteiro e conclusivo, como se toda a história estivesse ali contida e toda ela fosse pautada na verdade, na precisão e na exatidão e fosse, ainda, imaginariamente real, tangível e verídica. Acima de tudo, inquestionável e certa. Seria, então, um lugar que “guarda” tudo que deve/pode ser lembrado e que se constitui como o que deve ser lembrado, como materialidade para não ser esquecida, cujo objetivo é a preservação da memória pela história (TEIXEIRA, 2017, p. 02, grifos nossos).

Venturini (2008) afirma que, no museu, “o discurso em sua materialidade funciona como *lugar de memória*, como dispositivo que organiza a repetição e as lembranças”, considerando que nesse lugar de memória, “o discurso sobre organiza também os esquecimentos, o que deve ser lembrando e o que deve ser esquecido, apagado” (VENTURINI, 2008, p. 35, grifos da autora).

(...) a escolha do que faz parte da memória e o que é silenciado está a cargo das instituições, como legitimadoras da memória, as quais buscam determinar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, num movimento dialético em que a lembrança pressupõe o esquecimento (...). No entanto, ao se inscreverem no espaço discursivo, os sentidos deslizam, rompem com a linearidade (VENTURINI, 2008, p. 92, grifos nossos).

Para Orlandi (2015, p. 31), referindo-se à memória discursiva, o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sobre a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. No museu, por meio das materialidade, tem-se a memória discursiva, entretanto, o principal funcionamento é da memória institucional, do arquivo:

A memória institucional ou a que chamo a memória de arquivo ou simplesmente arquivo, é aquela que não esquece, ou seja, a que as Instituições (Escola, Museu, eventos etc.) praticam, alimentam, normatizando o processo de significação, sustentando-o em uma textualidade documental, contribuindo na individualização dos sujeitos pelo Estado (ORLANDI, 2006, p. 05).

Deve-se considerar também que as imagens da obra circulem não somente no contexto do museu, mas a circulação também acontece por reprodução nas redes sociais e, nessa forma diferenciada de circulação, os efeitos de sentidos podem ser diferentes considerando a durabilidade e a repetibilidade por meio das formas de armazenamento.

(...) a maneira de circular altera o sentido da arte e sua função social. Trata-se de uma **circulação** que **produz mudanças** no modo da formulação: A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida. (...) **O que circula não é a arte, mas sua própria reprodução** (DIAS, 2018, p. 34, grifos nossos).

Dias (2018, p.34) considera que os discursos das obras postas em circulação por meio do ciberespaço ganham uma noção que elimina a distinção entre o enunciado e a circulação, assim “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua própria circulação se refere a esse aqui e agora da própria circulação que, no digital não se separa da circunstância de enunciação”.

Atualmente “as formas de circulação e replicação no meio digital são o próprio aqui e agora, singulares em sua aparição”, assim, percebe-se que na circulação dos discursos há uma “possibilidade de replicação e viralização dos textos digitais” que aparentam uma (re)produção (DIAS, 2018, p. 34).

A questão que se coloca hoje (...) desloca o ângulo de entrada da formulação para o da circulação, a partir da qual se pensa sua formulação e constituição. Ou seja, o elemento da circulação se sobressai ao da formulação e ao da constituição no processo de produção dos discursos e do conhecimento, pela maneira como a noção de informação se discursiviza em nossa sociedade (DIAS, 2018, p.43)

Então, com o digital, há uma modificação dos sujeitos e do modo de significação, considerando que “a circulação passa por uma memória metálica (técnica) que tem como uma de suas características importantes, o compartilhamento ou a repetição empírica” (DIAS, 2018, p. 49).

Diante disso, o *Queermuseu* também constitui-se de obras que foram produzidas anteriormente, mas funcionaram como sentidos postos em circulação na ocasião da exposição com repetição e durabilidade nas redes sociais movimentando suas respectivas discursividades. Logo, nessas condições, os objetos simbólicos constroem um posicionamento discursivo que não se identifica com a heteronormatividade, mobilizam memórias e apagamentos produzindo outros efeitos de sentido.

3 SOCIABILIDADE DIGITAL E ATIVIDADE DISCURSIVA

*“É o transbordamento caótico das informações, a inundação dos dados, (...) e o psitacismo²⁰ ensurdecedor das mídias.”
(Pierre Lévy, 1999, p.13).*

É analisado o funcionamento da ideologia no sujeito que teve atitude de se posicionar no *Facebook* diante da polêmica do *Queermuseu* como defensor de determinado ponto de vista na condição de produção da internet. Ressaltando que é bem diferente da condição de um embate presencial, como uma manifestação. Principalmente porque presencialmente o radicalismo do posicionamento poderia ser menos contundente, em razão de fatores como: a intimidação possível ao enfrentar quem não se identifica com reações de ameaça ou de constrangimento, além de uma resposta inesperada como movimento de resistência daquele que tiver um posicionamento oposto. Enfim, a presença do outro cria uma condição diferenciada em que é possível alguma reação que faria o sujeito, ao se posicionar, repensar sobre o que pode e deve ser dito.

Para reforçar a defesa do posicionamento, o sujeito, no ciberespaço, busca fontes jornalísticas, afinal, o jornalismo com o imaginário de “neutralidade” e “imparcialidade” construído em torno dele, muitas vezes, produz um efeito de verdade por “utilizar fontes oficiais” (observando que ignora o “não-oficial”) constituindo um efeito de credibilidade também pelo suposto interesse público, assim, percebe-se que há uma voz institucionalizada em funcionamento:

Como o jornalismo **dá luz ao que retrata** e, conseqüentemente, **obscurece o que ignora**, os **discursos tornados públicos ganham caráter de verdades** na sociedade. Estas mensagens **legitimam-se** nesta condição de visibilidade pública e massiva que ganham e **por consistir em versões próximas às oficiais** (SEGABINAZZI e MAZZARINO, 2017, p. 250, grifos nossos).

Entretanto, com as redes sociais e a polarização recente, houve uma ressignificação dessa credibilidade em razão da parcialidade percebida em muitas publicações.

²⁰ Psitacismo: Distúrbio psíquico que consiste na repetição de palavras sem ter noção de seu significado. Palavrado oco e excessivo; verborreia (Fonte: Dicionário Michaelis Online).

A maioria dos grandes jornais faz publicações de suas manchetes nas redes sociais que integram o acesso de bilhões de usuários. Percebe-se que os “consumidores de notícias” não vão diretamente aos sites dos grandes jornais para buscar informação, mas acessam às redes sociais e a partir dos *feeds* clicam nos *links* de interesse e são direcionados para ler apenas a informação desejada. Vale a manchete que consegue chamar mais atenção do sujeito. Segabinazzi e Mazzarino dizem que, a partir da internet:

(...) o saber enciclopédico (...), que já foi sinônimo de cultura e habilitava o cidadão para os seus deveres, foi substituído pelo **saber fragmentado** (...). **O consumidor**, diante da diversidade de canais disponíveis, **acessa a informação como e quando mais lhe interessar** (SEGABINAZZI e MAZZARINO, 2017, p. 254, grifos nossos).

Outro fator importante nessa interatividade é quando o sujeito se sente como parte desse processo, repassando (compartilhando) a informação que julga importante e que todos devem saber, além de poder registrar diretamente a sua resposta para que os outros vejam, cria um imaginário no qual tem o dever de se expor e repassar, enfim, um efeito proporcionado pelo ciberespaço. E isso acontece não só nas redes sociais, mas afeta significativamente o jornalismo como um todo:

Surge, então, na esteira das mídias digitais, uma visão de mundo que recusa a autoridade dos eleitos e experimenta o amadorismo, uma série de movimentos que já forma chamados de **cultura participativa**, de atuação de *prosumers*, de web-atores que se valem da “**autocomunicação de massas**”, **usuários de redes de comunicação convertidos em emissores e receptores** de informação de uma forma mais independente das instituições de comunicação tradicionais (SEGABINAZZI e MAZZARINO, 2017, p. 255 – itálicos do autor, negritos nossos).

Com base nessa circunstância social, percebe-se que acontece a “viralização” dos conteúdos que rapidamente, sem uma voz institucionalizada declarada, mas por um funcionamento ideológico, atingem um grande número de visualizações. Desse modo, a nota publicada pelo *Santander* teve maior quantidade de *likes* e compartilhamentos, isso reflete diretamente o posicionamento ideológico internautas, as provocações e inquietações dos discursos ao discutir sobre a sexualidade.

Sobre o modo de produção discursiva, Orlandi (2008) explica que há um posicionamento diante da história e dos conhecimentos estabelecidos, direcionando que deve-se reconhecer as “relações de força” que orientam a produção de sentidos, considerando que já houve um deslocamento para outro lugar, devendo o analista observar como os sentidos se estabelecem em outras condições.

A autora reforça que o essencial não é apenas o caráter histórico, mas também se consideram as relações de poder entre os sujeitos como elemento constitutivo:

A **história** está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela **se organiza** tendo como parâmetro **as relações de poder e de sentidos**, e **não a cronologia**: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas relação com o poder (a política). Assim, **a relação da análise de discurso** com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que **significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos**. (...) [o discurso] **é histórico porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos**. Atua sobre a linguagem e opera no plano da ideologia, que não é assim mera percepção do mundo ou representação do real (ORLANDI, 2008, p.42, grifos nossos).

Existe a tendência de continuidade dos sentidos e dos ditos dominantes nas FDs, pois são determinados inconscientemente pelos discursos que constituem o sujeito que se identifica por percebê-los como estabilizados. A ruptura não acontece de um modo abrupto, é necessário que outras ideologias se inscrevam nas falhas e equívocos gerando um imbricamento e, no processo histórico, sofrendo alterações de condições de produção para posteriormente haver uma ressignificação e um novo posicionamento do sujeito.

Comparando com a condição do ciberespaço, percebe-se uma condição desestabilizada que possui certas regularidades, mas outras não se estabilizam e não se cristalizam, poderíamos até deduzir que, no ciberespaço, o estável é o desestabilizado.

Com base no autor Lévy (1999), o neologismo “cibercultura” especifica o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Essas novas condições de produção discursiva têm causado um considerável impacto nas relações sociais e linguísticas. Por exemplo, o termo “endereço” antes representava um local físico tangível e agora, com a internet e a

noção de desterritorialização, já ocorreu uma ressignificação do termo na condição do espaço virtual.

Nas **sociedade orais**, as **mensagens discursivas** são sempre recebidas **no mesmo contexto** em que são produzidas. Mas, **após a escrita (...)** **É possível ler uma mensagem escrita cinco séculos antes ou** redigida **a cinco mil quilômetros** de distância – o que muitas vezes gera problemas de recepção e de interpretação (...). A **cibercultura leva a co-presença** das mensagens de volta ao seu contexto como ocorria nas sociedades orais. (...) **[a significação] se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais** em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LÉVY, 1999, p.15, grifos nossos).

Pela reflexão de Lévy, a modificação das condições ficam bem claras, pois, na oralidade, a significação entre os sujeitos era imediata. Com a escrita, considerando as variações de lugar e tempo, ocorrem os deslocamentos. Mas, com a cibercultura, não se pode estabilizar os sentidos em razão da potencialização da multiplicidade de vozes e atravessamentos possíveis a partir do ciberespaço:

A cibercultura (...) é universal sem ser totalitária, tratando de **fluxos de informação** bidirecionais, imediatos e planetários, **sem uma homogeneização dos sentidos, potencializando vozes e visões diferenciadas** (LEMOS, 2008, p. 71, grifo nossos).

Ressalta-se que também há uma mistura entre o instantâneo e a mobilidade. Desse modo, percebem-se modificações importantes nas condições a partir do produto técnico, pois não é só a tecnologia propriamente dita, mas a relação de poder que é percebida nas relações sociais. Assim, para os sujeitos, a tecnologia digital pode representar inclusão social e ascensão econômica:

(...) **os objetos digitais (...)** não **significam** apenas por aquilo que eles podem fazer empírica e pragmaticamente, mas **pelos discursos que os significam como objetos de inclusão, status (...)**. O discurso da mobilidade, da avançada tecnologia, do acesso à informação, da comunicação, das relações entre sujeitos, mas também o do **poder aquisitivo**. (...). **A tecnologia (...)** é **significada politicamente** na constituição dos artefatos do mundo **numa relação indissociável com a forma das relações sociais**, políticas e econômicas, numa determinada formação social (DIAS, 2018, p.40, grifos nossos).

Chun (2011), quando discute sobre “visões programadas”, faz uma abordagem na qual o discurso com efeito de empoderamento não é transparente, pois o sujeito não percebe que há uma forma de exploração em funcionamento:

(...) [the] focuses on **discourses of empowerment** in which the worker does not simply own his/her labor, but also **possesses his/her own body as a form of ‘human capital’**.²¹ (CHUN, 2011, p. 08, grifos nossos).

Aplicando às tecnologias, Dias (2018) e Lévy (1999) não criticam a técnica, entretanto ressaltam o modo que isso pode interferir na cultura e nas relações sociais. Da mesma forma, Chun (2011) não discute a técnica, mas enfatiza o assujeitamento, as relações de poder e que a técnica pode ser uma forma de dominação. A autora afirma que: “to view user empowerment as a form of imprisonment. Computers are mediums of power in the fullest senses of both words”²² (CHUN, 2011, p. xii).

Devido ao assujeitamento, tem-se a impressão de consciência que fazemos a história, trabalhamos e agimos livremente, mas, em relação a esse efeito, Dias (2018) comenta que a tecnologia é um produto gerado a partir de condições específicas e que, apesar de assujeitado, não há técnica sem sujeito:

Parece que temos invertido essa situação, ao considerar a história um produto da tecnologia e não a tecnologia um produto histórico. Tudo isso deriva do sentido de transparência da tecnologia. E dele o sentido do desaparecimento do sujeito mediante a máquina. Embora possamos afirmar que na máquina não há sujeito, é certo que sem sujeito não há máquina. (DIAS, 2018, p.44)

A técnica também interfere na constituição do sujeito porque tem um maior acesso ao fluxo de informações e isso também pode fazer com que seja clivado e múltiplo, atravessado pelas mais diversas memórias.

As novas **tecnologias privilegiam o fluxo de dados que circulam no ciberespaço de forma instantânea**, sendo **regidas**, assim, **pelo reflexo e não pela reflexão ou a memória** (...) mais o saber cresce e mais o desconhecido aumenta ou, melhor dizendo, **mais se precipita a informação-número**, mais nós somos normalmente conscientes de sua essência incompleta fragmentária (...) com os computadores, é a informação que é transportada, mas não as

²¹ Tradução nossa: “(...) [o] foco nos **discursos de empoderamento**, em que o trabalhador não faz simplesmente o próprio trabalho, mas também **apropria-se do seu próprio corpo como uma forma de ‘capital humano’**.” (grifos nossos)

²² Tradução nossa: “visualizar o empoderamento do usuário como uma forma de prisão. Computadores são mídias de poder nos sentidos mais completos de ambas as palavras.”

sensações. (...) o pensamento coletivo imposto pelas diversas mídias visava aniquilar a originalidade das sensações (...) **um estoque de informações destinado a programar suas memórias** (LEMOS, 2008, p. 73, grifos nossos).

Ao observarmos a explicação do autor Lemos (2008), sociólogo, aborda-se a discussão sob a perspectiva da cibercultura, entretanto, traz reflexões que contribuem para pensar a noção de memória metálica.

Dias (2018) diz que os serviços de armazenamento de dados pessoais (*Google Drive, One Drive, Dropbox*) funcionam como um modo de arquivamento, “o arquivo traz uma questão que é dele inseparável, que é a leitura. Toda a reflexão sobre arquivo em Análise de Discurso é uma reflexão sobre a leitura de arquivo (...) nunca se arquivou tanto” (DIAS, 2018, p. 67). No digital, a enunciação não se descola da circulação, então, deve-se pensar as possibilidades de leitura como nova condição para produzir os efeitos de sentido.

Quando se fala em “arquivo”, Orlandi (2006) considera como uma “memória institucionalizada”, entretanto, a memória em funcionamento no digital passa a se desvincular das instituições (universitárias, públicas, privadas) e acontece “uma aproximação com as corporações, como o *Google, Facebook* e, também, organizações sem fins lucrativos, ou ainda de iniciativas pessoais” (DIAS, 2018, p.69).

(...) **lidamos com bilhões de dados em expansão e sob a ilusão de uma memória infalível**, sempre que recorremos aos dispositivos digitais, providos de uma memória que rege os espaços de circulação dos sentidos (DIAS, 2018, p.68, grifos nossos).

Assim, entende-se que o funcionamento da memória metálica é constituída por múltiplas vozes, não como abordagem direcionada, mas como um “universal sem totalidade” que potencializa o acesso a memórias em circulação no digital que podem ser acessadas, pela leitura, a partir de um discurso que atravessa, então tem-se uma possibilidade ideológica múltipla assujeitando-se ao “universal sem totalidade” que é destinado, por algoritmos ou softwares, a “programar suas memórias”.

O ciberespaço traz ressignificação em um processo interdiscursivo contínuo, acrescentando que a posição-sujeito também é alterada e como é um lugar não-dito, trata-se de um gesto interpretativo juntando memória, condição e linguagem para definir este sujeito. Esse sujeito é nominado pela autora Grigoletto (2005) como

“sujeito-usuário” para marcar esse lugar de fala do sujeito que é usuário de redes sociais.

A abordagem com essa nova condição de produção dos sujeitos se torna relevante na análise discursiva, principalmente porque os primeiros 1000 comentários enviados à publicação do Santander aconteceram em menos de dois dias. A publicação do banco foi realizada às 14 horas do dia 10 de setembro e no final do dia 11 de setembro já havia mais de 1000 comentários publicados.

Esse sujeito usuário de internet apropria-se de um efeito de evidência como se fosse autorizado para falar, como se fosse um “porta-voz da verdade” ou o “ser iluminado” com criticidade que precisa tirar os outros das “sombras da caverna”. A partir da posição-sujeito que se inscreve, determinados enunciados são determinados e autorizados em conformidade com as respectivas FDs.

Em razão da noção de virtualização e desterritorialização (LÉVY, 1999), associa-se uma formação imaginária na qual há liberdade na internet, que todos são iguais e, principalmente, que não sofrem sanções diretas. Desse modo, para o sujeito, a noção de liberdade é reforçada no digital a partir de um imaginário em que, segundo Chiaretti (2016, p. 146), “liberdade, flexibilidade, personalização e customização guiam os sentidos relacionados às soluções digitais”, é interessante observar esse funcionamento como um efeito de evidência para o sujeito.

A noção de domínio sobre a tecnologia (com imaginário que ela se submete ao nosso comando) é discutida pelo teórico Marshall McLuhan explicando que *a tecnologia é uma extensão do corpo e da inteligência*, por ser uma ferramenta a ser empregada pelo homem (LEMOS, 2008, p. 20) e, com a perspectiva da Análise do Discurso, Dias (2018, p. 57) faz uma inversão com o dizer de McLuhan, propondo “*o corpo é uma extensão da técnica*”, visto que acontece o assujeitamento por práticas e determinações sociais que são estabelecidas sobre o sujeito a partir do ciberespaço.

Desde **a gestão privada do uso dos aparelhos domésticos**, que, uma vez **conectados em rede gerem nossa vida em todas as suas privacidades**, até as decisões sócio-afetivas e políticas, cada vez mais **atravessadas pelos dizeres em circulação nas redes sociais**, mas também blogs, jornais online etc. aos quais os sujeitos recorrem cotidianamente para se sentirem parte do mundo semanticamente normal. Poderíamos dizer que o digital se tornou o grande sistema lógico portátil no qual todos os outros se convertem em sistemas menores, divisíveis e aparentemente independentes (DIAS, 2018, p. 60, grifos nossos).

Chiaretti (2016, p. 146) diz que há um “processo contraditório de visibilidade e invisibilidade, causalidade racional e pura ignorância”, também destaca que “ao mesmo tempo em que a tecnologia dá poder ao usuário, ela mapeia o usuário pelo processo mesmo pelo qual comanda e controla” (CHIARETTI, 2016, p. 146).

No digital, também circula um sentido de democratização e igualdade, entretanto, essa é apenas um efeito que funciona a partir de um pré-construído social sobre a humanidade que repete o “todos são iguais”, seja por meio do discurso jurídico ou do discurso religioso e esse sentido é deslizado para produzir sentido na internet.

A lei é também uma forma de homogeneizar os sujeitos sob a forma jurídica do “todos iguais”, **“todos são iguais perante a lei”**, como evoca o art. 5º da Constituição brasileira de 1988, **produzindo com isso uma ilusão de igualdade** de direitos e deveres. **Reinscrevendo na história**, sob a égide do jurídico, o **“todos são iguais perante Deus” Ou seja, outras formas de assujeitamento** (DIAS, 2018, p. 53, grifos nossos).

No início da revolução digital, utilizar o computadores era algo difícil, era necessário ter conhecimento técnico, mas após o desenvolvimento de programas com recursos gráficos e visuais intuitivos, facilitou para que qualquer pessoa pudesse acessar, reforçando o imaginário sobre a democratização e também produziu no usuário um efeito de empoderamento. Como explica Chun (2011): **“Interfaces, in particular interactive GUIs (graphical user interfaces), are widely assumed to have transformed the computer from a command-based instrument of torture to a user-friendly medium of empowerment²³** (CHUN, 2011, p. 59, grifos nossos).

Diante da discussão que envolve o ciberespaço, interessa focar no modo de funcionamento do discurso, produzido pelo sujeito-usuário nas redes sociais, e como se dá relação entre os sujeitos usuários mediados por ferramentas tecnológicas, considerando que a interação é imediata, devendo-se entender como uma nova condição de produção. Essa condição do ciberespaço exclui o medo da ameaça física (que seria possível em uma manifestação ou discussão presencial), assim, modifica a relação entre sujeitos.

²³ Tradução nossa: **“As interfaces, em particular as “GUIs” interativas (interfaces gráficas do usuário), são amplamente assumidas por ter transformado o computador de um instrumento de tortura baseado em comandos para um meio de empoderamento fácil de usar”**. (grifos nossos)

3.1 CIRCULAÇÃO E COMENTARIZAÇÃO: UM EFEITO DO DIGITAL

O “dizer para alguém” é uma prática social que funciona pelo imaginário: é o jogo de imagens que se estabelece a partir dos lugares de onde se fala e que precisa ser observado no processo histórico da produção de enunciados e sentidos (SOARES, 2019, p. 40).

Quando as materialidades discursivas circulam, há um sujeito que produz o enunciado filiado a uma determinada posição, inconscientemente afetado pela ideologia e pelo momento histórico, pode legitimar o discurso como aceitável ou refutá-lo.

É a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. **O modo como o sujeito ocupa seu lugar**, enquanto posição, **não lhe é acessível**, ele não tem acesso direto a exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma forma, **a língua não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado**, constituído pela estrutura da ideologia (ORLANDI, 2015, p.49, grifos nossos).

O enunciado e a posição do sujeito que produz o discurso não podem ser entendidos de modo separado, pois está intrínseco à produção de sentido, pois “ela (AD) não separa o enunciado nem de sua estrutura linguística, nem de suas condições de produção, de suas condições históricas e políticas, nem das inserções subjetivas. Ela dá suas próprias regras de leituras, visando permitir uma interpretação” (MAZIÈRE, 2007, p.13)

Há situações em que uma determinada ideologia ou cultura é julgada como “inferior” (isso pode ser percebido em qualquer forma de preconceito). Tais atitudes acontecem em razão do efeito ideológico nos sujeitos. Considerando que não existe sujeito fora da ideologia, a constituição do interdiscurso envolve a relação histórica e simbólica, assim, o discurso naturaliza-se no contexto em razão de sua inserção em determinada ideologia que determina como o sujeito percebe as suas verdades (efeito de evidência). Ademais, pode-se afirmar que, no processo contínuo de formação ideológica, o sujeito pode ser atravessado por ideologias diferentes, deslocando a posição e a identificação desse sujeito, gerando assim outros efeitos de sentido, outras verdades.

Portanto, pode-se interpretar que o processo de formação ideológica na sociedade é dinâmico. Dessa forma, entende-se que as condições de produção definem as práticas sociais (os discursos) e essas sofrem alterações de perspectiva no processo histórico, um processo que continuamente é alterado devido às novas condições de produção, podendo produzir outros sentidos.

Considerando que no ciberespaço a enunciação está colada à circulação (DIAS, 2018, p. 34), ao observar os comentários sobre o *Queermuseu*, podemos observar que há diversas FDs compondo os dizeres que circulam com ideologias contrapostas ou sobrepostas, em alguns momentos demonstrando identificação e em outros contraidentificação, produzindo, para o sujeito, um efeito de evidência. Tudo isso acontece no digital que oferece condição privilegiada de produção/circulação dos discursos, potencializa os gestos e significa amplamente por meio da memória metálica.

A partir das relações por plataformas digitais, a interação humana é ressignificada por outras condições com maior visibilidade nas as redes sociais e o valor atribuído pela coletividade determina o comportamento dos sujeitos.

Las “**redes sociales**”, que **desde la perspectiva del espectáculo aparecen como el fin en sí mismo de la vida humana, son transformadas** por las revueltas en un medio que **conduce finalmente a la plaza. El territorio de la plaza es**, desde esta perspectiva, **el lugar en que ningún poder puede reducir la vida a una vida desnuda** (DÍAZ, 2012, p. 13, grifos nossos).

Para Díaz (2012), na praça, no espaço público, é o lugar em que as formas autoritárias de relação de poder têm dificuldade para se impor diante dos movimentos sociais, sob esse aspecto, os movimentos pelas redes sociais também alcançam essa visibilidade, ou seja, conseguem o mesmo imaginário de espaço público.

SD11. Vcs geraram reflexão sim. Todo mundo refletiu e concluiu que vocês estão alinhados ao que há de mais podre no mundo moderno. (Recorte do comentário 13, grifos nossos)

Um posicionamento de alguém que se coloca em um ambiente público é percebido na SD11, assumindo um papel como se fosse representante de um grupo com a mesma opinião para defendê-la. Com o dizer “todo mundo”, percebe-se também o funcionamento de um efeito ideológico em que há uma ilusão de controle dos sentidos. Assim, observa-se a filiação à uma FD cristã e conservadora, pois,

conforme o esquecimento nº 2, o sujeito considera que a imoralidade é um sentido que deve ser percebido por todos em relação ao *Queermuseu*.

Dias (2018) explica que os movimentos da sociedade são partes que constituem a materialidade e a história. Logo, retomando a noção de coletividade, as tecnologias digitais assumem esse lugar público e permitem o ressurgimento dos movimentos por meio do “uso de plataformas sociais que permitem a produção de um corpo coletivo” (DIAS, 2018, p. 104).

No que diz respeito às manifestações (...), além de mobilizar uma memória social em circulação, elas apresentam uma especificidade que lhes é própria e que as distingue de outras práticas sociais, pois trata-se de práticas discursivas de sujeitos políticos coletivos produzidos em espaços sociais dispersos e em tempos descontínuos (INDURSKY, 2015, p. 02)

A inserção do sujeito nas redes sociais para se manifestar ainda é um fenômeno recente, entretanto, o comportamento humano não. Assim, ao pensar no sujeito que se posiciona nos textos em circulação por meio dos comentários, pode-se comparar a uma situação na qual o sujeito não está sozinho, pois em uma rede social, tem-se um efeito de estar em meio à multidão (em público). Além disso, se essa percepção for associada a uma sugestão, mesmo que de senso comum, dizendo que alguém (na nossa discussão, o *Queermuseu*) fere a moralidade, isso gera uma identificação que, segundo Le Bon (1980), intensifica o sentimento das manifestações.

Uma suspeita esboçada logo se transforma numa evidência indiscutível. Um começo de antipatia ou desaprovação que, no indivíduo isolado, permaneceria pouco acentuado, na multidão passa a ser um ódio feroz (LE BON, 1980, p.24).

Nas redes sociais, tem-se a sensação de coletividade devido ao número de participantes nos grupos, das visualizações, das curtidas e dos comentários, reforçando ainda que há mais gente pensando da mesma forma, ganhando força de grupo com efeito de concordância ideológica. Esse efeito pode ser percebido na SD12 a seguir:

SD12. A partir de agora **vocês tem um inimigo** para a vida toda. Aguardem as consequências, **pois ofenderam pelo menos 64% da População Cristã do país**, que direta ou indiretamente é quem permite a permanência desta instituição infame em solo Brasileiro.

Malditos sejam por toda a eternidade. (Recorte do comentário 19, grifos nossos).

Observa-se também que, na SD12, é declarado que a exposição ofendeu “64% da População Cristã do país”. Ao apresentar números de pesquisa, filia-se a uma formação discursiva científica e jornalística, na qual a posição-sujeito constitui um imaginário de credibilidade e imparcialidade, produzindo um efeito de evidência.

Entretanto, é produzida uma ambiguidade nos sentidos, pois o enunciado pode referir que “todos os cristão foram ofendidos e são 64%” ou que “64% dos cristãos foram ofendidos”. Considerando a prática discursiva, é mais aceitável que o sentido seja referente a uma ofensa dirigida à 64% da população, considerando a divulgação do IBGE com dados do Censo apontando que 64,6% dos brasileiros são católicos (AZEVEDO, 2017).

Discursivamente, percebe-se que há falhas nesse dizer, considerando primeiramente a equação linguística que aponta uma generalização. Outra questão é que, para esse sujeito, como “cristão” estão inseridos somente os católicos nesse imaginário, silenciando 22,2% de evangélicos.

No contexto das redes sociais, o sujeito também assume um posicionamento de defensor da opinião de uma coletividade. Com essa condição, reveste-se de mais radicalismo, individualmente até seria possível argumentar, entretanto, na coletividade, não há discussão.

As multidões apenas conhecem os sentimentos simples e extremos, e, nesse sentido, **aceitam ou recusam em bloco as opiniões**, as ideias e as crenças que lhes são sugeridas, considerando-as verdades absolutas ou erros igualmente absolutos. (...) **Todos sabemos como as crenças religiosas são intolerantes** e conhecemos o poder despótico que elas exercem sobre as almas. (...) **O indivíduo é capaz de aceitar a contradição e a discussão, a multidão nunca as tolera** (LE BON, 1980, p.26, grifos nossos).

Também se pode acrescentar que a sensação de proteção que o usuário encontra atrás da tela, pensando que nada pode lhe afetar individualmente pelo comportamento ou opiniões e que em meio à multidão não é responsabilizado diretamente, intensifica o empoderamento para se posicionar por uma sensação de impunidade. Na SD12, nos os dizeres: “tem um inimigo para toda a vida” e “malditos sejam por toda a eternidade”, há um sentido de intolerância que, pela impressão de coletividade, pode ser intensificado, podendo chegar a extremos irreflexivos.

A **violência dos sentimentos das multidões**, e sobretudo das multidões heterogêneas, **é ainda ampliada pela ausência de responsabilidade. A certeza da impunidade, tanto mais forte quanto mais numerosa for a multidão, e a noção de poder momentâneo** bastante considerável, **devido ao número, tornam possíveis** no grupo **sentimentos e atos que eram impossíveis no indivíduo isolado**. Nas multidões, o imbecil, o ignorante e o invejoso, libertam-se do sentimento da sua nulidade e da sua impotência, que é substituído pela consciência de uma força brutal, passageira mas imensa (LE BON, 1980, p.24-25, grifos nossos).

Considerando que, para a Análise do Discurso, isso é o funcionamento da ideologia por atravessamento inconsciente que também acrescenta uma condição de produção que altera, mais uma vez inconscientemente, a reação do sujeito. Enfim, o funcionamento da ideologia, na condição específica do ciberespaço que potencializa a circulação, interfere significativamente nos respectivos efeitos de sentido.

Quando se fala em *comentário*, de forma geral, tem-se um imaginário que diz respeito a emitir um parecer ou opinião sobre alguma informação/texto apresentado anteriormente.

Deve-se considerar que os comentários não podem ser observados como texto, mas sim como discurso. Foucault (1996) explica que é uma formulação de um segundo dizer a partir de um primeiro, num movimento que possibilita novos discursos:

(...) **o fato de o texto primeiro pairar acima**, sua permanência, **seu estatuto de discurso** sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que **passa por ser detentor**, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo **isso funda uma possibilidade aberta de falar** (FOUCAULT, 1996, p. 25, grifos nossos).

Entretanto, a liberdade do comentário é controlada pelo discurso do “texto primeiro”, seja pelo sentido repetido ou diverso, assim, no comentário, o texto que o motivou funciona como um interdiscurso.

Mas, por outro lado, **o comentário** não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de **dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro**. Deve, conforme um paradoxo que **ele desloca sempre, mas** ao qual **não escapa nunca**, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. **A repetição indefinida dos comentários é trabalhada no interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu**

ponto de partida, a simples recitação (FOUCAULT, 1996, p. 25, grifos nossos).

O sujeito tem a percepção de ser origem do dizer ao produzir seus comentários, mas isso não passa de um efeito ilusório devido aos esquecimentos que o constituem e das condições de produção que possibilitam a reformulação dos dizeres, mas sob o discurso do primeiro texto.

O comentário (...) **permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito** e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. **O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta** (FOUCAULT, 1996, p. 25-26, grifos nossos).

Conforme Authier-Revuz (2016), associado ao esquecimento nº 2 pré-consciente, da ordem da enunciação, o comentário pode evidenciar o sujeito pensando ser origem do dizer:

[No] comentário local – e implícito – ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por um **comentário crítico**, no próprio curso de sua produção. **Essa atitude** manifesta uma aptidão: ela **coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza** (AUTHIER-REVUZ, 2016, p. 204, grifos nossos).

Se aplicarmos às redes sociais, especificamente ao *Facebook*, há o pré-construído de produzir um enunciado para posicionar-se diante de alguma publicação. Considerando o comentário como um espaço para manifestação no digital, Dela-Silva faz uma comparação com a tradicional carta do leitor das mídias impressas:

Como único **espaço de manifestação dos leitores** nos impressos (as mídias mais tradicionais), as cartas de leitores e o seu modo de se constituir como **um lugar dedicado à escrita do sujeito leitor em resposta aos dizeres da/na mídia** não deixam de produzir os seus efeitos quando **esse mesmo espaço é ampliado** (e em alguns casos “deslocado”) do papel **para o virtual**. Primeiramente vieram os espaços para comentários de leitores nos próprios sites de notícias; com o desenvolvimento das redes sociais, aparecem também esses espaços (...): **os comentários aos posts** das publicações em suas páginas nas redes sociais, que **funcionam imaginariamente como extensões dos impressos na rede eletrônica** (DELA-SILVA, 2013, p. 75, grifos nossos).

Com base no imaginário sobre o ciberespaço que faz com que o sujeito tenha a ilusão de domínio e autonomia como se fosse o “centro do saber e do dizer”, Dela-Silva (2013) explica o funcionamento do comentário:

O espaço dos comentários nas redes sociais, cuja formação **imaginário constitui-se sob o efeito da evidência de “liberdade do dizer”** para os sujeitos nos discursos da/sobre a mídia, parecem-nos um **espaço privilegiado** para observar em que medida, ao manifestar-se neste espaço onde **imaginariamente “tudo se pode dizer”, “sem limites de espaço” e “com circulação imediata”**, os sujeitos leitores internautas conseguem colocar em circulação outros dizeres, deslocando-se assim, ao ecoar dos sentidos privilegiados pela mídia (DELA-SILVA, 2013, p. 76, grifos nossos).

Dessa maneira, no meio digital, é produzido um sentido que há um espaço livre e que poderá defender publicamente o seu posicionamento, logo o sujeito, “com o discurso do maravilhamento e da era digital”, acredita que a tecnologia está à sua disposição, mas se trata de uma condição em que a tecnologia é “um instrumento de poder e de dominação”, “não pelas maravilhas que ela pode fazer, mas porque serve aos interesses de alguns” (DIAS, 2018, p. 45).

Isso traz uma naturalização da “relação tecnologia e sujeito-linguagem-mundo” em que “a relação homem-máquina é uma relação que já faz parte da própria constituição dos sujeitos”. E como o sujeito é afetado pelas ilusões do digital, pensando ser fonte do dizer, ocorre a “escrituração e comentarização dos dizeres *ad infinitum*” (DIAS, 2018, p. 49).

4 DISCURSOS E SENTIDOS EXPOSTOS

Os comentários selecionados para a análise, como mencionado anteriormente, funcionam como resposta para a nota do Santander em que os usuários da rede social Facebook registraram o seu posicionamento sobre a exposição ou sobre o fechamento dela com base nos discursos e sentidos que foram postos em circulação a partir das discussões.

Os dizeres, mesmo inseridos na discursividade do *Queermuseu*, apresentam perspectivas diferentes, próprias dos sujeitos que os constituem. Como há uma relação interdiscursiva dos comentários com as obras e com a nota publicada. Assim, organizemos a análise das demais Sequências Discursivas conforme a semelhança entre os temas ou entre os discursos que as compõem.

Na sequência, no próximo tópico, será analisado um comentário que discute a relação entre o discurso artístico e a liberdade de expressão, em seguida, é tratado sobre a polarização política.

A discussão sobre sexualidade e imoralidade é apresentada no tópico 4.2 referindo-se aos comentários com acusações de zoofilia e pedofilia. Logo após, no tópico 4.3, a abordagem será sobre os dizeres de “vilipêndio à fé”, considerando a oposição entre o sagrado e o profano.

No tópico 4.4, apresentamos as Sequências Discursivas relativas a hostilidades, como alguns xingamentos e declarações contra estrangeiros, as ameaças de encerrar as contas bancárias, além de alguns que trazem situações anteriores para reforçar a crítica à instituição.

4.1 LIBERDADE ARTÍSTICA E A POLÍTICA: O QUE PODE SER DITO?

A SD13 é referente ao comentário que teve maior relevância pelo critério do número de curtidas, teve mais de 14 mil cliques:

SD13. Não precisam **interferir** nas artes, **mas** o mínimo que deveriam fazer é **olhar** o conteúdo **ANTES** de liberar o espaço, justamente para ver se não vai contra a "visão de de mundo de vocês" e se não incentivam práticas criminosas! (Comentário 1, grifos nossos)

Quando faz a afirmação inicial dizendo que “não precisam interferir nas artes”, há sentidos em circulação a partir de uma FD artística e uma FD de liberdade de expressão. O imaginário de liberdade de expressão remete ao art.5º da Constituição Federal de 1988²⁴. O Discurso Artístico produz um imaginário no qual o objetivo é confrontar a sociedade e trazer à discussão temas que promovam a valorização do ser humano. Tendo em vista a função social da arte, define-se que “a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações” (BARBOSA, 1998, p. 11).

A FD artística pode até se inscrever outras FDs, mas permanece a relação com o discurso humanista, pois arte pode confrontar e trazer à discussão problemáticas sociais com perspectiva “humanizadora” (BARBOSA, 1998, p. 35), para compreender “a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza e entre o homem e a sociedade (FISCHER, 1987, p. 51, grifos nossos).

Então, na relação de poder, o Discurso Artístico produz um efeito de sentido que estaria livre para propor rupturas e reflexões sociais.

Entretanto, o uso do “mas” indica uma desidentificação, uma ruptura e inversão de sentido. Ao se referir discursivamente sobre o uso do “mas”, Authier-Revuz (2016) afirma que:

(...) no discurso no qual [a expressão] é utilizada, corresponde uma glosa, implícita, **remetendo a um discurso outro**. (...) no “digo, *mas*”, compreender que “essa palavra não convém, mas a digo *mesmo assim*”; ou, se assim se quiser, o “**eu a digo, ainda que não convenha**” deve-se sempre, ao mesmo tempo, compreender como: “eu a digo porque não convém” (AUTHIER-REVUZ, 2016, p.204-205, itálicos da autora, negritos nossos).

Assim, os elementos da linguagem da SD13 orientam a produção dos sentidos, pois há primeiramente um discurso que não deveria ser interdito que não poderia “interferir”, mas mesmo que não convenha, o sujeito apresenta outra discursividade e prevalece o sentido de “interferir” e de “olhar ANTES” como uma forma de controle daquilo que se publica, produzindo o apagamento do sentido

²⁴ “Art. 5º Todos são iguais perante a lei (...) garantindo-se (...) a inviolabilidade do direito à vida, à **liberdade**, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) IV - **é livre a manifestação do pensamento**, sendo vedado o anonimato; (...) VI - **é inviolável a liberdade de consciência e de crença**, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (...) IX - **é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença**” (BRASIL, 1988, s/p, grifos nossos).

anterior. Observa-se uma filiação a uma FD autoritária que retoma como memória mais recente o discurso da Ditadura Militar no Brasil em que havia controle e interdição dos sentidos divergentes. Logo, é dito que se deve interferir na divulgação artística, como uma forma de interditar sentidos indesejados. Esse movimento é uma das formas de silenciamento apresentados por Orlandi (2007):

(...) **o silêncio funciona na confrontação tácita de sentidos.** (...) como em uma situação-limite: **a situação de censura imposta pelos militares** durante o período ditatorial do Brasil a partir de 1964 (...) **proibindo assim a circulação de certos sentidos** (ORLANDI, 2007, p. 108, grifos nossos).

O sujeito se posiciona concordando com o fechamento, pois indica que cometeram um erro ao publicar algo, respondendo com os termos na nota publicada pelo banco, que não concorda com “visão de mundo” da instituição e que não precisariam passar por essa situação, o comentário fica como um modo de advertência.

Fica evidente que esse sujeito, mesmo imbricado por um discurso sobre a liberdade de expressão, tem seu dizer inscrito em uma FD conservadora, pois concorda em não exibir nada que seja contrário a moralidade vigente, um silenciamento necessário para manter o sistema.

O discurso conservador é múltiplo e se associa a outras ideologias, como nesse caso, associado à FD cristã para manter o chamado *status quo* social.

O conservadorismo não existe. **Existem conservadorismos**, no plural, **porque plurais foram as diferentes expressão da ideologia no tempo e no espaço.** (...) seu propósito era, ainda e sempre, o de **reverter a desordem revolucionária** pela punição dos seus agentes demoníacos e pela restauração do Trono e do Altar (COUTINHO, 2014, p. 10, grifos nossos).

Coutinho (2014) explica que o conservadorismo não aceitará facilmente quaisquer mudanças e pode até recusar análises racionais para manter a estabilidade natural em vez de projetar uma melhoria hipotética:

(...) usar e desfrutar aquilo que está disponível, em vez de desejar ou procurar outra coisa. (...) O homem de disposição conservadora, porém, tenderá a valorizar primeiro esses confortos do presente. Não porque eles sejam superiores a uma alternativa hipotética, mas, precisamente, *porque não são uma alternativa hipotética.* São reais, tangíveis (COUTINHO, 2014, p. 21-22, grifos do autor).

Stanley Baldwin vai mais longe, falando de uma “fé”, **muito semelhante à fé religiosa**, uma caracterização que **evita**, providencialmente, **qualquer análise racional** do fenômeno. (...) seria mais bem entendido como **uma inclinação pura e natural da mente humana** (COUTINHO, 2014, p. 23, grifos nossos).

Como trata de manter o sistema, produz um efeito de “sempre-já-aí” e de estabilização. Logo, é intrínseco ao conservadorismo a ideia de conservar as tradições e os discursos hegemônicos, assim, qualquer associação que se contraponha ou desidentifique e que desestabilize será a oposição à FD conservadora.

Na sequência, na condição de produção do comentário, observa-se uma relação interdiscursiva com a nota publicada pelo banco:

SD14. Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e **entendemos que** algumas das obras da exposição **Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas**, o que **não está em linha com a nossa visão de mundo**. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e **reflexão positiva**, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana (Nota publicada pelo Santander em 10/09/2017, grifos nossos).

Discursivamente, na SD14, os dizeres: “ouvimos as manifestações” produzem um sentido com o imaginário que a instituição é atenciosa e, além disso, indica uma filiação ou, pelo menos, um modo de conformidade com a ideologia cristã, ao declarar que houve “desrespeito” e que isso não é a “nossa visão de mundo”. Reforça o posicionamento ao se referir que a arte, se não gerar reflexão positiva, perde o propósito, entretanto, essa indicação geral, por deslizamento, produz um sentido que o *Queermuseu* não gerou reflexão positiva e perdeu-se o propósito, identificando-se com as críticas (pelo menos aparentemente considerando a Formação Imaginária do cliente sobre a instituição financeira, como já abordado).

Na Análise do Discurso, o sujeito possui uma ilusão de completude na qual pode resolver as contradições:

A **constituição da subjetividade revela as contradições** que marcam o sujeito na AD: **nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado**, movendo-se entre o espaço discursivo do Um e do Outro; **entre a “incompletude” e o desejo de ser completo** (BRANDÃO, 2012, p. 85, grifos nossos).

Retornando para a SD13, também podemos comparar com a discussão sobre heterogeneidades discursivas proposta por Authier-Revuz (1990) enfatizando que o uso das aspas gera um efeito de sentido que não seria produzido sem essa forma de utilização. Isso fica evidenciado quando o sujeito diz “visão de de [sic] mundo de vocês” (SD13), filia-se a uma posição ‘científica’ e ‘neutra’, sem ‘querer’ emitir julgamentos, mas reforça o seu posicionamento ao considerar que foi a própria instituição admitiu o ‘erro’ no próprio enunciado e que as obras eram contrárias ao que seria aceitável socialmente.

Enfim, a SD13 refere-se à nota do banco (SD14), com uma FD autoritária e com uma FD conservadora, assim produz como possível efeito de sentido que se deve interferir no conteúdo artístico para não ir contra a moralidade estabelecida na sociedade, reforçado pelo reconhecimento do próprio banco.

Torna-se relevante entender o que se considera como moralidade. Para Foucault, toda ação moral extrapola um conjunto de valores e de regras de conduta que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diferentes dispositivos (família, igreja...). A moral considera dois aspectos:

Uma relação com o real em que ela se realiza, e uma relação com o código ao qual se refere; mas também implica uma certa relação consigo mesmo; esta não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si como “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele próprio que constitui esse objeto de prática moral, define a sua posição em relação ao preceito que ele acata, determina para si um certo modo de ser que valerá como cumprimento moral dele mesmo e, para realizar-se, age sobre ele mesmo, levando-o a se conhecer, a se controlar, pôr-se à prova, a se aperfeiçoar e a se transformar (FOUCAULT, 1984, p. 28).

Quando a moralidade é filiada a uma FD cristã, o conjunto de valores que determinam a conduta é necessariamente relacionado aos princípios da religião que irão ter relação direta com o comportamento do sujeito identificado.

Na SD15 e na SD16, há uma abordagem relativa aos discursos políticos:

SD15. Sob a defesa de uma **suposta "diversidade"** ao final da nota, o **Santander mostra seguir a serviço da agenda da esquerda totalitária**, que com sua **novilíngua** quer o exato oposto da diversidade: quer a **ditadura do pensamento único** e a **destruição dos princípios e valores positivos** que construíram nossas sociedades. (Recorte do comentário 2, grifos nossos)

SD16. Foram na onda da **esquerda progressista desconstrutora** e se fuderam!!!! (Recorte do comentário 12, grifos nossos)

Para perceber o funcionamento discursivo destas SDs, é necessário, primeiramente, fazer uma distinção entre a perspectiva política de esquerda ou de direita. Almeida (2001) apresenta de forma resumida essa caracterização em relação às liberdades individuais (Tabela 4):

Tabela 4: Intervencionismo estatal sobre as ações individuais.

Esquerda: não-intervenção	Direita: intervenção
Descriminalização do aborto	Aborto ilegal
Descriminalização da maconha	Maconha ilegal
Legalização da união matrimonial de duas pessoas do mesmo sexo	Proibição da união matrimonial de duas pessoas do mesmo sexo
Defesa da inovação comportamental	Defesa da tradição como principal orientação para o comportamento social
Religião menos importante	Religião mais importante

Fonte: Almeida (2001, p. 02, adaptado).

Com base nas informações apresentadas por Almeida (2001), percebe-se que a política de direita é associada à preservação dos valores religiosos e das tradições culturais, evitando qualquer modificação da sociedade, com essa ressalva a respeito das mudanças, há uma identificação com a FD do conservadorismo.

Em contraposição, a política de esquerda é discursivizada com princípios de igualdade associados aos Direitos Humanos, visando “manter a garantia aos direitos sociais e aprofundar a igualdade” (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 29), incluindo aí as questões de diversidade sexual, prevalecendo a liberdade sobre valores e crenças individuais. Como se trata de uma oposição entre direita e esquerda, pelo não dito, a esquerda é associada à transformação e à mudança que é contrária ao discurso conservador.

Sob essa perspectiva, a extrema esquerda levaria à eliminação dos valores morais e religiosos, enquanto que a extrema direita defende a moralidade única e o tradicionalismo, criminalizando a esquerda. Bobbio (1995) afirma que os dois extremos tendem ao posicionamento antidemocrático. Entretanto, sobre a polarização política, há muitos aspectos que poderiam ser abordados, mas para este estudo, limitamos a discussão à análise das SDs.

Há sentidos constituídos a partir de memórias mais recentes, considerando as condições de produção e a historicização dos discursos. Em 2017 e 2018, em razão de denúncias de corrupção envolvendo o governo de esquerda²⁵ e a excessiva veiculação na mídia, gerou-se um efeito de sentido, por generalização, que estar envolvido em um partido de esquerda é o mesmo que ser desonesto e compactuar com a corrupção, com o erro. De modo oposto, pelo “não-dito”, em campanhas eleitorais, foi produzido o efeito que a política “de direita” é honesta.

Outro aspecto da polarização política é o discurso de humanização e de se manter os direitos humanos até mesmo para os presidiários, entretanto, a política de direita, reforçando a não identificação com os direitos humanos e utiliza o dizer “cidadão de bem” para se posicionar que somente os que não transgridam a lei devem ter direitos humanos, e não os bandidos. Logo, a esquerda foi significada novamente como o erro.

Para a FD política de esquerda, posicionar-se a favor do *Queermuseu* significa a luta pela igualdade e pelos Direitos Humanos, e o posicionamento contrário à exposição representa a concordância com atitudes ditatoriais e opressoras por impedir liberdades individuais.

Na FD política de direita, a esquerda é considerada antipatriota e que pretende forçar a mudança dos valores por imposição. Logo, declarar-se contra o *Queermuseu* representa estar filiado ao conservadorismo, com pautas de defesa da família, da moralidade e da religião, além de “administrar bem dinheiro público” (não desperdiçando com a Lei Rouanet em movimentos artísticos, filiando-se ao discurso capitalista) e declarar-se a favor do *Queermuseu* significa estar filiado à FD política de esquerda, com o imaginário de inversão de valores, erro, pecado e corrupção.

²⁵ Informação disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/10/14/lava-jato-denuncia-executivos-de-empresa-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro-em-contratos-da-petrobras.ghtml>>.

Como resultado, a abertura da exposição produziu uma não identificação com a FD conservadora e religiosa. Nem mesmo a atitude de fechar a exposição amenizou os efeitos. A nota publicada pelo Santander foi um gesto tentando reconstruir a identificação com o público ofendido (SD9 – apresentação de um pedido de desculpas). Entretanto, não foi eficaz pois, por meio da memória metálica, os discursos permaneceram em circulação e os comentários contrários ao *Queermuseu* continuaram reverberando nas redes sociais. Desse modo, percebe-se que os dizeres da SD15 e da SD16 indicam filiação à FD política de direita.

Os discursos sobre a diversidade sexual que estavam representados na exposição foram silenciados por um movimento político em que há uma hegemonia de um posicionamento cristão conservador. A nota também trazia elementos que remetiam à memória do discurso artístico e da diversidade. Assim, o discurso da instituição evita um posicionamento de confronto, mas de aceitação e assujeitamento aos discursos contraditórios das manifestações como uma forma de manter a identificação com a maioria do público. A SD15 e a SD16 mobilizam memórias associadas à direita por empregar dizeres como “destruição” (SD15) e “desconstrutora” (SD16) dos valores morais.

Ainda na SD16, é dito que o Santander participaria de um projeto de poder totalitário associado à política de esquerda em que haveria um domínio ideológico. Tal efeito de sentido é reforçado ao mencionar a “Novilíngua”, fazendo referência à obra de George Orwell, “1984”, que narra ficcionalmente a criação de um idioma que tornaria “impossível a expressão de pensamentos heterodoxos” e por “artifício lexical” tornaria “impronunciável tudo o que se desvia do pensamento oficial” (DIAS, 2018, p. 174),

A partir da explicação de Silva (2010), percebe-se que, além do posicionamento político, a menção à Novilíngua recorre a um imaginário de “Teoria da Conspiração” na qual se luta contra um inimigo poderoso, indicando o Santander como associado ao inimigo, ou o próprio inimigo. Nesse viés, a ideia de dominação ideológica é levada a um extremo filosófico, para construir um sentido de identificação com os pequenos que devem se unir para resistir contra um sistema dominante.

As teorias da conspiração estão associadas à criação de uma **explicação fantasiosa para um facto**, normalmente baseada num juízo que contraria a versão oficial - e politicamente correcta (...) **são passíveis de despertar nos indivíduos a sensação de posse sobre algo secreto** e não acessível a toda a gente, **fazendo-os sentirem-**

se especiais e privilegiados. (...) alguns cidadãos acreditam nas teorias da conspiração por causa da sua própria paranoia, **olhando para si mesmos como indivíduos perseguidos e impotentes, que têm de enfrentar um inimigo** (...) são **anti-elitistas e anti-intelectuais** também (SILVA, 2010, p.10-12, grifos nossos).

Dessa maneira, é possível evidenciar o sentido, pelo não-dito, que o sujeito dessa sequência discursiva se posiciona como um arauto, um detentor de conhecimento privilegiado que tem a missão de esclarecer os mistérios aos incautos.

A polarização política também é reforçada pela SD17:

SD17. Foi o **Santander** que **demitiu a analista** Sinara Polycarpo Figueiredo, **por ter informado aos clientes que a economia iria piorar com a reeleição de Dilma Rousseff** (PT). Este "banco" **está seguindo à risca a cartilha do "politicamente correto"** imposta pela PTzada! (Comentário 14, grifos nossos)

O enunciado declara ser contra o “politicamente correto”. Vale ressaltar que Queiroz (2004) define o politicamente correto como o respeito à “dignidade das pessoas consideradas diferentes” e os preconceitos são constituídos por uma “pretensa superioridade coletiva que assumimos ao carimbar ‘o outro’ com a marca de qualquer inferioridade” (QUEIROZ, 2004, p. 06). A FD política de esquerda se identifica com o politicamente correto por fazer referência aos Direitos Humanos para todos, enquanto, por oposição, a FD política de direita faz referência que os Direitos Humanos devem ser para os “cidadãos de bem”.

Desse modo, a SD17 se identifica com a FD política de direita e com a FD conservadora. Além disso, esta SD também faz referência à memória de uma situação em que imagem do banco é associada ao governo de esquerda²⁶, produzindo um efeito de sentido que a instituição está associada ao “erro”, é enganadora e quer mudar os valores sociais.

²⁶ Fonte: <<https://exame.abril.com.br/negocios/executiva-demitida-por-carta-sobre-dilma-ganha-indenizacao/>>.

4.2 SEXUALIDADE (I)LÍCITA

Os internautas fizeram muitas críticas às obras do *Queermuseu* por apresentarem sexualidades divergentes da heteronormatividade, entretanto, como museu, apresenta uma memória institucionalizada. Mas, por meio do ciberespaço, a circulação das obras como discurso foi além do museu, circularam e significaram a partir de diferentes FDs, tendo em vista que não há controle dos sentidos e que nas redes sociais o sujeito tem a ilusão de estar na multidão.

Nesse tópico, serão analisadas algumas SDs com acusações de pornografia, zoofilia e pedofilia. Segundo Foucault (1996), os comentários possuem relações interdiscursivas com o discurso que os motivou, por esse motivo, além das SDs, também analisaremos as obras para compreendermos quais memórias são mobilizadas e como os efeitos de sentido são produzidos.

SD18. Desculpa, Santander, as obras que foram mostradas não propagam diversidade, **não promovem arte** de forma alguma. **Cartazes com desenhos** que claramente representam crianças com escritos de "**criança viada** rainha da lambada" e coisas do tipo, cartazes que mostram **homens e mulheres tendo relações com animais**, não tem **nada de diversificado e artístico**. Cadê a curadoria? Vocês não viram nada disso? Há formas e formas de tratar o grotesco e natureza humana na arte **sem ser vulgar**, apelativo e desrespeitoso como fizeram. (Comentário 17, grifos nossos)

SD19. E desde quando **pedofília e zoofília** se enquadram nestes debates quando **a eles se faz apologia**? O que isto tem a ver com diversidade??? (...) **Nossas crianças precisam de proteção** e não vamos apoiar a nada que tente **minimizar ou "naturalizar" a pedofilia**. Não é normal e nunca, JAMAIS será! (Recorte do comentário 18, grifos nossos)

SD20. Também **patrocínio de pornografia** (Recorte do comentário 8, grifos nossos).

Percebe-se que as acusações – de pornografia na SD20 e de zoofilia na SD18 e na SD19 (também na SD1) – são recorrentes nos discurso dos internautas que fizeram os comentários devido às FDs que os constituem e uma relação com a obra de “Cenas de Interior II” (Figura 5):

Figura 5: *Queermuseu*, obra: “Cena de interior II”, 1994, de Adriana Varejão.



Fonte: Farah (2017).

Sobre a arte e sua discursividade, Campos (2010, p. 15) afirma que: “a arte enquanto prática social funciona como toda prática, isto é, também é uma prática ideológica que interpela”.

A imagem permite um trajeto do olhar sem roteiro prévio, imprevisível e, assim, torna ativas outras camadas de materialidade do que não está evidente, produzindo uma experiência rara. O olhar se fixa, contorna e agrupa pontos, construindo delineamentos numa cartografia singular onde se configura o desdobramento do desejo do sujeito. Portanto, o olhar está organizado por algo que não se vê, algo que cai fora do campo da visão e que só adquire sentido na relação com a cultura e com a história (CAMPOS, 2010, p. 16)

A obra “Cena de interior II” (Figura 5), de Adriana Varejão, apresenta cenas de homossexualidade entre homens brancos e um negro, uma relação heterossexual entre uma mulher branca e um negro, entre mulheres brancas e também há uma representação de sexo com animais. Baseado nessa obra que se fundamentou a discussão sobre zoofilia e uma parte da polêmica sobre pornografia.

Quando se fala em sexualidade, deve-se levar em conta que os sujeitos integrantes da sociedade são atravessados por ideologias que determinam os sentidos naturalizados. Orlandi (2015) explica que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, afirmando também que não há sujeito sem ideologia.

Considerando também que Althusser (1980) fundamenta que os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) são instituições que mantêm o *status quo* ideológico em funcionamento por meio de um processo educacional para fazer o apagamento de ideologias divergentes. A igreja funciona como um AIE, fomentando uma ideologia em que o corpo é sagrado e a sexualidade é vista somente como método normativo para a perpetuação da espécie com lógica biológica e objetivo de gerar prole. Além disso, com base no sofrimento de Cristo, qualquer forma de prazer é interpretada como pecaminosa.

Logo, qualquer conduta sexual que seja considerada fora da heteronormatividade e dos padrões do casamento religioso é tratada como aberração, como algo a ser combatido com veemência para defender os ensinamentos sagrados considerados éticos, mantendo a conduta “correta” do ser humano. Esse efeito de sentido é produzido nos sujeitos por estarem filiado a uma FD conservadora e cristã.

Ao falar sobre o discurso artístico, Neckel (2013) diz que há uma relação entre no velho e o novo em que se “reclama a tradição e projeta-se ao futuro, o que remete a um funcionamento de ruptura (NECKEL, 2013, p. 295). Desse modo, as obras de arte trabalham com as contradições para funcionar como uma desestabilização dos sentidos cristalizados e naturalizados.

Sobre a representação da obra “Cena de Interior II” (Figura 5), o fundo da obra possui uma representação de papel envelhecido do estilo pergaminho que não se utiliza mais, retomando a memória de um documento histórico preservado, formando um imaginário de que a obra é um registro factual, filiando-se a uma FD histórica.

Há vasos coloridos que representam porcelanas caras, percebe-se alguns incensários e caixinhas que se assemelham a porta-joias. Os vidros das portas possuem diversos detalhes trabalhados e também há alguns pergaminhos enrolados sobre uma mesinha, fazendo referência a um ambiente suntuoso, refinado e caro, inscrevendo que o imaginário da obra refere-se a uma classe social elitizada, primeiramente pela mobília e a presença de serviçais, além disso os pergaminhos evidenciam o sentido de que há pessoas escolarizadas e isso, na época retratada, somente pessoas com bons recursos tinham acesso à educação.

Com a observação das representações de móveis e objetos, produz-se um sentido com base em memórias da época da escravidão e do império. A sociedade deste período possuía valores intrínsecos a uma ideologia cristã católica, podendo-se ressaltar que moralmente as práticas sexuais deveriam ser somente entre homem e mulher devidamente casados, funcionando um silenciamento devido à interdição ideológica para qualquer discurso fosse estranho a essa “normalidade”.

O valor do próprio **ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal**, ao pecado, à queda, à morte, enquanto a Antigüidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo (...) **teria aceitado [o ato sexual] no casamento monogâmico e**, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de **uma finalidade exclusivamente de procriação** (FOUCAULT, 2006, p. 201, grifos nossos).

Nessa época retratada, também havia uma FD escravista, com um preconceito arraigado culturalmente em que não se aceitava relacionamento entre brancos e negros. Vale destacar que esses relacionamentos aconteciam, como diz Freyre (2003), “uniões irregulares” de brancos com negras (escravas), entretanto, “as leis brasileiras (...) só faziam favorecer essa tendência para o concubinato”, permanecendo as relações ilegítimas em segredo porque havia leis para que “não admitissem aos cargos públicos indivíduos que vivessem em franco concubinato” (FREYRE, 2003, p. 203). Com esses elementos, a obra produz como efeito de

sentido que essas relações aconteciam entretanto havia um sistema produzindo silenciamento.

Desse modo, percebe-se que o próprio sistema de leis funciona como um Aparelho Ideológico de Estado para impor uma interdição, criando uma formação discursiva que o concubinato não pode ser dito. É fato histórico que práticas sexuais inter-raciais aconteciam, mas isso não era discursivizado, era o “não-dito”, não havia um lugar social para isso e, conforme a teorização de Orlandi (2007), funcionava um silêncio local, uma proibição para circulação de alguns sentidos.

Observando a obra de arte em análise (Figura 5), por meio dos objetos simbólicos empregado, circula um sentido que esses atos aconteciam entre os mais ricos e apenas precisavam ser sigilosos para evitar o escândalo em nome de uma moralidade incorporada socialmente que funcionava por imposição ideológica, mas era como forma de controle social, e a população em geral mostrava (e ainda mostra) um assujeitamento ao discurso religioso cristão como conduta social.

A poligamia, **o prazer fora do casamento, a valorização do prazer** (...) já **havia desaparecido**, no essencial, do mundo romano antes do cristianismo, **e somente havia uma pequena elite**, uma pequena camada, uma pequena casta social de privilegiados, de pessoas ricas – **ricas, portanto livres – que não praticavam esses princípios**, mas basicamente já estavam incorporados (FOUCAULT, 2006, p. 64, grifos nossos).

O concubinato era dito como impuro, porque ele tem um caráter destrutivo com base na memória da história bíblica em que Hagar foi expulsa por Sara do lar de Abraão por não ter legitimidade (BIBLIA, 2004, p. 27, Gn 16, 3). Por isso, tal representação do concubinato é rechaçada tanto para o casamento como para a união estável, na medida em que as formas familiares aceitas são sempre monogâmicas.

Para inculcar esses novos imperativos morais (...) o cristianismo penetrou no Império Romano e **se tornou**, muito rapidamente, **a religião do Estado**. Portanto, **é mais do lado dos mecanismos de poder** do que do lado das idéias morais e das proibições éticas (FOUCAULT, 2006, p. 65, grifos nossos).

Diante disso, observa-se que as interdições morais se referem a leis para um controle social e que a obra produz um efeito de sentido como se fosse um documento histórico com um imaginário que essas relações aconteciam mas eram

silenciadas. A obra também se filia a uma FD artística porque rompe com sentidos estabilizados sobre a moralidade social, retomando memórias sobre a escravidão. A obra “Cenas de Interior II” ainda promove uma reflexão histórica e uma crítica social ao expor um comportamento que era julgado como imoral e realizado às escondidas.

Outro aspecto fora do convencional retratado nesta obra é a relação sexual entre três homens. A situação mostra dois homens brancos realizando penetração anal e oral em um homem negro. Por se tratar de uma obra que retoma o contexto em que a escravidão era naturalizada e que os homens brancos estão de calças e camisas enquanto o negro está apenas com um calção, a partir destes objetos simbólicos é produzido um sentido sobre a condição social. Se considerarmos as memórias sobre o período da escravidão, é possível interpretar que se trata de um abuso contra um escravo:

Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa – **colonização, a princípio de homens quase sem mulher** – e no sistema **escravocrata** de organização agrária do Brasil; **na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos** é que se devem procurar as causas principais do **abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor** que tanto se acentuaram entre nós (FREYRE, 2003, p. 210, grifos nossos).

Percebe-se que há uma FD cristã que produz um silenciamento sobre a sexualidade e que isso ainda se perpetua no imaginário da atualidade, pois a polêmica foi gerada por apresentar as imagens que demonstravam um comportamento sexual diferente do que é aceito socialmente. As críticas contra o *Queermuseu* fizeram alegação de que as imagens de sexualidade não deveriam ser expostas em um ambiente público, recorrendo também a uma FD jurídica para criminalizar acusando de divulgar “pornografia” e “bizarrices sexuais”.

SD21. Assumam a culpa de uma vez por todas e DEVOLVAM os 850.000 reais que tomaram do POVO para **fazer escárnio da fé cristã e promover bizarrices SEXUAIS**. (Comentário 20, grifos nossos).

Por ir contra o socialmente aceitável, utilizou-se “bizarrices” (SD21) que produz um sentido de vulgaridade no senso comum. O termo “pornografia” (SD20) por fazer parte de uma FD jurídica, refere-se à memória de ilegalidade e ato vexaminoso, considerando as relações homossexuais como ilícitas por estar inscrito

em uma FD jurídica (em um equívoco de senso comum) que trata como “atentado ao pudor”²⁷, reforçando o imaginário de uma atitude criminosa.

A acusação de incentivar a Zoofilia (SD1, SD18, SD19) foi baseada exclusivamente nesta obra (Figura 5), o termo também carrega a memória do discurso bíblico²⁸ e do discurso jurídico que criminalizou esta prática na lei de maus-tratos à animais²⁹ e fazer apologia à prática criminosa também é crime.

Entretanto, apesar das interdições discursivas, a obra de Adriana Varejão pode produzir um efeito no mesmo sentido da obra de Édouard-Henri Avril³⁰ (Figura 6), com o imaginário do Discurso Artístico a partir da máxima de Aristóteles: “a arte imita a vida”.

Figura 6: Obra: Ancient Greek sodomising a goat, 1900, de Édouard Avril.



Fonte: Art.com (2019).

Assim, a condição de produção da obra de Avril (Figura 6) é uma época em que se considerava a proibição bíblica, mas como crime ainda não era discursivizado juridicamente, tratando de um imaginário comum do sertanejo que é a relação sexual com animais, conforme registrado na obra *Casa Grande & Senzala*:

²⁷ A expressão “atentado ao pudor” é uma variação de senso comum equivocada a partir do “atentado violento ao pudor” (outros tipos de violência sexual que não eram considerados como estupro que eram previstos como crime entre 1940 e 2009. Agora qualquer violência sexual é considerada como estupro – Lei 12.015/2009). A forma correta tipificada para a exibição sexual é “atos libidinosos em público” (Código Penal, art. 233).

²⁸ “Nem te deitarás com um animal, para te contaminares com ele; nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele: confusão é.” (BÍBLIA, 2004, p. 162, Lv 18:23)

²⁹ Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990.

³⁰ Édouard-Henri Avril (1849 - 1928) pintor que frequentou a École des Beaux-Arts, em Paris, ilustrador da literatura erótica (ART.COM, 2019).

São as muitas histórias, de sabor tão brasileiro, de casamento de gente com animais, de compadrismo ou amor entre homens e bichos (...). **Histórias que correspondem, na vida real, a uma atitude de tolerância**, quando não de nenhuma repugnância, **pela união sexual do homem com besta; atitude generalizadíssima entre os meninos brasileiros do interior.** (...) Em ambos - no menino de engenho, como no sertanejo - **a experiência física do amor se antecipa no abuso de animais e até de plantas; procuram satisfazer** o furor com que o instinto sexual madruga neles **servindo-se de vacas, de cabras, de ovelhas, de galinhas, de outros bichos caseiros;** ou de plantas e frutas – da bananeira, da melancia, da fruta do mandacaru. São práticas que para o sertanejo suprem até a adolescência, às vezes até mesmo ao casamento, a escassez de prostituição doméstica ou pública – as amas, as mulatas, os moleques de casa, as mulheres públicas – de que tão cedo se contaminam os meninos nos engenhos e nas cidades do litoral (FREYRE, 2003, p.105-106, grifos nossos).

Assim, pode-se perceber que a obra “Cenas de Interior II” (Figura 5), por meio de objetos simbólicos constitui uma série de referências a discursos históricos e artísticos que consideram essa prática comum no interior. E se considerar uma posição-sujeito relacionada ao Discurso Artístico, reforça-se a interpretação como crítica social e não incentivo.

A obra “Cenas de Interior II” (Figura 5) apresenta uma mistura de imagens que se inscrevem em diferentes FDs, produzindo uma formulação discursiva com tensão entre os sentidos, pois possuem conflitos. Dessa forma, é percebido que não há regularidade, “não funciona como uma proposição estabilizada, mas como um ponto em um espaço de disjunções lógicas” (PÊCHEUX, 2008, p. 23).

A respeito da pedofilia, as acusações são indicadas em várias SDs com referências diretas de apologia à pedofilia (SD1, SD2, SD3, SD19), discursivizado na SD18 dizendo que há “cartazes com desenhos que claramente representam crianças com escritos de ‘criança viada rainha da lambada’ e coisas do tipo”. Também na SD19: “nossas crianças precisam de proteção e não vamos apoiar a nada que tente minimizar ou “naturalizar” a pedofilia. Não é normal e nunca, JAMAIS será!”.

Todos esses dizeres sobre pedofilia são formulados como paráfrase por FDs com um efeito de “sempre-já-aí” que é o pré-construído mencionado por Pêcheux (2014a). Para compreender a formação de sentidos sobre a sexualidade na infância, é necessário retomar alguns aspectos históricos.

Foucault explica que no Ocidente não se trata com naturalidade o ensino sobre a sexualidade dizendo que “é possível haver essa produção teórica, essa produção especulativa, essa produção analítica sobre a sexualidade no plano cultural geral e, ao mesmo tempo, um desconhecimento do sujeito a respeito de sua sexualidade” (FOUCAULT, 2006, p. 58). O autor também declara que há uma interdição considerando o sexo como algo que não deve ser mencionado ou pronunciado, um tabu do objeto (FOUCAULT, 1996, p. 09), percebe-se que aí funciona um silenciamento, pois até se permite falar sobre sexo com abordagem científica, mas não sobre o prazer.

A Antiguidade grega e romana, na qual a sexualidade era livre, se expressava sem dificuldade e efetivamente se desenvolvia, sustentava em todo caso um discurso na forma de arte erótica. Depois **o cristianismo interveio**, o cristianismo que teria, pela primeira vez na história do Ocidente, **colocado uma grande interdição à sexualidade**, que teria dito não aprazer e por aí mesmo ao sexo. (...) **Essa proibição teria levado a um silêncio** sobre a sexualidade – baseado essencialmente em proibições morais. Porém a **burguesia**, a partir do **século XVI**, encontrando-se em uma posição de hegemonia, de dominação econômica e de hegemonia cultural, **teria retomado** de qualquer modo a seu cargo, para aplicá-lo mais severamente ainda e com meios **ainda mais rigorosos**, esse ascetismo cristão, **essa recusa cristã da sexualidade** e conseqüentemente a teria prolongado até o século XIX, no qual finalmente, em seus últimos anos, se teria começado a levantar o véu com Freud (FOUCAULT, 2006, p. 62-63, grifos nossos).

No contexto dos meados do século XIX, em Londres, considerando que ainda havia uma ideologia dominante cristã determinando a heterossexualidade, as pessoas que não se inscreviam nesse discurso sofriam o apagamento.

Quando se fala em “apagamento”, é uma produção de sentido que:

Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. **É o não-dito necessariamente excluído**. Por aí se **apagam os sentidos que se quer evitar**, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, **determinando** conseqüentemente **os limites do dizer** (ORLANDI, 2007, 73-74, grifos nossos)

Foucault (1988) diz que as interdições tratavam principalmente da sexualidade “antinatural” e fora da normativa cristã:

Quanto aos tribunais, **podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade.** Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o "**contra-natureza**" era marcado por uma **abominação particular.** (...) As proibições relativas ao sexo eram, fundamentalmente, de natureza jurídica (FOUCAULT, 1988, p. 39, grifos nossos).

Segundo o autor, os questionamentos passaram a ser referentes à “sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; e o prazer dos que não amam o outro sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 39). Com o estabelecimento das leis, a transgressão era uma “infração legal ou moral”, enfim, essa minoria da sociedade era geralmente presa e taxada como criminosa ou “talvez doentes”, “vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de ‘vício’ e, às, vezes de ‘delito’.” (FOUCAULT, 1988, p.41).

Qualquer sexualidade divergente era considerada como “perversão” com base em uma formação discursiva de moralidade cristã ou como “doença” funcionando aí um discurso psiquiátrico.

Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles **povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos;** levam aos médicos sua infâmias e aos juízes suas doenças. **Incontável família dos perversos que se avizinha dos delinquentes e se aparenta com os loucos.** No decorrer do século eles carregaram sucessivamente o **estigma da "loucura moral", da "neurose genital", da "aberração do sentido genésico", da "degenerescência" ou do "desequilíbrio psíquico".** (...) Enfim, psiquiatrização do prazer perverso: o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias (FOUCAULT, 1988, p. 99, grifos nossos).

Percebe-se que é com base nessa memória que são produzidos os sentidos quando é dito que no *Queermuseu* há “ideologias doentias” (SD3). E também se observa no enunciado “isso é crime em todos os sentidos” (SD5) que aparentemente é fundamentado com o discurso da lei atual que coloca em circulação discursos declarando que as crianças são vulneráveis, que devem ser protegidas e tem direito à educação (BRASIL, 1990), por conseguinte, a FD cristã e conservadora associa a

educação à sua respectiva noção de moralidade. Entretanto, percebe-se que esses já-ditos, constituem o interdiscurso e, mesmo sem um respaldo técnico do Discurso Jurídico, é produzido no sujeito um efeito de evidência em que as obras do *Queermuseu* devem ser consideradas como um crime contra a moralidade (em todos os sentidos).

(...) a **sexualização da criança** foi feita sob a forma de **uma campanha pela saúde da raça (a sexualidade precoce foi apresentada, desde o século XVIII até o fim do século XIX, como ameaça epidêmica que corre o risco de comprometer não somente a saúde futura dos adultos, mas o futuro da sociedade e de toda a espécie)**; (...) fez-se em nome da responsabilidade (...) (FOUCAULT, 1988, p. 137, grifos nossos).

Na sexualidade da infância elabora-se a ideia de **um sexo que está presente (em razão da anatomia) e ausente (do ponto de vista da fisiologia)**, presente também caso se considere sua atividade e **deficiente se nos referirmos à sua finalidade reprodutora**; ou, ainda, atual em suas manifestações mas escondido em seus efeitos, que só aparecerão em sua gravidade patológica mais tarde; (...) supor que a precocidade sexual provocaria mais tarde a esterilidade, a impotência, a frigidez, a incapacidade de sentir prazer, a anestesia dos sentidos (FOUCAULT, 1988, p. 143, grifos nossos).

A sexualização na infância foi significada, por um discurso da medicina, como incompleta e incapaz, assim, houve a criação de leis que retomam os mesmos sentidos como o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) que prevê a proteção integral e determina que as crianças e adolescentes não podem estar em situação (participar ou assistir) de atividade sexual explícita, real ou simulada, formando sentidos recentemente como discurso jurídico.

A crítica da SD18 especificamente foi direcionada às obras “Travesti da Lambada e Deusa das Águas” e “Adriano Bafônica e Luiz França She-Há” (Figura 7), de Bia Leite, ilustram a figura de crianças com a palavra “viada”. Essas obras não configuraram sozinhas a acusação de pedofilia, mas, no contexto da exposição aberta, sem classificação indicativa, foram interpretadas pelos conservadores como uma forma de “estimular” as crianças a práticas sexuais e querendo “incentivar” à homossexualidade.

Figura 7: *Queermuseu*, Obras “Travesti da Lambada e Deusa das Águas” e “Adriano Bafônica e Luiz França She-Há”, 2013, de Bia Leite.



Fonte: Farah (2017).

Para perceber o funcionamento discursivo:

(...) é preciso que o sentido primeiro ressoe junto com os novos sentidos, funcionando como **uma presença-ausente**. É o **memorável que aí ressoa**. **Não dá para interpretar uma atualidade sem mobilizar a memória** (INDURSKY, 2011, p. 86, grifos nossos).

A presença das cores pode ser uma forma de representar memórias, observando que a imagem possui uma elaboração com cores bem definidas e contrastivas, com tons fortes de amarelo, azul e vermelho e em partes da obra o azul e o vermelho são suavizados para o azul claro e o rosa.

Os sentidos podem ser percebidos de modo diferente dependendo da memória que é mobilizada. Se tomarmos por base na mistura de cores CMKY (cian/ciano, magenta, black key/preto e yellow/amarelo), percebemos que na obra são destacadas as cores das quais se pode derivar todas as outras, representando o colorido, todas as possibilidades, logo, associando aos movimentos de diversidade sexual, traz a memória que o arco-íris também é utilizado como símbolo em diversos movimentos (Figura 8).

Figura 8: Bandeira que representa a diversidade sexual, o arco-íris³¹.



Fonte: Gutierrez (2019).

Outra memória que pode ser associada é a recorrência das cores azul e rosa, considerando que, nas duas obras de Bia Leite, aparecem duas crianças em cada, uma com o rosto na cor azul e outra na cor rosa/avermelhado com expressões que não permitem uma distinção de gênero.

Isso indica a presença de memórias que consideram o emprego dessas cores como determinações para as orientações de gênero na infância, esses discursos são reiterados atualmente até mesmo em declarações da Ministra Damare Alves (Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos) declarando que “menino veste azul e menina veste rosa” (G1, 2019).

A respeito da definição de Gênero, Butler (2003) explica que:

Como uma **prática discursiva** contínua, o termo está **aberto a intervenções e re-significações**. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, **a própria “cristalização”** é uma prática insistente e insidiosa, **sustentada e regulada por vários meios sociais**. (...) O **gênero é a estilização** repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos **no interior de uma estrutura reguladora** altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo **para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser** (BUTLER, 2003, p. 59, grifos nossos).

³¹ Passeata da 22ª Parada Gay em São Paulo, envolvendo vários movimentos que defendem a diversidade sexual. Realizada no dia 03 de junho de 2018, na Avenida Paulista.

Na FD cristã e conservadora, o gênero é cristalizado e os discursos são reproduzidos de modo que não possa circular outros sentidos. É produzido como efeito de sentido que o gênero é determinado pela natureza e, como mecanismo regulador, o indivíduo, mesmo antes de nascer, já é discursivizado como sujeito, pois é um momento em que todos já querem saber se é menino ou menina para saber qual a cor das roupinhas para comprar, rosa ou azul.

Assim já começam a funcionar os discursos de identidade para definir o “masculino” e o “feminino”, atravessados ideologicamente de modo que não é possível ser dito algo diferente. Nesta fase da infância, pode-se entender que há um apagamento do discurso sobre a diversidade sexual, é o não natural.

Haverá humanos que não tenham um gênero desde sempre? A **marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos**; o bebê se humaniza no momento em a pergunta “menino ou menina?” é respondida. **As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano**, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (BUTLER, 2003, p. 162, grifos nossos).

Essa categorização entre o masculino e feminino não se trata de fatos naturais, está vinculado ao imaginário social do gênero e, conforme Salerno (2007), reforça o funcionamento de discursos por concordância ideológica, evidencia-se uma relação social em que se consegue impor e modelar subjetividades: “Las categorías sociales poseen un carácter efectivo. Por este motivo, **logran imponerse y modelar subjetividades**. Por un lado, **cuentan con el apoyo de las fuerzas del poder**” (SALERNO, 2007, p. 05, grifos nossos).

E nessa questão de distinção de gênero, para “educar corretamente”, há discursos que ecoam, estão “sempre-já-aí” e produzem sentidos sobre a forma certa de educar o menino: “como Erasmo o fez nos seus *Diálogos*, aconselhando seu discípulo na escolha de uma boa prostituta” para ensiná-lo a ser homem e esse discurso circulava em todas as classes sociais. Foucault (1988, p. 29) dizendo que, por não se dar mais esse tipo de conselho abertamente, “(...) isso não significa um puro e simples silenciar. Não se fala menos de sexo, pelo contrário. Fala-se de outra maneira; são pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos”.

Foucault explica que os educadores ficavam constantemente vigiando e considerando as possibilidades que cercam a realidade das crianças, desde a sala de aula, até a organização dos dormitórios, enfim:

(...) tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar – articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que a sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. Mas ainda há mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII (...) um problema público (FOUCAULT, 1988, p. 30).

Enfim, desenvolveu-se toda uma estrutura para regular os discursos sobre a sexualidade, produzindo uma literatura “de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e do seu sexo”, por meio disto “impunha-se-lhe um certo discurso razoável limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 30).

O autor aponta que, no século XIX, o sexo não foi silenciado, mas discursivizado a partir da biologia, excluindo as formas “criminosas” e “antinaturais”, para “funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder” (FOUCAULT, 1988, p. 32).

Assim, ao fazer categorização de gêneros, com a orientação de “azul” ou “rosa”, tem-se o funcionamento da FD cristã heteronormativa que produz naturalização do sentido.

Considerada coletivamente, **a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural**. A “nomeação” do sexo **é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado** que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, (...) **somos obrigados**, em nossos corpos e em nossas mentes, **a corresponder**, traço por traço, **à idéia de natureza que foi estabelecida para nós...** ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais (BUTLER, 2003, 168, grifos nossos).

Há em circulação a noção que a diferença de gênero é biológico e esse efeito de evidência, segundo Butler (2003), é naturalizado determinando as práticas sociais. Então os sujeitos reproduzem os dizeres e comportamentos como uma performance representativa do imaginário social sobre o gênero.

Diante disso, percebe-se que o “simples” dizer a respeito da infância, com a menção do “azul” e “rosa”, possibilita uma rede de sentidos. Carrega diversas memórias com sentidos cristalizados para reafirmar o funcionamento do silenciamento sobre discursos que não se identificam. Essas vozes funcionam como paráfrase em que “o mesmo” é dito, filiado a um discurso educacional tradicional sobre a orientação sexual, retornando à preocupação, sob a FD cristã e conservadora, a respeito da “educação correta” e, além disso, ter um filho homossexual seria o imaginário de fracasso e de vergonha na posição de pais cristãos.

Outro objeto simbólico apresentado nas obras de Bia Leite (Figura 7) é a referência às roupas utilizadas pelas crianças que evidenciam a representação de identidade: “**Existe una estrecha relación entre el vestido y las identidades**. Por este motivo, usualmente entendemos que **las prendas** que vestimos **constituyen una extensión de nuestra persona**” (SALERNO, 2007, p. 13, grifos nossos).

Salerno ressalta a importância das roupas para a identidade do sujeito, logo, impor o que vestir é uma forma de apagar identidade, de assujeitar e, por consequência, reduzir as resistências para a dominação ideológica: “Los intentos de borrar identidades constituyeron elementos centrales a la hora de desmotivar resistencias” (SALERNO, 2007, p. 13).

Dessa maneira, por meio das roupas simbolizadas nas obras em análise (Figura 7), pode-se interpretar que há uma identificação com o imaginário da homossexualidade primeiramente porque não há como determinar o gênero em cada figura. Também há dizeres que caracterizam cada criança como “criança viada”. A palavra “criança” remete-se a um pré-construído da morfologia gramatical que a caracteriza como um substantivo sobrecomum para o qual não há determinação de gênero. Outros termos como “viada”, “bafônica”, “travesti” fazem parte de uma FD da homossexualidade masculina que também é evidenciado pelos trejeitos “não heteronormativos” e com os nomes masculinos atribuídos às crianças na segunda obra, “Adriano” e “Luiz”.

Considerando a discussão sobre gêneros a partir das obras de Bia Leite, evidencia-se a crítica apresentada por Butler (2003):

O gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade. As possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que ficções culturais punitivamente reguladas, alternadamente incorporadas e desviadas sob coação (BUTLER, 2003, p. 199).

Há uma relação de poder imposta pelo imaginário social sobre o gênero, em que os sujeitos precisam reproduzir nos próprios corpos os discursos sobre a sexualidade que, segundo Butler (2003) são “ficções culturais” construídas com coação e repressão. Desse modo, também pode-se produzir efeitos de sentido relacionados aos conflitos na infância sobre a aceitação própria e sobre o assujeitamento à imposição social, principalmente quando as crianças se identificam como homossexuais por suas brincadeiras e afinidades, logo, são reprimidas por uma ideologia regulatória e punitiva que determina a identidade, dizendo quem são e como devem ser.

Além disso, a categoria do “sexo” é normativa. Explica Butler que “o **‘sexo’ não apenas funciona como uma norma**, mas **é parte de uma prática regulatória** que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2013, p.153, grifos nossos). Com base na “prática regulatória”, percebe-se o funcionamento de uma ideologia heteronormativa que, na prática, é uma FD que forma um imaginário sobre o modo que sujeito deve se comportar. Estar fora desta determinação significa a exclusão social. Assim, há uma sexualidade hegemônica e, conforme as memórias em funcionamento na FD cristã e conservadora, só pode ser dito que a homossexualidade é o erro, o defeito ou a escolha pecaminosa.

Nessas condições, percebe-se a imposição normativa para que seja dito somente o esperado sobre a sexualidade heteronormativa. O sujeito homossexual não possui um lugar de fala na sociedade, outros dizeres não são aceitos, a diversidade sexual é silenciada, não é discursivizada e, assim, pelo “não-dito” funciona como uma forma de apagamento.

Sobre as obras criticadas, deve-se observar que não havia referência que pudesse significar o ato sexual na infância, os dizeres dos comentários não se identificam com a exposição e, com o funcionamento ideológico para significar, os sujeitos colam a noção de perversão à representação da infância (sexo incompleto) nas obras, considerando ainda que seria um incentivo, trazendo à tona o medo de induzir a criança ao erro, significando, na FD conservadora, a falha na educação.

Vale destacar que o Discurso Jurídico utilizando o termo pedofilia não é tão antigo³², o que havia era a interdição na FD cristã sobre o incesto e sobre a relação sexual fora do casamento, “na lista dos pecados graves” figuravam o estupro, o adultério, o rapto, o incesto e a sodomia (FOUCAULT, 1988, p. 39).

Diante da discussão sobre os sentidos possíveis nas obras e com base nas memórias que funcionam na atualidade, as SDs com sentidos sobre pedofilia no *Queermuseu* podem ser produzidos por discursos cristãos e conservadores que tratam a homossexualidade como crime, imoralidade e perversão. Assim, esses ecos tiveram seus sentidos deslizados para significar as obras de Bia Leite (Figura 7) que, como discutido, podem ter o sentido de crítica à imposição de padrões sociais sobre gênero.

De forma geral, as SDs apontam a presença de pornografia, zoofilia e pedofilia, indicando filiação a FD cristã que produzem sentido a partir de um interdiscurso com as obras apresentadas e com o discurso bíblico que trata como “pecado”, “abominação” e “bestialidade”, interditando a possibilidade de outros sentidos. Também se percebe associação ao discurso jurídico que criminaliza, cristalizando como algo inaceitável e, na exposição, em razão da apresentação em ambiente público, circulou o sentido de “apologia”, silenciando que as obras poderiam apenas significar a representação de narrativas históricas sobre a sexualidade.

³² “Como a maioria das questões sociais, o abuso sexual infantil não é novo (...). Até praticamente o final da década de 1990, raramente se ouvia falar em abuso sexual infantil. O termo pedofilia não era usado para descrever a preferência sexual de adultos por crianças e, tampouco, para qualificar o crime. (...) o abuso sexual infantil nunca foi devidamente denunciado e reportado” (RODRIGUES, 2014, p. 11).

4.3 CORPO SAGRADO E PROFANO

As obras do *Queermuseu* trouxeram memórias relacionadas à religiosidade, com representação de símbolos religiosos. Assim, os sujeitos filiados à FD cristã não se identificaram e os enunciados consideram que a exposição desrespeitou e profanou os símbolos da fé católica.

Tal condição mobilizou os sujeitos a uma tomada de posição com comentários em “defesa da fé” como uma forma de enfrentamento ao *Queermuseu* por estarem filiados ao cristianismo e ao conservadorismo. Há um discurso polêmico com “uma relação tensa de disputa pelos sentidos” e que “configura-se como uma prática de resistência e afrontamento” (ORLANDI, 2015, p. 87).

O posicionamento contrário às obras pode ser percebido a partir de várias SDs já apresentadas: “zombam da fé sob a capa de “conteúdo artístico” (SD1); “escárnio da fé alheia” (SD2); “provocar cristão é fácil” (SD8) e “ofenderam pelo menos 64% da população cristã do país (SD12). Além disso, também há uma SD com referência direta ao Discurso Jurídico:

SD22. Código Penal Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, **por motivo de crença ou função religiosa**; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; **vilipendiar** publicamente ato ou objeto de culto religioso: **Pena - detenção**, de um mês a um ano, **ou multa**. (Comentário 9, grifos nossos)

A crítica de vilipêndio e desrespeito a fé retomam diversas relações interdiscursivas com as obras. A ideia de profanação ocorre quando se desestabiliza o imaginário sagrado. Podemos observar que isso foi significado nas SDs com base em dois aspectos. Primeiramente, por fazer uma forma na associação com símbolos de outras religiões que, na FD cristã, representam a idolatria e o paganismo; e também por associar o corpo sagrado e imaculado de Cristo com o pecado sexual, que segundo o cristianismo, até mesmo o sexo no casamento carrega o “pecado original” por isso associar qualquer sexualidade a Cristo é considerado um absurdo, uma ofensa.

O sentido que considera o desrespeito à fé católica com base na associação da figura do Cristo crucificado com o paganismo é baseado na obra “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva” (Figura 9) do artista Fernando Baril, que foi produzida em 1996 (FARAH, 2017).

Figura 9: *Queermuseu*, obra “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva”, 1996, de Fernando Baril.



Fonte: Farah (2017).

A imagem funciona como um discurso com opacidade, segundo Pêcheux (1999, p. 55), deve-se fazer o gesto de leitura por outro viés, “não mais a imagem legível na transparência”, pois os sentidos são produzidos a partir de outros discursos e de memórias que se perderam.

Sobre a produção de sentido em obras de arte, Neckel (2005) afirma que:

É na observação de diferentes processos discursivos que nos colocamos no espaço de leitura/interpretação. (...) como um lugar de entremeio, é o que aproxima o processo fruidor e criador da arte dos elementos discursivos. O objeto da arte se oferece ao leitor para um gesto de leitura provocado (...) O verbal e o não verbal estão constitutivamente imbricados (NECKEL, 2005, p.01).

Os elementos verbais e não verbais são considerados como objetos simbólicos que possibilitam determinados sentidos a partir das filiações discursivas. O gesto de leitura será realizado a partir de memórias de outras FDs que podem ser relacionadas na criação artística.

Na obra em questão (figura 9), observa-se que há, no mínimo quatro FDs distintas que estão em funcionamento produzindo sentido, como as SDs acusam a obra de ofensa à religiosidade, precisamos compreender como os elementos da obra produzem sentido na FD cristã e em outras FDs.

A Formação Imaginária considera as relações de poder. O Sagrado é considerado como um poder superior e o homem se assujeita ao discurso religioso. Logo, o “homem religioso” forma um imaginário a respeito da entidade sagrada. Elíade (1992) explica que:

Para o homem religioso das sociedades primitivas e arcaicas, a eterna repetição dos gestos exemplares e o eterno encontro com o mesmo Tempo mítico da origem, santificado pelos deuses, não implicam de modo nenhum uma visão pessimista da vida; ao contrário, **é graças a este “eterno retorno” às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhe parece salvar-se do nada e da morte** (ELÍADE, 1992, p. 56, grifos nossos).

Quanto a representação simbólica, o discurso religioso apresenta regularidades, rituais que determinam as ações dos sujeitos, controlando os dizeres produzindo uma relação de forças em que, ao ser humano é designada a inferioridade e a obrigação de sujeição ao divino que o protege e salva da condenação certa.

Na obra de Fernando Baril (Figura 9), identifica-se no plano principal a referência ao discurso religioso cristão, no qual, a figura de Cristo é reverenciada principalmente quando se trata do sofrimento que passou na crucificação e, na FD cristã, não se admite discordância, o cristão deve se identificar concordando com o respectivo dizer bíblico.

A ideologia cristã é constituída a partir da noção de salvação (conforme o padrão do “homem religioso” apresentado por Elíade, 1992) que foi concedida ao homem por Jesus e há discursos bíblicos que orientam essa formação de sentido: “Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho (...) seremos salvos pela sua vida” (BÍBLIA, 2004, p. 1560, Rm 5:10). Ainda podemos mencionar: “Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos (...) para trazer salvação” (BÍBLIA, 2004, p. 1741, Hb 9:27).

Os trechos bíblicos citados geram os sentidos que constituem a fé cristã em que o sofrimento de Cristo, o sacrifício, trouxe a reconciliação com Deus, devendo evitar as práticas pecaminosas para ser salvo.

Figura 10: Obra “Cristo Crucificado”, estátua do deus Shiva e escultura da deusa Kuan Yin.



Fonte: Pesquisa na internet – Cristo Crucificado³³, deus Shiva³⁴ e deusa Kuan Yin³⁵.

Em razão da memória do discurso bíblico, há a constituição de um imaginário sagrado, bondoso e imaculado sobre a figura de Cristo e, em uma paráfrase, em 1632, foi produzida uma representação do sofrimento de Cristo na obra “Cristo Crucificado” (Figura 10) que reproduz esse discurso estabilizado.

Outro discurso estabilizado que gera sentido a partir do elemento verbal no título da obra é a formação discursiva religiosa hinduísta que é reproduzida por

³³ Obra Cristo Crucificado, 1632, de Diego Velázquez. Disponível em: <<https://santhatela.com.br/diego-velazquez/velazquez-cristo-crucificado/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

³⁴ Estátua do Lord Shiva, Templo em Jodhpur. Índia. Disponível: <<https://viagensculturais.wordpress.com/2011/05/28/monumento-a-lord-shiva-a-maior-estatua-da-india/>>. Acesso em 28 dez. 2019.

³⁵ Escultura da deusa Kuan Yin, 2004, Templo Wat Plai Laem. Samui, Tailândia. Disponível em: <<https://make.travel/ru/spots/plai-laem>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

paráfrase, com o imaginário do deus Shiva (Figura 10) que é definido como uma das formas do *Trimurti Hindu* a partir da memória das narrativas orais dos orientais hindus sobre a criação do mundo:

Vishnu apareceu (...) ele falou (...): “Apenas os ignorantes imaginam que eu e Shiva somos distintos; ele, eu e Brahma somos um Ser uno e trino, assumindo diferentes nomes para a criação, preservação e destruição do universo. Nós, como o Eu trino e uno, penetramos em todas as criaturas; os sábios, portanto, consideram todas as pessoas como a si mesmos” (COOMARASWAMY e NIVEDITA, 2002, p. 161-162).

Conforme a FD religiosa hindu, o imaginário sobre a entidade sagrada também é representado por um deus trino, Brahma é o criador, Vishnu é o preservador ou sustentador e o Shiva é o destruidor ou renovador. Essa divindade se manifesta em personalidades distintas conforme a situação e a relação com os homens³⁶ (COOMARASWAMY e NIVEDITA, 2002).

Essa forma de imaginário religioso também é abordado por Elíade:

A perspectiva muda totalmente quando o sentido da religiosidade cósmica se obscurece. É o que se passa quando, (...) **se desligam progressivamente dos padrões da religião tradicional**. A santificação periódica do Tempo cósmico revela se então inútil e insignificante (...). **O significado religioso da repetição dos gestos exemplares é esquecido**. Ora, a repetição esvaziada de seu conteúdo conduz necessariamente a uma visão pessimista da existência (ELÍADE, 1992, p. 56, grifos nossos).

Segundo o autor, como consequência há uma “dessacralização” e busca-se o reencontro misterioso com os deuses e o tempo fica “repetindo se até o infinito” (ELÍADE, 1992), na sequência compara com a narrativa hindu.

Foi o que aconteceu na Índia, onde a doutrina dos ciclos cósmicos (yuga) foi amplamente elaborada. (...) Pois o esquema exemplar, “criação destruição criação etc.”, reproduz se até o infinito. (...) mesmo essa enorme duração da vida de Brahma não consegue esgotar o Tempo, pois **os deuses não são eternos e as criações e destruições cósmicas prosseguem ad infinitum**. É o verdadeiro “**eterno retorno**”, a eterna repetição do ritmo fundamental do Cosmos: sua destruição e recriação periódicas (ELÍADE, 1992, p. 56, grifos nossos).

³⁶ Ainda há diversos aspectos da ideologia hindu que poderiam ser abordados, mas já é o suficiente para o objetivo de análise dos elementos simbólicos empregados na obra em questão (Figura 9).

Os objetos simbólicos da obra filiados ao discurso religioso budista orientam a produção dos sentidos nos gesto de leitura, entretanto, considerando o Discurso Artístico, não há domínio dos sentidos ou regularidades estabilizadas, portanto, para outras FDs pode haver outros sentidos. Conforme a FD religiosa budista, com a representação dos múltiplos braços na obra de Fernando Baril, percebe-se um interdiscurso com o imaginário da deusa Kuan Yin (ou Guan-yin) que é considerada um divindade transgênero³⁷, essa representação é de origem chinesa e, como outros deuses, é representada com muitos braços.

Seu objetivo é ajudar: salvar de desastres, curar doenças, proporcionar conforto e paz e corrigir o carma das pessoas. A deusa protege e protege a felicidade da família, protege os guardiões da lareira. É por isso que aqueles que sonham em reabastecer a família e a harmonia no relacionamento fazem pedidos. 18 mãos que estão prontas para dar a qualquer um que pedir ajuda e apoio a ela.³⁸

A escultura de Kuan Yin também funciona com uma estrutura estabilizada para o efeito de sentido que repete por paráfrase aquilo que deve ser dito pela FD religiosa budista.

Na obra “Cruzando Jesus Cristo com a Deusa Schiva” (Figura 9), também há uma FD consumista que é uma matriz de sentido que se inscreve em outro discurso, formando relações de sentido, pois alguns objetos simbólicos recuperam a memória de dizeres que podem ser identificados pela historicidade e inscritos em uma FD capitalista. Essa possibilidade de sentido é percebida na obra com a apresentação de uma imagem da Merlin Monroe e do cigarro que podem produzir um sentido de status social em razão do imaginário sobre o *glamour* no cinema, além do computador (modelo lançado na época, 1996), de produtos industrializados e da arma que, inscritos em um discurso capitalista, trazem o imaginário que, se tiver acesso ao

³⁷ Muitas explicações diferentes já surgiram para informar por que o *bodhisattva* (suprema sabedoria / mestre) da compaixão assumiu uma forma feminina. Algumas pessoas alegam que no Extremo Oriente a compaixão é entendida como uma qualidade particularmente feminina, por isso, a mudança de sexo foi de alguma forma, necessária. Outros destacam que mesmo nos lugares onde o *bodhisattva* é representado como homem (no Tibete, por exemplo, onde ele é conhecido como Chenrezig), seus traços são suaves e gentis (condizentes com suas qualidades compassivas) por isso, a mudança de gênero não é tão extrema quanto pode parecer à primeira vista. (...) Independentemente da forma como ele/ela é compreendido(a), milhões de budistas, em todo o mundo, voltam-se a esse *bodhisattva* da compaixão em busca de bênçãos e ajuda em momentos difíceis (LANDAW e BODIAN, 2009, p.185).

³⁸ Texto obtido por tradução automática de site cultural (Make Travel), originalmente em russo: <<https://make.travel/ru/spots/plai-laem>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

consumo e à modernidade, tem posses, produzindo o sentido de poder e prestígio social.

A partir dos discursos estabilizados, observa-se a paráfrase em discursos que reproduzem o mesmo sentido. Na obra de Fernando Baril (Figura 9), percebe-se a presença de outras FDs e há um confronto de sentidos filiando-se a um Discurso Artístico.

As formações discursivas não são definidas *a priori* como evidências ou lugares estabilizados, mas como **regiões de confronto de sentidos** (...) As formações estão em contínuo movimento, em constante processo de reconfiguração. Delimitam-se por aproximações e afastamentos. Mas **em cada gesto de significação (de interpretação) elas se estabelecem e determinam as relações de sentidos** (ORLANDI, 2014, p. 13, grifos nossos).

Os sentidos são ressignificados, desestabilizando o funcionamento esperado pelas FDs religiosas (cristã, hinduísta e budista) fazendo uma ruptura com os dizeres esperados pelas respectivas ideologias, desse modo, funcionam imbricadas produzindo um efeito diverso.

O Discurso Artístico, cambiante por natureza, contraditoriamente, também pode ser atravessado pelo discurso autoritário e pelo discurso polêmico em diferentes proporções **confrontando diferentes Formações Discursivas** (...). Ao nosso ver, **o discurso artístico, por intermédio da materialidade e das práticas discursivas** que o constituem **poderá apenas apontar uma predominância do lúdico** (...) **constituído de processos discursivos ‘livres’ e abertos como o polissêmico e o não-verbal** (NECKEL, 2005, p.02, grifos nossos).

Considerando a possibilidade de FDs imbricadas, ao realizar um gesto de leitura no Discurso Artístico, há uma deriva de sentidos opacos que encontram lugar na memória, na história e nas rupturas discursivas.

O processo criativo, tratado enquanto processo discursivo e carregado de interfaces históricas, sociais e ideológicas e o artista se insere em uma determinada formação discursiva para produzir seu dizer que tanto pode ser da ordem do verbal ou do não verbal (NECKEL, 2005, p.02-03).

Campos (2010, p. 36) afirma que “a arte cria a partir da ideologia, retira elementos dela”, assim, considera-se que no discurso há sempre um discurso outro, a obra se inscreve em uma formação discursiva artística e movimenta saberes

cristalizados através dos tempos, mas com sentidos diversos. Conforme o imaginário da arte, pressupõe-se um questionamento sobre as estruturas sociais, a imagem pode ser considerada como uma crítica que se estabelece ao sistema religioso que está colapsando e sucumbindo ao capitalismo, a partir de uma memória coletiva em que o dinheiro é o deus deste século.

Outra referência é a composição de vários braços segurando objetos variados que, na FD hinduísta, remete à deusa Kuan Yin. Ter muitos braços representa a onipresença e cada objeto nas mãos indica que são os desejos solicitados pelos fiéis.

Na representação, há elementos que se referem ao pecado, conforme a própria formação discursiva religiosa cristã, evidenciado principalmente no primeiro par de braços em que no lugar das mãos há galhos com a maçã que na formação discursiva cristã representa o próprio pecado e a queda humana. Há um cachorro-quente, que pode simbolizar a gula, ou ainda um rato que pode significar o roubo, máscaras que indicam falsidade, entre outros objetos que fazem referência a credences populares.

Orlandi (2014, p.15) afirma que o “deslize e a ambiguidade são constitutivos da língua”. Assim, ao imbricarmos os imaginários dos objetos nas mãos de Kuan Yin que representam os pedidos do povo com os objetos inseridos pelo artista Fernando Baril (Figura 9) significando pelas representações do cristianismo, é produzido como efeito de sentido que os cristãos estão fazendo pedidos que não condizem com o próprio cristianismo, mas sim com o capitalismo.

A obra (Figura 9) é muito rica em detalhes, possibilitando a ambiguidade e o conflito como Discurso Artístico, assim, tem-se como possibilidade não só a perspectiva de sincretismo religioso, associando objetos simbólicos de outras religiões e credences, mas o uso do imaginário do deus Shiva (destruidor e renovador) com Cristo reforça o efeito de sentido que o cristianismo está sofrendo uma degradação moral em razão da substituição de valores religiosos por valores capitalistas.

Há uma oposição entre o imaginário de sagrado e profano dependendo de qual FD religiosa o sujeito se filia, tendo em vista que, para um sujeito inscrito na FD cristã, há um elemento simbólico de religiosidade, a imagem do sofrimento de Cristo que remete por interdiscurso a um imaginário sagrado a partir da memória do texto

bíblico e essa será a identificação do sujeito com a imagem do próprio Deus que, por efeito ideológico, deve ser reverenciada.

Se ignorarmos a possibilidade de sentido do sincretismo com os deuses Shiva e Kuan Yin, ficando apenas com a FD cristã, a presença de elementos que se refiram a outro discurso religioso produzem sentido relacionado ao paganismo e um efeito de profanação e desrespeito. Aquele que promove e divulga a profanação (o artista e/ou o patrocinador) será considerado como um inimigo de Deus, um herege, que precisa ser enfrentado em nome da fé, podendo trazer à memória, inclusive, o discurso da “Santa Inquisição”.

Aqui retomamos outro elemento da acusação de vilipêndio, com base, principalmente, na formulação da SD7: “foi uma baita falta de respeito com quem é católico escrever palavrões nas hóstias”. Os dizeres remetem à obra “Et Verbum” (Figura 11).

Figura 11: *Queermuseu*, Obra “Et Verbum”, 2017, de Antônio Obá.



Fonte: Farah (2017).

A obra de Antônio Obá (Figura 7), “Et Verbum”, possui, como objetos simbólicos, a representação de hóstias que discursivamente se referem a um símbolo

sagrado cristão com relação direta ao imaginário do corpo de Cristo, da purificação e da santificação.

No discurso católico, a hóstia carrega uma significação maior do que uma materialidade sagrada, é tratada como a própria divindade, tanto que é chamada de “Santíssimo Sacramento”:

(...) a santa humanidade [de Cristo] está presente no Santíssimo Sacramento, em virtude do poder das palavras da consagração (...) O Santíssimo Sacramento é especialmente o Corpo e Sangue de Jesus Cristo. É a presença de sua santa humanidade e o teatro particular de suas maravilhas (FABER, 1954, p. 84-85).

(...)

A simplicidade é igualmente a grande lei do Santíssimo Sacramento. Com efeito, não é coisa consagrada pela ação de Deus, é Deus mesmo. Não é a influência, o efeito, a graça de Jesus: é Jesus em pessoa, a fonte da graça (FABER, 1954, p. 158)

Elíade (1992), ao teorizar sobre o sagrado e o profano, apresenta com clareza a noção de superioridade da divindade sobre o humano, explicando de que trata de uma experiência “terrífica e racional” em que o homem sente um espanto, uma sensação diferenciada diante do sagrado, considerando como uma grandeza imensurável e se considerando como insignificante:

[o homem] Descobre **o sentimento de pavor diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas* que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser. (...) todas **essas experiências** [são designadas] como *numinosas* (do latim *numen*, “deus”) porque elas **são provocadas pela revelação** de um aspecto do poder divino. **O *numinoso* singulariza-se** como qualquer coisa de *ganz andere*, radical e totalmente diferente: **não se assemelha a nada de humano ou cósmico**; em relação ao *ganz andere*, **o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de “não ser mais do que uma criatura”**, ou seja – segundo os termos com que Abraão se dirigiu ao Senhor –, de não ser “senão cinza e pó” (ELÍADE, 1992, p. 12, grifos nossos).**

Assim, a hóstia não é meramente um pão, mas ela assume o papel, conforme Elíade (1992), de *hierofania* que é definida como a “manifestação reveladora do sagrado”.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-

se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, (...) não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. **A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere** (ELÍADE, 1992, p.13, grifos nossos).

A obra apresenta nas hóstias os dizeres: “vulva”, “língua”, “gozo”, “vagina”, “pele”, “bunda”, “suor”, “cu”, além de outros termos que se remetem ao imaginário do corpo nu ou de algumas formas de relação sexual tratadas como atos lascivos pela FD cristã.

Salerno (2007), ao refletir sobre a nudez, afirma que há percepções variáveis dependendo da cultura, mas, na cultura ocidental, se for exposta, geralmente é condenada:

La ausencia del vestido interrumpe el código de comunicación, abriendo la posibilidad de **generar nuevas interpretaciones** sobre los significados de los cuerpos. (...) La ausencia del vestido **puede provocar un impacto profundo en la constitución psicológica** de los individuos. Tradicionalmente, diversos trabajos exploraron las relaciones entre el vestido y el pudor – **una noción culturalmente variable**. En **la sociedad occidental, el desnudo es tolerado en ocasiones limitadas** – fundamentalmente, en el contexto de relaciones íntimas y privadas. **Fuera de estas circunstancias, suele ser condenado** (SALERNO, 2007, p. 11, grifos nossos).

A formação discursiva cristã insere interdições considerando que a prostituição e a homossexualidade são pecados para a condenação: **“Não haverá rameira** dentre as filhas de Israel; **nem haverá sodomita** dentre os filhos de Israel. (...) porque ambos estes **são igualmente abominação ao Senhor** teu Deus (BÍBLIA, 2004, p. 260, Dt 23:18, grifos nossos).

Também se inclui como interdição que a prática do sexo fora do casamento também não pode ser realizado: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação; que vos **abstenhais da fornicção**” (BÍBLIA, 2004, p. 1689, 1Ts 4:3, grifos nossos).

Dessa maneira, o próprio discurso bíblico constitui uma formação discursiva pelas interdições, pelo não-dito, tornando cristalizado o sentido que o sexo deve ser realizado apenas no casamento e na relação tradicional entre homem e mulher com a cópula pênis e vagina.

Paulo (BÍBLIA, 2004) refere-se que para santificar a alma deve-se evitar as obras da carne, afirma que “(...) o corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo” (BÍBLIA, 2004, p. 1590, 1Co 6:13).

Um interdiscurso que funciona por paráfrase sobre a carne pecaminosa foi escrito em 1706 pelo pastor protestante Matthew Henry:

(...) o **cristão nunca deve** se colocar debaixo do poder de um **apetite carnal**, qualquer que seja. **O corpo é para o Senhor**, e deve ser instrumento de justiça **para a santidade**; portanto, não deve ser instrumento de pecado. (...) A esperança da ressurreição em glória deve **guardar os cristãos de desonrarem os seus corpos com luxúrias carnis** (HENRY, 2003, p. 955, grifos nossos).

Os sentidos são produzidos dentro da mesma formação discursiva. Conforme Indursky (2011, p. 85), há um encontro entre “o dizer cristalizado” com as “práticas discursivas, que faz ecoar um sentido que circula na memória social”, evidenciando a identificação do discurso cristão com a santificação e a contraidentificação com qualquer noção de sexualidade fora da heteronormatividade, reforçando a noção de que o prazer sexual terá sentido de perdição, logo deve ser evitado e todo o sofrimento suportado será considerado como dignidade.

A matriz de sentido permanece na ideologia cristã, em que a hóstia representa o Santíssimo, o próprio Deus que foi concebido sem a “conjunção carnal” que carrega consigo a noção de “pecado original” por Adão e Eva, logo, associar a suprema santidade com a representação de pecado torna-se inaceitável.

Conforme o Discurso Artístico, é possível formar sentidos associados à máxima de Paulo em que há o conflito, na perspectiva humana, entre o desejo carnal e a santidade, em que o espírito (sagrado) contradiz o corpo (profano) e são indissociáveis. Também se tem a possibilidade de formar o sentido de dessacralização, desconstituindo a noção de sagrado e profano, com crítica ao sistema religioso.

Como resposta à ofensa, percebe-se uma ideia de punição como na SD8 que considera aceitável uma punição extrema a quem desrespeita a religião, sugerindo fazer “um parecido contra Maomé na Espanha” para que fossem castigados, ou na SD12 com os dizeres: “vocês tem um inimigo para a vida toda. Aguardem as consequências (...) Malditos sejam por toda a eternidade”. Esse posicionamento defende uma resposta punitiva àqueles que fazem uma profanação, fazendo

referência à memória do discurso bíblico que possui muitas indicações diretas à condenação, principalmente com o imaginário religioso de um Deus poderoso que, segundo o Antigo Testamento, considera o castigo como atitude positiva e necessária:

Guarda-te diante dele e ouve a sua voz, e **não provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebelião (...); Serei inimigo dos teus inimigos** e adversário dos teus adversários (...) e **os destruirei (...); E o aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor** no cume do monte aos olhos dos filhos de Israel (BÍBLIA, 2004, p. 116-117, Ex 23: 21-23; 24: 17, grifos nossos).

Eis que **bem-aventurado é o homem a quem Deus castiga, não desprezes, pois, o castigo do Todo-poderoso** (BÍBLIA, 2004, p. 707, Jó 5:17, grifos nossos)

Esses enunciados, por paráfrase, foram deslocados para outras condições de sociedade, para produzir o discurso católico da inquisição no qual, em publicações tradicionais, percebe-se uma defesa calorosa dos princípios religiosos com legitimação para posicionamentos inflexíveis:

Entre as **causas que geraram a Inquisição** devemos enumerar também a **ideologia da Idade Média. O POVO**, com sua fé ardente, **não podia aturar o erro, nem o desprezo de suas crenças. Sentia-se provocado e injuriado por sacrilégios cometidos pelos hereges. Tôda a dissensão ideológica levava a violências, cometidas por ambas as partes. Os REIS**, por sua vez, **consideravam a unidade religiosa como base**, ou parte da unidade civil. Para êles a **perseguição dos hereges era uma questão política de unidade e paz interna**. Realmente, onde medrava a heresia, imediatamente havia distúrbios, rebeliões dos hereges, reações populares violentas, guerras religiosas (BERNARD, 1959, p. 14, grifos nossos).

É um discurso de intolerância, pois apresenta como positivo que o povo não aturava o erro. Assim, procura-se justificar até mesmo as atitudes violentas, considerando como algo necessário para a “paz interna”.

Na controvérsia, principalmente nos dias de hoje, não há como exagerar a sua importância. Temos o hábito de **repelir com energia e indiscutível justiça os argumentos dos hereges** contra a doutrina do Santíssimo Sacramento (FABER, 1954, p. 30, grifos nossos).

Na explicação de Faber (1954), percebe-se uma filiação à FD conservadora, pois não se admite o pensamento divergente, incentivando inclusive um movimento de resistência dos cristãos contra os discursos dos hereges.

Também havia um posicionamento de intolerância da multidão e o dever de silenciar os hereges, naturalizando até a violência em defesa do discurso religioso.

(...) não devemos esquecer de meditar com santo terror sobre os juízos temporais que Deus pronuncia contra os profanadores do Santíssimo Sacramento. O Espírito Santo ordenou a S. Paulo de revelar à Igreja que, **em razão das comunhões sacrílegas, muitos fiéis haviam sido flagelados por cruéis moléstias e alguns até pela morte temporal.** Dir-se-ia que a indignação divina, que nos tempos antigos se interpunha para proteger a arca do Senhor, se preme agora em *volta do adorável Sacramento dos nossos altares*. Enfim, o **Papa recebeu a luz do alto, pela qual foi leva a concluir que este aumento de mortandade era infligido pelas numerosas comunhões sacrílegas cometidas** por aqueles que estavam preenchendo o seu dever pascal (FABER, 1954, p.369-370, grifos nossos).

Faber (1954) faz o seu discurso com a noção que o castigo e a morte são merecimento para os hereges e para os que cometem sacrilégio. Enfim esses discursos ecoam até a atualidade refletindo em enunciados que um sujeito se posiciona julgando como crime ou imoralidade, independente de um processo legal, defendendo que deve haver uma punição.

A condição de produção no digital também interfere na formação do sentido, Myers (2014) explica como funciona a polarização de grupos na internet:

Os inúmeros grupos virtuais da internet permitem que pacifistas e neonazistas, *geeks* e góticos, teóricos da conspiração e sobreviventes do câncer se isolem com seus congêneres e encontrem apoio para suas preocupações, interesses e suspeitas compartilhadas (...) Correio eletrônico, Google e sala de bate-papo tornam muito mais fácil que pequenos grupos reúnam pessoas congêneres, cristalizem ódios difusos e mobilizem forças letais (MYERS, 2014, p.230).

Segundo Dias (2018), na condição do ciberespaço, a circulação dos discursos é potencializada. Então, os dizeres bíblicos e da inquisição hoje tem os sentidos deslizados para o digital, naturalizando inconscientemente essa polarização religiosa, reproduzindo, por paráfrase, os sentidos, controlando o que pode e deve ser dito, caracterizando-se como um discurso autoritário em que “a polissemia é contida” (ORLANDI, 2015, p. 86).

Não há como determinar o sentido das obras apresentadas e das respectivas SDs, entretanto, após a observação dos objetos simbólicos, das memórias e do já-dito, pode-se realizar alguns gestos de leitura, assim, conforme o Discurso Artístico que se constitui de contradições, rupturas e desestabilização dos sentidos, as obras podem ter o sentido de crítica social

Para a FD cristã católica, a hóstia significa a representação maior da divindade sagrada, assim, qualquer associação do corpo sagrado a outros deuses ou a práticas pecaminosas é considerada como uma ofensa gravíssima, inclusive com memórias que autorizam respostas ríspidas aos hereges e, na condição de produção das SDs nas redes sociais, esse efeito pode ser potencializado.

Observa-se que acontece o esquecimento nº 1, como um efeito ideológico para os sujeitos filiados à FD cristã católica, assim, só há um sentido que pode ser dito: o sentido de desrespeito e profanação. Quanto aos dizeres nas SDs, observa-se o esquecimento nº 2 que trata da enunciação semiconscente em que o sujeito utiliza palavras que correspondem à sua filiação discursiva. Então, com o uso dos dizeres: “zombaria”, “escárnio” e “vilipêndio”, percebe-se a não identificação com o *Queermuseu* e a identificação com o discurso cristão católico.

4.4 MATERIALIDADES ÁCIDAS: IRONIAS, OFENSAS E AMEAÇAS

Aqui faremos a apresentação das Sequências Discursivas relativas à hostilidades com a instituição, destacando o uso da ironia com uma forma de oposição; encerrar o relacionamento comercial com o banco por discordância ideológica; o uso de xingamentos; declarações contra estrangeiros; além de algumas SDs que mencionaram situações anteriores ao *Queermuseu* para reforçar a crítica à instituição.

Orlandi afirma que a ironia rompe com a significação e questiona o dito: “a ironia como ruptura no nível dos princípios, ou seja, do próprio estabelecimento dos processos de significação da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 37). Percebe-se que a ironia estabelece um sentido de oposição.

Pela ironia, questiona-se a natureza da linguagem, questiona-se a inserção no senso-comum, questiona-se o funcionamento da ideologia e a própria constituição da significação. E, ao questionar, põe-se em funcionamento mecanismos que impedem que a linguagem estacione e pare de significar (ORLANDI, 2012, p. 37)

A autora explica que “pela ironia, questiona-se a natureza da linguagem”, “a inserção no senso-comum”, “o funcionamento da ideologia e a própria constituição da significação”. O questionamento funciona como um mecanismo que rompe com o estabilizado e possibilita outros sentidos, impedindo que “linguagem estacione e pare de significar” (ORLANDI, 2012, p. 37). As SDs a seguir foram produzidas como ironia ao Santander:

SD23. Parabéns aos envolvidos. (Recorte do comentário 4)

SD24. Parabéns banco Santander pornográfico (Recorte do Comentário 8)

A ironia funciona como uma ruptura de uma produção de sentido esperado pelo pré-construído da linguagem. Enfim, é uma estrutura que funcionaria como uma identificação. Na SD23 e SD24, ao enunciar “Parabéns”, discursivamente realiza uma ruptura por não se identificar.

Observa-se que a ironia significa um não dizer que se contrapõe e “a destruição do sentido também é um processo constitutivo da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 02), assim, o que representaria um sentido cristalizado, “produz uma inversão ou mesmo um rompimento” (ORLANDI, 2012, p. 28), no caso da SD23 e da SD24, possibilita outros sentidos como uma crítica e um posicionamento de oposição.

A partir da noção de responsabilização e punição, as SDs analisadas na sequência se posicionavam para encerrar o relacionamento comercial com o Santander:

SD25. E é respeitando a pluralidade de bancos, que é com prazer que **fecharei minha conta** e abrirei no concorrente. **Vão aprender na marra** a respeitar os credos, a inocência infantil e **a largar o politicamente correto**. (Recorte do comentário 4, grifos nossos)

SD26. Cartão de crédito já está quebrado, agora é **fechar a conta!!** (Comentário 6, grifos nossos)

SD27. (...) além de propaganda enganosa como do seguro residencial Santander, também patrocínio de pornografia, isto que é Banco estrangeiros que temos aqui no Brasil, vou **fechar minha conta** nesta instituição (Recorte do comentário 8, grifos nossos)

Observa-se nessas SDs que há paráfrases em funcionamento, pois retomam o mesmo sentido com dizeres relativos ao encerramento das contas. Aqui retomamos

a memória das punições e condenações contra os que agem com “imoralidade”, assim, pode-se perceber que não há identificação com o *Queermuseu*.

Também há um discurso capitalista, mas não sob a perspectiva do dinheiro público, agora o sujeito que se posiciona diante do banco como “dono do capital” em uma ideia liberal de livre concorrência em que se pode investir o dinheiro onde quiser e que tem poder e moralidade para julgar (já decidiu que o banco errou) e infligir uma sanção, um boicote, com a satisfação de “fazer justiça”.

Os xingamentos são outro tipo de materialidade que pode trazer divergências nos sentidos e são enunciados como forma de oposição e não identificação.

O xingamento (...) é dessa maneira um sintoma da sociedade na qual ele aparece (no nosso caso, patriarcado capitalista), e **mostra, justamente pelo caráter de ofensa que ele contém, as regras e valores apregoados por essa sociedade**. Além disso, o xingar é ato de fala que **não apenas repete esses valores, mas os reafirma**. Em outras palavras, independentemente da consciência do falante ao proferi-los, **os xingamentos veiculam uma prática baseada nos valores atribuídos** (ZANELLO, 2008, p. 04, grifos nossos)

Ao proferir um xingamento, a noção do sentido colado à palavra (significante) é praticamente irrelevante, considera-se quais valores são representados na condição discursiva em que há uma contraposição. Outra questão relevante é a relação de poder que é estabelecida evidenciando os “lugares sociais” dos sujeitos.

Ao xingar estamos constituindo, **repetindo e reafirmando os valores, exercendo uma espécie de microfísica do poder** [de Foucault] **na qual se situam e se (re)constituem (dinamicamente) os lugares sociais (in)desejáveis para os sujeitos** (ZANELLO, BUKOWITZ e COELHO, 2011, p. 153-154, grifos nossos)

Ao analisar os comentários sobre o *Queermuseu*, foi possível observar os seguintes xingamentos:

SD28. Que banco **lixo!!!** (Recorte do comentário 5, grifos nossos)

SD29. Traduzindo a nota desses **bostas covardes**: (...) (Comentário 16, grifos nossos)

SD30. Já não tenho conta neste **lixo**. (...) **Malditos** sejam por toda a eternidade. (Comentário 19, grifos nossos)

A utilização dos xingamentos nessas SDs indicam que, nas relações de poder da Formação Imaginária, os sujeitos se consideram moralmente superiores e que possuem valores mais adequados à sociedade. Assim, os dizeres: “lixo” (SD28 e 30), “bostas” (SD29) e “malditos” (SD30), podem produzir uma significação que o Santander e o *Queermuseu* são irrelevantes e devem ser excluídos da sociedade.

Ao xingar como “pornográfico”, também podemos acrescentar os dizeres da SD24: “(...) banco Santander pornográfico”. O termo “pornográfico” remete-se a uma memória relativa ao senso comum podendo considerar que a sexualidade apresentada na exposição é vulgar e imoral³⁹.

Assim, o sujeito tem uma noção de moralidade que é resultado da ideologia produzindo um efeito de evidência. Nessas SDs, os sentidos são constituídos a partir da FD cristã, conservadora e política de direita que consideram a discussão de valores proposta pela *Queermuseu* como inaceitável e desprezível.

A expressão “inadmissível” (SD6) apesar de ter efeito semelhante de não identificação, não se constitui como um xingamento. Trata-se de uma forma de ilusão de subjetividade a partir dos esquecimentos que, segundo Pêcheux, emprega “a noção de ‘**sistema inconsciente**’ para **caracterizar** um outro “esquecimento”, **o esquecimento nº 1**, que dá conta do fato de que **o sujeito-falante não pode**, por definição, **se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina**” (PÊCHEUX, 2014, p.162, grifos nossos), comparando ainda que o sujeito não defende ideias contrárias às ideologias que o constituem. Assim, percebe-se que o sujeito tem um posicionamento ideológico contrário à exposição e pode significar indignação como uma ilusão de subjetividade.

Em algumas SDs já analisadas, também há referências ao patriotismo que são empregadas no mesmo sentido dos xingamentos com possível significado xenofóbico por estar filiado à FD conservadora. O direcionamento ofensivo à instituição por ser estrangeira é percebido pelos dizeres como: “instituição infame em solo Brasileiro” (SD12) e “isto que é Banco estrangeiros que temos aqui no Brasil” (SD27). Também se percebe o esquecimento nº 2 mencionado por Pêcheux em que os termos são escolhidos por efeito ideológico e o sujeito tem a ilusão de dizer o que

³⁹ A palavra pornografia deriva do grego, “*porneia*” que “é usada aqui como uma palavra bem geral para as relações e relacionamentos sexuais ilícitos e imorais. (...) *porneia* é a prostituição, e *pornè* é uma prostituta (...) o verbo *pernumi* “vender” (...) é o amor que é comprado e vendido” (BARCLAY, 1985, p. 25).

deveria ser dito e que controla os sentidos, filiado à FD conservadora que o domina, podendo significar que a instituição é ruim por ser estrangeira, que é um erro tê-la em nossa sociedade, reforçando o sentido que a realização do *Queermuseu* foi um erro.

Em algumas SDs, foi possível observar dizeres que se referem a problemas anteriores:

SD31. Sou cliente Santander, já tive minha conta hackeada, já fui mal atendido em todos os canais, minha gerente de conta é uma inepta, mas nada me deixou mais incomodado do que essa exposição bizarra que mistura zoofilia, pedofilia, escarnece de Jesus e o escambau... (Recorte do comentário 5, grifos nossos).

SD32. Já encerrei minha conta com vcs há tempos por outra que vcs já aprontaram. Se não, encerraria agora. (Recorte do comentário 13, grifos nossos)

Ao utilizar-se de uma memória de divergências comerciais anteriores à ocasião do *Queermuseu* (SD27, 31 e 32), o internauta efetiva como sentidos, pelo não-dito, que se trata de uma instituição não idônea, que já é enganadora e que não teria conduta confiável, portanto, é um dizer contrário à credibilidade da instituição e que já seria “previsível” um novo “erro”.

As Sequências Discursivas deste tópico, apresentadas como “materialidades ácidas”, apesar da aparente diferença entre as abordagens, funcionam como uma forma de se impor com superioridade na relação social, pois as críticas pessoais, os xingamentos e a xenofobia refletem, por paráfrase, o julgamento moral e a determinação dos valores próprios como determinantes.

Enfim, percebe-se que os sujeitos desses comentários, afetados pelos esquecimento nº 2, possuem uma ilusão de controle dos sentidos e, pela Formação Imaginária se colocam em posição de superioridade na relação de poder com o outro, Isso ocorre como um efeito ideológico e inconsciente das FD cristã, conservadora e política de direita que o constitui.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analista, apesar de não se desvincular das ideologias que o constituem, deve procurar ter distanciamento do objeto e, a partir do aparato teórico metodológico da Análise do Discurso perceber como os discursos em circulação mobilizam a memória, o pré-construído, enfim, o que foi dita antes e em outro lugar, além de observar as formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito em determinadas condições de produção. Também se pode significar a partir do silêncio constitutivo dos dizeres pelos esquecimentos e pelo não-dito.

Como etapas para o desenvolvimento dessa pesquisa, primeiramente foi realizado uma abordagem teórica sobre os principais conceitos que orientam a Análise do Discurso de orientação francesa. O funcionamento da ideologia acontece por processo inconsciente e nas práticas discursivas, há uma ilusão de consciência pois o sujeito não é a origem do dizer que, segundo Orlandi (2015), é um efeito ideológico, uma ilusão necessária.

Ele, o sujeito, não poderia ser a origem de si. Pelo deslocamento proposto por Pêcheux, fazendo intervir a ideologia na relação com a linguagem, o teatro da consciência (eu vejo, eu penso, eu falo, eu te vejo etc) é observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que se fala ao sujeito, que se fala do sujeito, antes que o sujeito possa dizer: “Eu falo” (ORLANDI, 2005, p. 100-101).

Os sentidos são produzidos com o funcionamento da memória e as relações interdiscursivas, observando o movimento dos sentidos em paráfrases (o mesmo) e polissemias (o diferente) “como forças que sustentam igualmente a relação com o simbólico” e as “formações imaginárias entre as situações no mundo e as posições no discurso. E pelo fato de que no discurso há sempre um discurso outro, função da relação de todo dizer com a ideologia” (ORLANDI, 2014, p. 13).

Posteriormente foi apresentada, de modo detalhado por meio de notícias, como aconteceu a polêmica em torno da realização da exposição *Queermuseu* realizando a análise discursiva de cinco obras inseridas na exposição que centralizam os discursos que funcionaram como polêmica, demonstrando a constituição do discurso artístico que produziu deriva de sentidos entre o imaginário da religião e da sexualidade como modo de crítica da sociedade e dos comportamentos.

As obras faziam misturas de objetos simbólicos filiados a diferentes formações discursivas, produzindo uma nova formulação discursiva com associações que possuem conflitos, gerando outras discursividades em que não se percebia estabilização, resultando na polissemia do discurso artístico que “não funciona como uma proposição estabilizada, mas como um ponto em um espaço de disjunções lógicas” (PÊCHEUX, 2008, p. 23).

O Santander publicou uma nota no *Facebook* anunciando o fechamento da exposição *Queermuseu* em razão da repercussão negativa para a imagem do banco nas redes sociais, logo, a nota também foi analisada para observar os respectivos sentidos produzidos e percebeu-se que a publicação foi um gesto político para se desculpar pela “ofensa”, mas a polêmica já estava estabelecida e reverberaram 30.000 comentários a partir da nota, os primeiros 1000 comentários foram publicados em menos de dois dias.

Como delimitação para a análise dos comentários, entre os primeiros 1000 comentários, publicados entre os dias 10 e 11 de setembro de 2017, foram selecionados os vinte que tiveram mais curtidas pelos usuários da rede social *Facebook*, que funcionam como resposta à nota do Santander Brasil em que os sujeitos internautas usuários do *Facebook* registraram o seu posicionamento.

Para a análise, organizamos os comentários em quatro grupos por semelhança na produção dos sentidos, muitas vezes, por paráfrase. O primeiro grupo apresenta uma discussão sobre o controle da divulgação das obras, sobre a polarização política e o uso do dinheiro público. O segundo grupo reuniu os comentários sobre imoralidade e religiosidade, completou a discussão sobre sexualidade a partir das acusações de zoofilia e pedofilia. No terceiro grupo, foi tratado sobre a religiosidade, abordando a problemática do vilipêndio, falando sobre o sagrado e o profano. No último grupo, foi possível observar a discursividade sobre encerrar o relacionamento comercial como uma forma de punição e de mostrar poder e também perceber como a ideologia funciona por meio dos xingamentos, retomada de problemas anteriores e gestos de xenofobia como uma forma repudiar a instituição.

Após a realização das análises dos comentários, devemos acrescentar ainda que, para Orlandi (2007), até mesmo o silêncio é discurso. O silêncio sem dúvida significa. Percebeu-se que nenhum comentário com maior destaque teve posicionamento contrário ao fechamento da exposição, ou fizesse uma defesa que

há liberdade no discurso artístico. Todas as Sequências Discursivas selecionadas para esta pesquisa concordam com o fechamento da exposição, muitas vezes com críticas grosseiras, reprimendas à instituição financeira e até criminalizando as obras, demonstrando que as respectivas formações discursivas nas quais os sujeitos que postaram seus comentários se inscrevem.

Logo, foi desenvolvido o objetivo geral destacado inicialmente por esse estudo que trata de verificar o funcionamento discursivo nos comentários que repercutiram na rede social *Facebook* a partir da nota publicada pelo Santander Brasil e, no decorrer das análises, percebeu-se a mobilização de diversas formações discursivas que imbricadas na discursivização dos comentários evidenciaram posicionamentos contrários ao *Queermuseu*, filiados ao discurso jurídico, religioso cristão, conservador, autoritário e capitalista entre outros dizeres formados a partir de memórias relacionadas à história da sexualidade e das interdições discursivizadas.

Quando o discurso é formulado, suscita gestos de interpretação que se atualizam e rememoram sentidos. No ciberespaço, segundo Dias (2018), esse processo é constante, por isso, a circulação produz deslocamentos e atualizações para os sujeitos internautas, produzindo sentidos que não podem ser controlados, muitas vezes descolando do histórico.

Assim, as redes sociais funcionam como um espaço de pluralidade de opiniões com fluxos de informação com heterogeneidade de sentidos que, segundo Orlandi (2006) formam uma memória metálica com multiplicidade de vozes, um “universal sem totalidade”. A sociabilidade no digital produz a ilusão de coletividade que pode potencializar comportamentos intolerantes pela identificação ideológica dos dizeres discursivizada pelos “likes”.

Por meio das SDs analisadas, percebe-se a circulação de discursos contrários as obras do *Queermuseu* principalmente por segmentos filiados à FDs conservadoras, observa-se que acontece um efeito de polarização potencializada pelo ciberespaço por ter a impressão que há uma coletividade concordando com o posicionamento levando à rispidez e à intolerância. Enfim, observou-se uma interdição de dizeres favoráveis à arte e à sexualidade, pois não é permitido ao *Queermuseu* falar sobre diversidade sexual e também não se pode fazer críticas ao sistema religioso, logo, há um efeito ideológico silenciando certos sentidos.

A partir do esquecimento ideológico, compreendemos a noção que o sujeito possui de efeito de evidência com a ilusão que sua percepção é transparente, a

verdade. Com isso, fomenta-se, por meio dos aparelhos ideológicos (igreja, escola e mídia), a circulação de discursos que naturalizam os efeitos de sentido preconceituosos, forçando um silenciamento e até um apagamento. Os sentidos são possíveis no processo discursivo por remeter-se a memórias e formações imaginárias, percebendo como se estabelecem as relações de poder e assim os dizeres produzem sentidos que se atualizam, deslizam e podem se ressignificar. Na constituição da história, os sujeitos e as condições mudam e o sentido atribuído pode “ser outro”.

Os sujeitos com sexualidade diferente da heteronormatividade (não só os homossexuais, mas todos que estão inseridos na Teoria Queer) ainda convivem na situação de não terem voz e não serem vistos como sujeitos, estão entre o “não-dito”, colocados à margem em um silenciamento. Entretanto, mesmo não estando inscritos nos discursos que circulam com aprovação social, eles existem, ponto. Desse modo, é relevante trazer à discussão para ressignificar os sentidos cristalizados e estabilizados, deslocando essas memórias para outro lugar, o lugar do respeito e da humanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCORÃO. Português. **Alcorão**. Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. Disponível em: http://www.ligaislamica.org.br/alcorao_sagrado.pdf. Acesso em 20 dez. 2019.

ALMEIDA, Alberto Carlos. Comportamento eleitoral e ideologia: evidências de que a ideologia não é importante para explicar o voto. **25º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu-MG, 2001. Disponível em: <http://www.anpocs.org/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st15-3/4640-aalmeida-ideologia/file>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3.ed. Traduzido por: Joaquim José de Moura Ramos. Título original: *Ideologie et Apareils Ideologiques D'Etat*. Lisboa - Portugal: Presença, 1980.

ART.COM. **Ancient Greek Sodomising a Goat**, plate XVII from 'De Figuris Veneris', pub. 1900. Disponível em: <https://www.art.com/products/p1775737645-sa-i4200240/edouard-henri-avril-ancient-greek-sodomising-a-goat-plate-xvii-from-de-figuris-veneris-by-f-k-forberg-pub-1900.htm>. Acesso em: 27 dez. 2019.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. pp.201-226. In: CONEIN, Bernard *et al* (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2016.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, (19): 25-42, jul./dez. 1990. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3012/4095>. Acesso em: 13 nov. 2019.

AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião: Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. **Revista Veja**. Atualizado em: 18 fev. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos: Arte e Ensino**. Belo Horizonte – MG; Editora Arte, 1998.

BARCLAY, William. **As Obras da Carne e o Fruto do Espírito**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

BERNARD, José. **A inquisição**: a história de uma instituição controvertida. Vozes em defesa da fé, caderno 33. Publicação do secretariado nacional de defesa da fé. Petrópolis - RJ: Vozes, 1959.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. *Texto por Sociedade Bíblica do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. Senado Federal. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília – DF; D.O.U., 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 07 jan. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília – DF; Diário Oficial da União de 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 jan. 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O paradoxo da esquerda no Brasil. **Novos estudos** – CEBRAP. N° 74, 2006, p.25-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/2963-8.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BUSKIRK, Martha. **The Contingent Object of Contemporary Art**. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2x8evmFgnJkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=belongs%20museu&f=false>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BUTLER, Judith R. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.151-172.

CAMPOS, Luciene Jung de. **Imagens à deriva**: interlocuções entre a arte, a psicanálise e a análise do discurso (tese de doutorado). Porto Alegre – RS: UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27958/000765603.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHIARETTI, Paula. A discursividades do clique na produção de sentidos e sujeitos. **Revista Fragmentum**. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, Jul./Dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23309/15109>. Acesso em: 04 jan. 2020.

CHUN, Wendy Hui Kyong. **Programmed visions: software and memory**. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2011. Disponível em: <http://observatory.constantvzw.org/books/wendy-hui-kyong-chun-programmed-visions-software-and-memory.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2020.

COOMARASWAMY, Ananda K.; NIVEDITA, I. **Mitos Hindus e Budistas** (formato e-book). *Tradução de Maria C. G. Cupertino*. São Paulo: Editora Landy, 2002.

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DELA-SILVA, Silmara. Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia. pp.207-228. *In: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari et al (orgs.). Discurso, resistência e...* Cascavel, PR: Edunioeste, 2015.

DELA-SILVA, Silmara. Os “novos” espaços para os sujeitos e(m) seus processos de (contra)identificação com o discurso midiático. pp.72-92. *In: GRIGOLETO, Evandra et al (orgs.) Identidade e espaço virtual: múltiplos olhares [recurso eletrônico]* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. Disponível em: https://issuu.com/neplev/docs/identidade_e_espaco_virtual/11. Acesso em: 20 dez. 2019.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas - SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação. pp.279-291. *In: FLORES, Giovana Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas - SP: Pontes Editores, 2015.

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção Hiper Saberes. Santa Maria: UFSM, Dez, 2009. Disponível em: http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf. Acesso em: 04 jan. 2020.

DIAS, Tiago. "Nós, LGBT, já fomos crianças e isso incomoda", diz artista acusada de incitar pedofilia. **Uol Notícias** / entretenimento. 12 set. 2017. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/12/nos-lgbt-ja-fomos-criancas-esse-assunto-incomoda-diz-artista-acusada-de-pedofilia.htm>. Acesso em: 18 jul. 2019.

DÍAZ, Maurício Amar. Los movimientos sociales: Notas para repensar la acción política. **Actuel Marx/ Intervenciones**. nº 13. pp.06-17. Santiago: Editorial Lom, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/3255454/Los_movimientos_sociales._Notas_para_repensar_la_acci%C3%B3n_pol%C3%ADtica. Acesso em: 05 jan. 2020.

ELÍADE, Miriade. **O Sagrado e o Profano** (e-book). São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2019.

FABER, Frederick William. **O Santíssimo Sacramento**. 3.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1954.

FARAH, Tatiana. Veja 30 obras da exposição censurada no Santander Cultural (dentro do contexto) e tire suas próprias conclusões. **BuzzFeed.News**. 12 set. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/tatianafarah/veja-30-obras-da-exposicao-censurada-no-santander-cultural>. Acesso em: 18 jul. 2019.

FERACINE, Luiz. **Karl Marx ou a sociologia do marxismo**. São Paulo: Editora Escala, 2011.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FOSTER, Gustavo. "Queermuseu": quais são e o que representam as obras que causaram o fechamento da exposição. **Gaúcha Zero Hora**. 11 set. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/queermuseu-seu-quais-sao-e-o-que-representam-as-obras-que-causaram-o-fechamento-da-exposicao-9894305.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (e-book). 48.ed. Recife - PE: Global Editora / Fundação Gilberto Freyre, 2003. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=141600>. Acesso em: 19 dez. 2019.

G1. **Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'**. 03 jan. 2019. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 31 dez. 2019.

G1. **Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos.** 07 jan. 2015. Disponível: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre o sujeito usuário e o sujeito do conhecimento: contradições e atravessamentos no discurso da escrita dos AVAS. *In*: FLORES, Giovana Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia.** Campinas - SP: Pontes Editores, 2015. p.261-278.

GRIGOLETTO, Evandra. Do Lugar Social ao Lugar Discursivo: O Imbricamento de Diferentes Posições-Sujeito (simpósio). *In*: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD 2 (anais).** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigolett o.pdf>. Acesso em: 03/08/2017.

GRIGOLETTO, Marisa. Silenciamento e Memória: Discurso e colonização britânica na Índia. **Organon**, UFRGS, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/download/30026/18622>. Acesso em: 16 dez. 2019.

GUTIERRES, Zeca. Entre festa e manifestação, a 23ª Parada Gay de São Paulo relembra a Revolta de Stonewall. 26 abr. 2019. **Casa de Criadores.** Disponível em: <http://casadecriadores.com.br/2019/04/pela-otica-da-23-parada-gay-de-sao-paulo-um-mergulho-na-revolta-de-stonewall/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico de Matthew Henry.** 3.ed. Traduzido por Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2003.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969) *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014.

INDURSKY, Freda. Os (des)caminhos do discurso político brasileiro na contemporaneidade. *In*: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD 7 (anais).** Recife, 2015. pp.1-22. Disponível em: https://www.academia.edu/39691235/Os_des_caminhos_do_discurso_pol%C3%ADtico_na_contemporaneidade. Acesso em: 28 dez. 2019.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. pp. 67-89. *In*: INDURSKY, Freda; MITMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). **A memória e história na/da Análise do Discurso.** São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? (simpósio) *In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD 2 (anais)*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. pp.1-11. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

LANDAW, Jonathan; BODIAN, Stephan. **Budismo para leigos** (e-book). Rio de Janeiro, Editora Alta Books, 2009, Disponível em: <http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Budismo-Para-Leigos-Jonathan-Landaw-e-Stephan-Bodia-1.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. Coleção Pensadores. Título original: *Psychologie des Foules*. Presses Universitaires de France, 1895. [S.l.]: Edições Roger Delraux, 1980.

LE MOS, **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão**. Takes Cuts Close-ups. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo: Após protestos nas redes sociais, banco Santander encerra mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual. **El País**. 13 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: 15 jul. 2018.

MYERS, David G. **Psicologia Social**. 10.ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. Língua – Línguas(gens): Arquivo? Memória? Inscrição? **Letras** (revista do programa de pós-graduação em Letras da UFSM). Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 285-306, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11735/7165>. Acesso em 27 dez. 2019.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. Análise de Discurso e o Discurso Artístico (simpósio). *In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD 2 (anais)*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html. Acesso em: 15 dez. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12.ed. Campinas – SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Introdução. In: ORLANDI, Eni Puccinelli *et al* (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 4.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Destruição e Construção do Sentido: Um estudo da ironia (*publicado na revista Série Estudos, nº12, em 1986*). **Discursividade Web Revista**. Edição nº 09 - Janeiro/Maio 2012. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à Vista**: Discurso de Confronto: Velho e Novo Mundo. 2.ed. Campinas – SP: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6.ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Conversa com Eni Orlandi (entrevista). In: BARRETO, Raquel. **Teias**. Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006. Disponível em: <<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Analise%20do%20Discurso%20-%20Eni%20Orlandi.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**. Campinas – SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux: textos selecionados por Eni Orlandi. 4.ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). pp.59-158. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: três épocas (1983). pp.307-315. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, Michael. Ler o Arquivo Hoje. pp.57-68. In: ORLANDI, Eni Puccinelli *et al* (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2014d.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Orlandi. 5.ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). pp.159-250. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014.

QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dht/cartilha_politicamente_correto.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

RODRIGUES, Herbert. **A Pedofilia e suas narrativas**: uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil (tese de doutorado em Sociologia). São Paulo – SP: USP, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15042015-152015/publico/2014_HerbertRodrigues_VCorr.pdf. Acesso em: 08 jan. 2020.

SALERNO, Melisa Anabella. “Algo habrán hecho...” La Construcción de la Categoría “Subversivo” y los Procesos de Remodelación de Subjetividades a través del Cuerpo y el Vestido (Argentina, 1976-1983). *In*: **Revista de Arqueología Americana**. N.24. Instituto Panamericano de Geografía e História, México. 2007.

SALIC – Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura. **Santander Cultural inaugura a exposição inédita Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira** (Nota de Imprensa do Santander). 14 ago. 2017. Disponível em: <http://salic.cultura.gov.br/verprojetos/abrir?id=1276858>. Acesso em 18 jul. 2019.

SEGABINAZZI, Tiago; MAZZARINO, Jane Márcia. Modernidade em Movimento: Jornalismo e tecnologias digitais. **Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación**. V.14, n.27. 2017. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/1033>. Acesso em 16 dez. 2019.

SILVA, Sandra. **Teorias da Conspiração**: sedução e resistência a partir da Literacia Mediática (dissertação). Porto – Portugal: Universidade do Porto, Mestrado em Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55681/2/TESEMESSANDRASILVA000126278.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SPERB, Paula. Exposições são lugares de debate, diz curador do Queermuseu a CPI. **Revista Veja**. 23 nov. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/exposicoes-sao-lugares-de-debate-diz-curador-do-queermuseu-a-cpi/>. Acesso em 13 ago. 2019.

TAVARES, Flávia, AMORIM, Daniele. Como movimentos ultraconservadores conseguiram encerrar a exposição Queermuseu: De um post de um site local, a controvérsia sobre a mostra em Porto Alegre se converteu num movimento de ameaças. **Revista Época**. 15 set. 2017. Disponível em: [https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerra](https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html)r-exposicao-queermuseu.html. Acesso em: 15 jul. 2018.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. A memória e a história a partir de museus e da constituição de arquivos em torno do espaço urbano. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 46 (3): pp. 932-943. 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1636/1284>. Acesso em: 26 dez. 2019.

VENTURINI, Maria Cleci. **Rememoração/Comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano** (tese de doutorado). Santa Maria – RS: Universidade Federal de Santa Maria UFSM, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3952/MARIACLECIVENTURINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 dez. 2019.

ZANELLO, Valeska. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, UFSC, 25-28 ago. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf. Acesso em: 09 jan. 2020.


ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. **Revista Interações**, Lisboa, v. 7, n. 17, p. 151-169, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/451/405>. Acesso em: 09 jan. 2020.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela; AMARAL, Maria Virgínia Borges. Análise de discurso e o materialismo histórico. pp.35-54. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Matria Cristina Leandro (orgs.). **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos – 30 anos de Michel Pêcheux**. Porto Alegre - RS: Mercado das Letras, 2015.

ANEXOS

ANEXO 1


As imagens⁴⁰ a seguir correspondem aos vinte comentários selecionados como *corpus* de análise desta pesquisa, os mesmos foram publicados como resposta à postagem do Santander na rede social *Facebook* anunciando o fechamento da exposição *Queermuseu*. Os comentários foram selecionados por terem mais curtidas entre os 1000 primeiros comentários publicados entre os dias 10 e 11 de setembro de 2017. Os comentários estão organizadas em ordem decrescente conforme o número de curtidas. Por questão de ética, ocultamos os nomes e as fotos dos autores dos comentários.

Comentário 1.


Não precisam interferir nas artes, mas o mínimo que deveriam fazer é olhar o conteúdo ANTES de liberar o espaço, justamente para ver se não vai contra a "visão de de mundo de vocês" e se não incentivam práticas criminosas!

Curtir · Responder · 1 a · Editado

14 mil

Comentário 2.


Isso não é pedido de desculpas. É apenas um "foi mal, dessa vez nos desmascararam. Tentaremos melhor da próxima vez". Sob a defesa de uma suposta "diversidade" ao final da nota, o Santander mostra seguir a serviço da agenda da esquerda totalitária, que com sua novilingua quer o exato oposto da diversidade: quer a ditadura do pensamento único e a destruição dos princípios e valores positivos que construíram nossas sociedades. Tudo isso com dinheiro dos NOSSOS impostos! Quarta-feira, na Comissão de Direitos Humanos, estarei aguardando um representante do banco para responder pessoalmente na Assembleia Legislativa por mais essa barbaridade chancelada com o dinheiro público. Inadmissível!

Curtir · Responder · 1 a · Editado

8 mil

Comentário 3.


Vergonha! A exposição Queermuseu viola os princípios constitucionais! Apologia a zoofilia, pedofilia e ultrage ao culto religioso! Zombam da fé sob a capa de "conteúdo artístico".

Curtir · Responder · 1 a · Editado

7,8 mil

⁴⁰ Captura de imagem realizada no dia 11 de agosto de 2019, do perfil público do banco Santander, disponível em: <<https://www.facebook.com/santanderbrasil/posts/10154720373470588/>>.

Comentário 4.

É respeitando a pluralidade de bancos, que é com prazer que fecharei minha conta e abrirei no concorrente. Vão aprender na marra a respeitar os credos, a inocência infantil e a largar o politicamente correto. Parabéns aos envolvidos.

Curtir · Responder · 1 a

   7,6 mil

Comentário 5.

Sou cliente Santander, já tive minha conta hackeada, já fui mal atendido em todos os canais, minha gerente de conta é uma inepta, mas nada me deixou mais incomodado do que essa exposição bizarra que mistura zoofilia, pedofilia, escarnece de Jesus e o escambau... Que banco lixo!!!

Curtir · Responder · 1 a · Editado

   6,3 mil

Comentário 6.

Cartão de crédito já está quebrado, agora é fechar a conta!!



   4,9 mil

Comentário 7.

E eu pensei que fosse sensacionalismo de religiões!!! Mas foi uma baita falta de respeito com quem é católico escrever palavrões nas hóstias né. Que feio.

Curtir · Responder · 1 a

   4,3 mil


Comentário 8.

Parabéns banco Santander pornográfico , além de propaganda enganosa como do seguro residencial Santander , também patrocínio de pornografia , isto que é Banco estrangeiros que temos aqui no Brasil ,vou fechar minha conta nesta instituição.




Curtir · Responder · 1 a

   4,2 mil


Comentário 9.




 Código Penal Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena - detenção, de um mês a um ano, ou multa.


Curtir · Responder · 1 a    4 mil




Comentário 10.

 Provocar cristão é fácil, ainda tem o costume de baixar a cabeça e orar. Agora aproveita que vcs são um banco espanhol, faz um parecido contra Maomé na Espanha!

Curtir · Responder · 1 a    3,3 mil


Comentário 11.

 Não tenho palavras para descrever tamanha baixaza da parte de vcs e dos artistas. Isso é crime em todos os sentidos. Devem ser responsabilizados.


Curtir · Responder · 1 a    3 mil




Comentário 12.

 Foram na onda da esquerda progressista desconstrutora e se fuderam!!!! Agora, respirem fundo e sintam a brisa do prejuizo que a instituição sofrerá!!! Vou até pegar minha pipoca 🍿 🙄


Curtir · Responder · 1 a · Editado    2,7 mil




Comentário 13.

 Vcs geraram reflexão sim. Todo mundo refletiu e concluiu que vocês estão alinhados ao que há de mais podre no mundo moderno. Já encerrei minha conta com vcs há tempos por outra que vcs já aprontaram. Se não, encerraria agora.


Curtir · Responder · 1 a    2,6 mil




Comentário 14.

 Foi o Santander que demitiu a analista Sinara Polycarpo Figueiredo, por ter informado aos clientes que a economia iria piorar com a reeleição de Dilma Rousseff (PT). Este "banco" está seguindo à risca a cartilha do "politicamente correto" imposta pela PTzada!

Curtir · Responder · 1 a · Editado    2 mil

Comentário 15.

 Os responsáveis devem responder criminalmente por apologia à pedofilia e escárnio da fé alheia.

Curtir · Responder · 1 a    1,8 mil

Comentário 16.

Traduzindo a nota desses bostas covardes: "O povo ainda não está pronto para aceitar todo tipo de perversidade maluca que nós fomentamos, mas, para evitar prejuízos, vamos fazer de conta que nos sensibilizamos."

Curtir · Responder · 1 a

   1,8 mil

Comentário 17.

Desculpa, Santander, as obras que foram mostradas não propagam diversidade, não promovem arte de forma alguma. Cartazes com desenhos que claramente representam crianças com escritos de "criança viada rainha da lambada" e coisas do tipo, cartazes que mostram homens e mulheres tendo relações com animais, não tem nada de diversificado e artístico. Cadê a curadoria? Vocês não viram nada disso? Há formas e formas de tratar o grotesco e natureza humana na arte sem ser vulgar, apelativo e desrespeitoso como fizeram.

Curtir · Responder · 1 a · Editado

   1,5 mil

Comentário 18.

"Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre a diversidade e outros temas contemporâneos" - e desde quando pedofilia e zoofilia se enquadram nestes debates quando a eles se faz apologia? O que isto tem a ver com diversidade??? Nossa sociedade não irá chegar ao cúmulo de adoecer a ponto de acreditar que isto é inclusão, que isto é diversidade. Não é! É querer enfiar goela abaixo "ideologias" doentias. Nossas crianças precisam de proteção e não vamos apoiar a nada que tente minimizar ou "naturalizar" a pedofilia. Não é normal e nunca, JAMAIS será!

Curtir · Responder · 1 a

   1,3 mil

Comentário 19.

Já não tenho conta neste lixo.

Nessa semana pessoas da minha família tomarão o mesmo rumo e vão cancelar este LIXO.

A partir de agora vocês tem um inimigo para a vida toda.

Aguardem as consequências, pois ofenderam pelo menos 64% da População Cristã do país, que direta ou indiretamente é quem permite a permanência desta instituição infame em solo Brasileiro.

Malditos sejam por toda a eternidade.

Curtir · Responder · 1 a

   1,3 mil

Comentário 20.

Assumam a culpa de uma vez por todas e DEVOLVAM os 850.000 reais que tomaram do POVO para fazer escárnio da fé cristã e promover bizarrices SEXUAIS.

Curtir · Responder · 1 a

   1,2 mil